

ANTÓNIO SEBASTIÃO NAVALHA SOMBREIREIRO

**AS DISCIPLINAS DE HISTÓRIA E DE
GEOGRAFIA NOS CURSOS PROFISSIONAIS DA
ÁREA DO TURISMO**

Orientadora: Fernanda Maria Veiga Gomes

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Educação, Administração e Ciências Sociais

Instituto de Educação

Lisboa

2014

ANTÓNIO SEBASTIÃO NAVALHA SOMBREIREIRO

**AS DISCIPLINAS DE HISTÓRIA E DE GEOGRAFIA
NOS CURSOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DO
TURISMO**

Relatório de Iniciação à Prática apresentado para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, no Curso de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Professora Doutora Fernanda Maria Veiga Gomes

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Educação, Administração e Ciências Sociais

Instituto de Educação

Lisboa

2014

DEDICATÓRIA

Ao Pedro, à Joana e à Margarida, pelas últimas “ausências” e pela falta de tempo disponível para lhes dar o carinho e o apoio que merecem.

Aos meus pais, sem eles não teria sido possível chegar a mais esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem o contributo de algumas pessoas, às quais quero deixar um agradecimento muito especial:

- À minha Orientadora, Professora Fernanda Gomes, pela ajuda e sobretudo pelo incentivo para que este trabalho fosse concluído;

- A todos os Professores da parte curricular do Curso de Mestrado, pelos ensinamentos e disponibilidade sempre demonstrados, em especial à Professora Helena Veríssimo e ao Professor José Duarte;

- Ao professor José Oliveira pela disponibilidade sempre demonstrada e pela ajuda prestada ao longo desta etapa da minha vida;

- Aos meus colegas de curso, pela solidariedade demonstradas. Um agradecimento muito especial à Sofia, ao Pedro e ao Vasco pela amizade e disponibilidade demonstradas;

- Aos colegas professores que colaboraram neste trabalho, sobretudo os participantes nas entrevistas e os que ajudaram na correção dos textos, sem os quais este trabalho não teria sido possível;

- A todos o meu muito obrigado.

RESUMO

Ao longo dos últimos anos o ensino profissional, através das Escolas Profissionais, tem tido uma importância decisiva para o desenvolvimento das regiões onde estas estão inseridas. Graças às Escolas Profissionais, a formação de técnicos especializados em determinadas áreas, veio colmatar imensas lacunas em algumas regiões do país, carenciadas de recursos humanos especializados, capazes de contribuir para o desenvolvimento desses mesmos territórios, através da promoção dos seus recursos e das suas potencialidades.

O presente relatório tem como objetivo tentar mostrar a importância que as disciplinas de história e de geografia podem ter no processo de formação dos alunos que frequentam os Cursos Profissionais na área do Turismo – Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural – e no consequente desempenho dos mesmos, enquanto futuros técnicos na área do turismo.

Os resultados obtidos revelam que os conhecimentos adquiridos na área da história e da geografia nos cursos de Turismo, são os necessários e revelam-se fundamentais para um eficaz desempenho destes técnicos, nomeadamente na identificação, promoção e valorização de todo um património natural, ambiental, histórico, cultural e por consequência, para a promoção turística dos territórios.

Hoje em dia, é impensável formar técnicos de Turismo sem os necessários conhecimentos históricos e geográficos, fundamentais para a sua formação enquanto agentes divulgadores do nosso património.

Palavras-chave: Ensino Profissional, Turismo, História e Geografia

ABSTRACT

Over the last few years vocational education, through vocational schools, has had a decisive importance for the development of the regions where it is located. Due to vocational schools the training of technicians, specialized in certain areas, has filled huge gaps in some regions of the country that needed specialized human resources capable of contributing to the development of those territories, through the promotion of their resources and their potential.

This report tries to show the importance that the History and Geography subjects may have on the education of students attending the Professional Courses on the Tourism field - Tourism Technician and Environmental and Rural Tourism Technician – and their performance as future technicians on the tourism field.

The results show that the knowledge acquired in the Tourism courses on the History and Geography field are needed and are fundamental for effective performance of these technicians, including the identification, promotion and exploitation of a natural environmental, historical and cultural heritage, therefore to promote tourism on the territories.

Nowadays it is unthinkable to train tourism technicians without the necessary historical and geographical knowledge, essential to their formation as disseminator agents of our heritage.

Keywords: Vocational Education, Tourism, History and Geography

ABREVIATURAS

ANQEP- Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional

CEDEFOP- Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional

CNE- Conselho Nacional de Educação

CRSE- Comissão da Reforma do Sistema Educativo

DGESTE- Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares

DGFV- Direção Geral de Formação Vocacional

EP'S- Escolas Profissionais

EP1- Escola Profissional 1

EP2- Escola Profissional 2

FCT- Formação em Contexto de Trabalho

GETAP- Gabinete para o Ensino Tecnológico Artístico e Profissional

LBSE- Lei de Bases do Sistema Educativo

OCDE- Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico

OMT- Organização Mundial do Turismo

PENT- Plano Estratégico Nacional do Turismo

PIB- Produto Interno Bruto

POPH- Programa Operacional Potencial Humano

PRODEP- Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal

TER- Turismo em Espaço Rural

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação e Ciência

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	12
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
CAPÍTULO 1. O ENSINO PROFISSIONAL: AS ESCOLAS PROFISSIONAIS	16
1.1. Evolução concetual	16
1.2. A organização dos cursos profissionais	26
1.3. As Escolas Profissionais na área do Turismo	32
1.4. Os cursos profissionais na área do Turismo	37
1.4.1. Curso Profissional de Técnico de Turismo	37
1.4.2. Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural.....	41
CAPÍTULO 2. O ENSINO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA NOS CURSOS DE TURISMO	44
2.1. A disciplina de História da Cultura e das Artes	44
2.2. O programa da disciplina.....	44
2.2.1. Orientações Programáticas	46
2.2.2. Análise crítica do programa	47
2.3. A disciplina de Geografia	49
2.4. O programa de Geografia.....	49
2.4.1. Orientações Programáticas	53
2.4.2. Análise crítica do programa	54

PARTE II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	57
CAPÍTULO 3. PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO.....	58
3.1. O problema da investigação.....	58
3.2. A questão de partida	59
3.3. Objetivos da investigação	59
CAPÍTULO 4. INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA E INTERPRETATIVA.....	62
4.1. Tipo de investigação	62
4.2. Metodologia seguida.....	62
4.2.1 Investigação qualitativa, descritiva e interpretativa	63
4.3. Posição do investigador face ao objeto de investigação	66
4.4. Contexto.....	67
4.4.1 A Escola Profissional 1 (EP1).....	67
4.4.2. A Escola Profissional 2 (EP2).....	69
CAPÍTULO 5. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	72
5.1. A Entrevista	72
5.2. O guião das entrevistas	76
5.2.1. Entrevista(s) ao(s) professor(es) de História da Cultura e das Artes e de Geografia	78
5.2.2. Entrevista ao professor de Turismo.....	78
5.3. Caraterização dos entrevistados.....	79

5.3.1. Entrevistado A.....	79
5.3.2. Entrevistado B.....	80
5.3.3. Entrevistado C.....	80
PARTE III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	82
CAPÍTULO 6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	83
6.1. A análise de conteúdo.....	83
6.2. Análise descritiva das entrevistas realizadas.....	84
CONCLUSÃO.....	116
BIBLIOGRAFIA.....	126
ANEXOS.....	I

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 - Vista aérea EP1	67
Fig. 2 - EP 2.....	71

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Número de Escolas Profissionais, por NUT III, e por Distrito segundo a natureza do estabelecimento, em 2014.....	25
Quadro 2 - Plano Curricular do Curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, 1995.....	27
Quadro 3 - Matriz Curricular dos Cursos Profissionais a partir da publicação do DL 74/2004, de 26 de março.....	28
Quadro 4 - Matriz Curricular dos Cursos profissionais a partir da publicação do DL 91/2013, de 10 de julho.....	29
Quadro 5 - Áreas de Formação dos Cursos Profissionais.....	31
Quadro 6 - Evolução do número de alunos inscritos em Cursos Profissionais, segundo a natureza do estabelecimento, entre 1989/00 e 2011/2012.....	32
Quadro 7 - Número de Escolas Profissionais na área do Turismo, por NUT III e por Distrito, segundo a natureza do Estabelecimento – 2014.....	36
Quadro 8 - Família Profissional/Área de Formação dos Cursos Profissionais na área do Turismo.....	37
Quadro 9 - Plano Curricular do Curso Profissional de Técnico de Turismo, Portaria 1288/2006, de 21 de novembro.....	38
Quadro 10- Plano Curricular do Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, Portaria 1287/2006, de 21 de novembro.....	41

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de Escolas Profissionais por Distrito, segundo a natureza do estabelecimento, em 2014.....	24
---	----

INTRODUÇÃO

O Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro aprova o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário.

Esta legislação define as condições necessárias à obtenção de habilitação própria para a docência, consagrando dois aspetos fundamentais para a aquisição dessas condições: a prática de ensino supervisionada como “momento privilegiado e insubstituível de aprendizagem, da mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a realidade”.¹, e a elaboração de um Relatório de Iniciação à Prática, normalmente designado por “tese”.

A elaboração do presente relatório insere-se nesta última condição solicitada, no Plano Curricular do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, ministrado na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia.

A problemática central do presente relatório procura refletir sobre a importância das disciplinas de História e de Geografia nos cursos profissionais da área do Turismo, mais concretamente nos Cursos de Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural, ambos pertencentes à família profissional de Hotelaria e Turismo, estando integrados na área de formação de Turismo e Lazer. Estes dois Cursos são ministrados há alguns anos em duas Escolas do Alentejo, que irão servir de suporte a este estudo.²

Realce-se que na área do Turismo existe ainda um outro curso profissional onde as duas disciplinas referidas fazem parte do respetivo Plano Curricular. No entanto, para o presente estudo, optou-se somente pelos dois cursos já referidos, por serem aqueles que são ministrados em duas Escolas Profissionais da região do Norte Alentejano, que serviram de suporte trabalho.

Estes cursos, embora com uma designação diferente, pertencem à mesma família profissional e à mesma área de formação. Em termos de perfil de competências e saídas

¹ Decreto-Lei nº 43/2013, de 22 de fevereiro

² Estas duas Escolas aparecem designadas por EP1 (Escola Profissional 1) e EP2 (Escola Profissional 2)

profissionais, as diferenças entre ambos são, a nosso ver, bastante insignificantes. O curso de Técnico de Turismo está mais relacionado com a parte do atendimento e da receção, com a parte mais organizativa do Turismo, o Curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural é mais completo e mais abrangente, uma vez que desenvolve três grandes áreas de conhecimento distintas, mas fundamentais para um Técnico de Turismo: a área do turismo, a área da gestão e a área do ambiente.

A escolha deste tema prende-se com o facto de estar relacionado com as duas disciplinas integrantes do Mestrado, História e Geografia, ambas pertencerem aos Planos Curriculares dos Cursos de Técnico de Turismo Ambiental e Rural e de Técnico de Turismo, e dos conhecimentos transmitidos pelas mesmas serem, a nosso ver, fundamentais para um bom desempenho de um futuro técnico profissional de turismo.

História, Geografia e Turismo são três áreas fundamentais distintas mas, com uma grande afinidade entre si. Hoje em dia, é impensável falar de Turismo sem estabelecer uma relação entre a História (património histórico, cultural...) e a Geografia (paisagem, património natural, ambiente, compreensão dos diferentes fenómenos espaciais, sociais e ambientais...), sendo inimaginável formar técnicos de Turismo sem os necessários conhecimentos históricos e geográficos, essenciais para a sua formação enquanto agentes divulgadores do nosso património.

É com este intuito que o objetivo principal deste trabalho é tentar responder à seguinte questão: **Nos cursos profissionais da área do Turismo, em que medida as disciplinas de História e de Geografia são fundamentais e contribuem para a formação do futuro técnico profissional de Turismo?**

O presente relatório segue uma metodologia qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa e sustenta-se em entrevistas realizadas a professores das disciplinas em questão- História da Cultura e das Artes e Geografia- e a um professor com experiência de formação e de coordenação em cursos profissionais na área do Turismo e do Turismo Ambiental e Rural. A análise dos dados é baseada numa análise de conteúdo descritiva, questão a questão, sobre a opinião dos entrevistados.

O presente trabalho está organizado em três partes, num total de seis capítulos.

A primeira parte pretende enquadrar teoricamente o objeto de estudo (através de uma evolução concetual do ensino profissional e das escolas profissionais) e uma breve abordagem às escolas profissionais onde são lecionados os dois cursos de turismo referidos, bem como uma pequena caracterização dos mesmos.

Posteriormente, no segundo capítulo, será feita uma breve análise aos programas das disciplinas de História da Cultura e das Artes e de Geografia, abordando às respetivas orientações programáticas. Por último será realizada uma pequena apreciação aos mesmos programas.

Na segunda parte do trabalho, descrever-se-á a metodologia de investigação utilizada, respetivamente o problema de investigação, a questão de partida e os objetivos da investigação. O tipo de investigação e a metodologia seguida, o contexto envolvente e os instrumentos de recolha de dados, são igualmente descritos nesta parte do trabalho.

A Terceira parte do trabalho, corresponde à apresentação e análise de conteúdo das entrevistas, questão a questão, feitas aos professores das disciplinas de História, de Geografia e de Turismo.

Para finalizar, na conclusão serão apresentadas as reflexões finais dos resultados obtidos face ao problema e à questão de partida. Serão igualmente apresentadas as limitações deste estudo, assim como a sua contribuição em termos de investigação futura.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1. O ENSINO PROFISSIONAL: AS ESCOLAS PROFISSIONAIS

1.1. Evolução concetual

Seria impensável falar do ensino profissional na atualidade, sem efetuar uma breve retrospectiva do tipo de ensino que esteve na sua génese.

Ao contactarmos com a literatura especializada constatamos, facilmente, que as diversas reformas do sistema educativo em Portugal, surgem sempre interligadas aos diferentes contextos políticos, económicos e sociais que as produziram.

A evolução histórica do ensino técnico e profissional, desde cerca de oitocentos foi quase sempre encarada pelos diversos estudiosos da educação, em articulação com o processo das transformações económicas verificadas na sociedade portuguesa.

A mudança de paradigma trazido pela revolução industrial provocou uma necessidade crescente de mão-de-obra cada vez mais especializada, com capacidade para operar a recente maquinaria introduzida nas várias fases do processo de produção industrial. Era necessário um novo tipo de ensino que preparasse mais rapidamente os jovens e os dotasse de competências básicas, para uma célere e plena integração no mercado de trabalho.

Em Portugal, pode afirmar-se que o ensino profissional remonta ao século XVIII, aquando das reformas pombalinas na educação, com a criação da denominada Aula de Comércio³, e veio intensificar-se ao longo do século XIX, alargando a sua influência à indústria, por efeitos da revolução industrial e, por consequência, aos outros dois importantes setores da atividade económica: a agricultura e o comércio.

Durante o século XIX, assiste-se a um conjunto de reformas educativas importantes que visavam aproximar Portugal dos padrões educativos de outros países, verificando-se uma aposta muito forte no ensino técnico a partir dos anos oitenta deste século. Nesta altura, o ensino secundário estava pressionado pela necessidade de encontrar respostas para os desafios colocados pelo emergente capitalismo económico-financeiro, nomeadamente o de dar

³ Alvará de 19 de maio de 1759

resposta às novas realidades económicas e sociais daí emergentes. Era necessário um ensino mais prático, capaz de ultrapassar esses novos desafios.

Entre as principais reformas verificadas nesta época, realce para as implementadas em 1836 por Passos Manuel, através da criação dos Conservatórios de Artes e Ofícios e em 1852 por Fontes Pereira de Melo que, segundo Alves (2001, p.75) “procura acabar com uma das carências mais penalizadoras do desenvolvimento económico: ausência de um ensino vocacionado para a formação de técnicos para os setores agrícola, industrial e comercial”.

A nova dinâmica que se pretendeu dar nesta altura ao ensino técnico agrícola, comercial e industrial é justificada, em parte, pela criação nesta época, de uma Direção Geral e de um Conselho Geral do Comércio, Agricultura e Manufaturas.⁴ É com este objetivo que por iniciativa da Associação Industrial Portuense, em 1852-1853 surgiu, no Porto, a primeira escola industrial, e em 1866 é criada a Escola Comercial de Lisboa.

No entanto, apesar de todas as tentativas, até à década de 80 este tipo de ensino não teve grande aceitação por parte dos jovens estudantes portugueses. Segundo Alves (2001, p.77), as razões para a pouca adesão a este tipo de ensino devem-se à múltipla legislação saída dos diferentes ministérios nesta altura e fundamentalmente porque “não se conseguiu aproximar os novos espaços educativos às necessidades regionais de formação técnica”, facto que, segundo o mesmo autor, veio a ser alterado alguns anos mais tarde com a criação de um conjunto de escolas vocacionadas para o ensino industrial por alguns dos distritos do país que permitiu que este ensino chegasse a outros públicos-alvo e deixasse de ser “um privilégio de alunos dos grandes centros.”

Graças às decisões de sucessivos governantes⁵, nos anos 80 do século XIX, cidades como Covilhã, Lisboa, Porto, Coimbra, Caldas da Rainha, Portalegre, Tomar e Torres Novas, passaram a dispor deste tipo de escolas, sobretudo ligadas ao ensino industrial.

⁴ A Direção Geral do Comércio, Agricultura e Manufaturas, fazia parte do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, criados nesta altura.

⁵ António Augusto Aguiar (1884), Emídio Júlio Navarro (1888), João Franco (1891) e Bernardino Machado (1893)

Desde que a escola passou a abranger outras regiões, fora dos dois maiores centros urbanos, este tipo de ensino generalizou-se, graças à criação de novos cursos e passou a ter maior aceitação por parte dos jovens. Segundo Alves (2001) nesta altura existiam cerca de 31 cursos, o que nos dá uma ideia da verdadeira aposta neste sistema de ensino:

“(…) pintor decorativo, pintor cerâmico, bordadeira, modista, costureira, rendeira, tecelão, abridor de metais, florista, lavrante de couro, serralheiro civil, ourives, cinzelador, formador, estucador, entalhador, encadernador, oleiro, louceiro, carpinteiro de machado⁶, canteiro, marceneiro, carpinteiro civil, poleeiro, carpinteiro mecânico, serralheiro mecânico, condutor de máquinas, fabricante de instrumentos de precisão, fundidor, cutileiro, curtidor, tintureiro e indústrias do livro (...)” (Alves, 2001, p.78)

Apesar dos esforços realizados por alguns dos referidos reformistas, ao longo do século XIX, para implementar um sistema educativo cada vez mais moderno que desse respostas às necessidades reais do país, o nosso sistema educativo em finais do século XIX princípios do século XX, continuava, segundo Brás (2009, p.101) “(...) a não corresponder aos desafios da modernidade”.

O desfasamento e o atraso que o sistema educativo português continuava a registar face à grande maioria dos países da Europa, bem como as elevadas taxas de analfabetismo registadas – cerca de 70% da população – estiveram na base da promulgação das várias reformas que foram promulgadas pelos sucessivos governos da república, dando origem a uma das épocas mais criativas no campo da educação e do ensino que existiram em Portugal.

Registe-se, no entanto, que apesar da diversidade de legislação publicada neste período, o carácter por vezes disperso e fragmentário da mesma, associado à constante instabilidade política e social e às dificuldades económicas do país, tornou muitas vezes difícil a implementação dessa mesma legislação.

Seria demasiado exaustivo enumerar a diversa legislação publicada e as consequentes mudanças no sistema de ensino ao longo deste período, até porque, as mesmas estão devidamente estudadas por diversos autores. No entanto, não deixará de ser importante referir muito sumariamente algumas delas.

⁶ Carpintaria naval

Em 1929, verificou-se uma nova reorganização do ensino técnico e profissional, promovendo-se uma reformulação da organização das escolas comerciais e industriais, fixando-se, segundo Cedefop (1999, p.43) “ uma rede escolar de 19 escolas industriais, 7 comerciais e 20 industriais/comerciais”.

A partir de 1926, com a instauração em Portugal de um regime de natureza ditatorial, o ensino técnico foi alvo de novas reformulações, primeiro em 1930/1931, posteriormente em 1948, em pleno Estado Novo, reforma esta que irá perdurar até finais dos anos 70.

Após vários anos onde predominou uma educação fortemente influenciada por uma carga ideológica e pela doutrina do regime, cujo objetivo principal se limitava às bases da aprendizagem – ler, escrever e contar - a reforma de 1948 marcou uma nova orientação da política educativa em Portugal, marcada pelos novos desafios económicos mundiais saídos do pós-guerra, que revelaram as deficiências do nosso país em matéria de qualificação de recursos humanos.

Esta reforma veio trazer uma nova orgânica ao sistema educativo, e o ensino secundário técnico passou a constituir-se como um sistema de ensino paralelo ao ensino liceal, sem correspondência horizontal com este, não proporcionando o acesso ao ensino superior.

Este tipo de ensino era ministrado nas escolas industriais e comerciais, iniciava-se imediatamente após os quatro anos do ensino primário e estava estruturado em dois graus: o 1º grau era constituído por um ciclo de dois anos⁷; o 2º grau constituído por um curso de formação cuja duração podia variar entre os três e quatro anos, ministrado nas escolas comerciais e industriais.

Era assim exigido aos alunos com apenas 10 anos de idade, que optassem entre o ensino técnico e o ensino liceal, situação que não era muito aconselhável para alunos com aquela idade, até porque, em caso de inadaptação dificilmente era possível a mudança para a “outra via de ensino”, pois a permeabilidade entre ambos era bastante reduzida.

⁷ Este primeiro ciclo de 2 anos era denominado de ciclo preparatório elementar da educação e pré-aprendizagem geral. Era uma fase de preparação/orientação profissional, a qual se seguia um novo ciclo de estudos -2º grau.

Durante este período o sistema educativo vigente acabou por ser um sistema seletivo. Além de serem diferentes na sua organização curricular, o ensino liceal e o ensino técnico eram frequentados por alunos de classes sociais diferenciadas. O primeiro, de cariz mais teórico, era frequentado predominantemente por alunos oriundos das classes médias-altas e altas, e após a conclusão deste ciclo continuavam os seus estudos ingressando na universidade. O ensino técnico, mais prático, era frequentado sobretudo por jovens das classes mais baixas e dava acesso posterior aos Institutos Comerciais e Industriais e às Escolas de Belas-Artes, onde eram ministrados cursos médios e profissionais.

Apesar da diferenciação entre estas duas vias de ensino, o ensino técnico nesta época passou a ser visto, sobretudo pelas classes mais baixas, como uma forma de mobilidade social ascendente, porque permitia a muitos jovens a oportunidade de prolongar os seus estudos para além da instrução primária, que era a escolaridade obrigatória.

No entanto, o facto é que esta diferenciação existente implicava dissemelhanças significativas no acesso às profissões mais qualificadas e prestigiadas, tornando-se num obstáculo à realização da denominada igualdade de oportunidades. Este facto acabou por condicionar a imagem do ensino técnico, bem como o objetivo das reformas posteriores que não mais deixaram de ter em conta a questão do acesso ao ensino superior, como condição essencial para proporcionar a já denominada igualdade de oportunidades.

Além disso, a partir da reforma de 1948, e segundo Cerqueira e Martins (2011),

“(...) introduzem-se aspetos determinantes para a consolidação do crescimento do ensino qualificante durante as décadas que se seguem, uma vez que a educação pós-básico se torna cada vez mais objeto de procura mais generalizada e o sistema educativo passa a ser, indubitavelmente, encarado pelo estado como estratégia de desenvolvimento económico.” (p.129)

A procura deste tipo de ensino continuou a revelar índices bastante satisfatórios atingindo o “seu pico por altura da reforma de Veiga Simão⁸ (idem, p.129), que ocorreu entre 1970-1973, como resultado das mudanças demográficas, económicas e sociais verificadas no país e que provocaram um aumento da procura do sistema educativo.

⁸ Lei 5/73, de 5 de julho

Esta reforma aproximou as duas vias do ensino secundário, equiparando o ensino técnico ao ensino liceal, garantindo, pela primeira vez, aos alunos do ensino técnico o acesso ao ensino superior em igualdade de circunstâncias com os restantes alunos. O ensino técnico passa a designar-se por ensino profissional, e começou a ser melhor considerado no sistema educativo português. Segundo a Lei 5/73, uma das finalidades do sistema educativo seria a preparação dos portugueses como agentes beneficiários do progresso do país⁹, tendo a formação profissional a incumbência de os preparar e habilitar convenientemente para o exercício de uma profissão, de forma a responder às exigências económicas e sociais do país.

Esta reforma dava uma importância de tal ordem à formação profissional, que a própria legislação referente aos cursos gerais e complementares, previa a existência obrigatória de uma disciplina de opção que abordasse “uma matéria de índole técnico-profissional”¹⁰, o que é revelador da intenção do reformador para a sensibilização dos jovens para esta área do ensino.

Apesar de muito importante para a evolução do sistema educativo português, a reforma de Veiga Simão não chegou a ser totalmente implementada, devido à queda do regime político vigente, em abril de 1974.

A revolução de 1974, veio colocar fim à separação dos dois sistemas de ensino vigentes- liceal e técnico- e à consequente unificação do sistema de ensino secundário, que visava, dessa forma, evitar alguma imagem de discriminação ainda existente e favorecer a igualdade de oportunidades, aquilo a que muitos autores chamam de “democratização do ensino”.

Esta unificação do ensino secundário, passando a existir um currículo essencialmente liceal, fez com que o ensino técnico, tal como se conhecia, se fosse extinguindo lentamente. A extinção do ensino técnico e a consequente unificação do secundário daí resultantes, foram prejudiciais para o próprio sistema educativo, situação que ainda hoje tem os seus reflexos: insucesso escolar, e desinteresse pela escola, por parte de muitos jovens.

⁹ Lei 5/73, de 5 de julho, ponto 2, Base III

¹⁰ Idem, artº 9, Base IX

No início dos anos 80 regressaram as tentativas para renovar este tipo de ensino, sendo de realçar, no ano de 1983, aquela que ficou conhecida como Reforma Seabra.¹¹ Resultante do Despacho Normativo nº 194-A/83, de 21 de outubro, emergiu como uma resposta à falência do modelo de sistema educativo implementado pós revolução de 1974 e como uma necessidade de resposta às pressões que o nosso país sentia nesta altura, por parte de alguns organismos internacionais¹², e por uma conjuntura social desfavorável relativamente a alguns aspetos, segundo Azevedo (1991, p.23) “(...) desemprego e abandono juvenil do sistema educativo para o mercado de trabalho sem qualificação profissional(...) a entrada no ensino superior que deixa de fora milhares de jovens com o 12º ano sem preparação profissional (...) pressões das famílias e empregadores que acusavam o sistema de ensino de ineficácia”.

Com a denominada Reforma Seabra pretendia-se a modernização do sistema educativo e a conseqüente renovação do ensino técnico-profissional, o qual diversificava a oferta formativa a partir da escolaridade obrigatória. Foram criados os cursos técnico-profissionais, com a duração de três anos, que permitiam uma dupla certificação (escolar e profissional) e o prosseguimento de estudos e os cursos profissionais, com a duração de ano e meio¹³ e que só permitiam a obtenção de um diploma profissional e o conseqüente ingresso na respetiva carreira profissional. Estes últimos cursos foram-se extinguindo progressivamente por várias dificuldades quer na organização dos estágios, quer relativamente ao número de alunos inscritos nos mesmos.

No que se refere à procura destes cursos, podemos afirmar que a Reforma Seabra saldou-se por um fracasso, pois verificou-se que existia um desequilíbrio entre a oferta e a procura dos mesmos, isto é, cursos que não chegavam a abrir por falta de alunos, outros com inscrições em número muito reduzido. Na base desta situação, segundo Cerqueira e Martins (2011, p.135) o facto de “ (...) a tendência era marcadamente para o prosseguimento de estudos, pelo que os jovens alimentavam expectativas de permanência no sistema e, por isso, não aderiram ao ensino técnico-profissional”.

¹¹ José Augusto Batista Lopes Seabra, foi Ministro da Educação do IX Governo Constitucional, entre 1983-1985

¹² OCDE, UNESCO, Banco Mundial

¹³ Estes cursos tinham a duração de um ano, acrescido de seis meses de estágio profissional.

Outras causas foram apontadas para o insucesso deste sistema de ensino, nomeadamente o facto do mesmo não ter conseguido libertar-se das semelhanças do ensino secundário regular, pouco aberto à iniciativa local (Azevedo, 1991 p.146) e também o facto da maioria dos alunos que o frequentavam serem provenientes de classes sociais mais desfavorecidas, normalmente com insucessos acumulados nos percursos escolares anteriores.

O ano de 1986 foi decisivo para o ensino técnico e profissional em Portugal, pois marcou a integração do país na então denominada Comunidade Económica Europeia (CEE), e foi aprovada a chamada Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) (Lei nº 46/86, de 14 de outubro). Quer um quer outro acontecimento vieram a ser decisivos para a formação de uma conjuntura favorável, alguns anos depois, ao aparecimento das Escolas Profissionais.

A LBSE preconizou uma reestruturação do sistema educativo, concretizada inicialmente através da Comissão de Reforma do Sistema Educativo (CRSE). No âmbito desta reforma do sistema educativo o governo defendia a formação profissional e profissionalizante, não só no ensino secundário como no ensino superior – através dos institutos politécnicos – e o apoio à implementação de uma rede de escolas profissionais, de iniciativa local, que preparassem os jovens com vista à inserção no mercado de trabalho.¹⁴

Para a reestruturação do ensino técnico, e para o estudo de um novo modelo de escolas, o Ministério da Educação criou, em 1988, o Gabinete para o Ensino Tecnológico e Profissional¹⁵ (GETAP), que viria a ser o responsável pelo lançamento das Escolas Profissionais em 1989, destinado à “execução do ensino secundário técnico”.

Esta conjuntura favorável, sustentada na LBSE, foi determinante para o aparecimento das Escolas Profissionais, de iniciativa privada, mas apoiadas pelo estado e pela União Europeia /Fundo Social Europeu, criadas pelo Decreto-Lei nº 26/89, de 21 de janeiro.

Criadas em 1989, as Escolas Profissionais (EP’S), na sua maioria estabelecimentos privados, são regimentadas através da celebração de Contratos Programas com o estado e surgem da iniciativa de promotores oriundos da sociedade civil (instituições sem fins

¹⁴ O artigo 9º (alíneas e) e f), o artigo 10º, 3. e 7., o artigo 16º 1.b) e o artigo 19º da LBSE, são significativos quanto à aposta feita pelo Governo no ensino técnico e profissional.

¹⁵ O GETAP, integrava inicialmente um Conselho Consultivo Nacional com a participação de outros ministérios e parceiros sociais.

lucrativos, empresas, fundações, autarquias, cooperativas, associações patronais, associações sindicais) regendo-se por princípios de autonomia pedagógica, administrativa e financeira. Segundo GETAP (1993, p.17) “ (...) as EP’s inserem-se, pois, no espaço de valorização dos recursos humanos a nível de técnicos intermédios necessários à modernização empresarial e organizacional do mundo do trabalho e ao desenvolvimento sócio - económico do país”.

Estas escolas destinam-se essencialmente a jovens que tenham concluído o ensino básico, visando a sua formação como técnicos intermédios de nível III e pretende-se que os seus cursos incorporem as especificidades locais ou regionais onde as mesmas se inserem, por forma a dar respostas às necessidades reais do mercado de trabalho. Estes cursos conferem aos alunos uma dupla certificação, a conclusão do ensino secundário – 12º ano de escolaridade- e uma certificação profissional como Técnico intermédio de nível III ¹⁶, dotando-o de capacidades técnicas para integrar o mundo do trabalho.



Fonte:Elaboração própria a partir de fonte (Dgeste) - 2014

Apesar do objetivo principal desta formação ser o ingresso no mercado de trabalho, aos alunos que frequentam estas escolas é dada a possibilidade do prosseguimento de estudos a nível superior.

¹⁶ Atualmente a conclusão de um curso profissional confere uma qualificação profissional de Nível IV

Quadro 1 - Número de Escolas Profissionais, por NUT III, e por Distrito, segundo a natureza do estabelecimento- 2014

DSRegional	NUT III	DISTRITO	GRUPO/NATUREZA	
			Público	Privado
Alentejo	Baixo Alentejo	Beja	1	6
	Alentejo Litoral		0	1
	Alentejo Central	Évora	0	2
	Alto Alentejo	Portalegre	3	2
	Alentejo Litoral	Setúbal	1	1
Algarve	Algarve	Faro	3	5
Centro	Baixo Vouga	Aveiro	1	6
	Beira Interior Sul	Castelo Branco	0	4
	Cova da Beira	Castelo Branco	2	2
	Pinhal Interior Sul	Castelo Branco	0	1
	Baixo Mondego	Coimbra	1	9
	Pinhal Interior Norte	Coimbra	0	4
	Serra da Estrela	Guarda	0	2
	Beira Interior Norte	Guarda	0	3
	Pinhal Interior Norte	Leiria	0	3
	Pinhal Litoral	Leiria	0	4
	Dão Lafões	Viseu	0	9
Lisboa e Vale do Tejo	Oeste	Leiria	3	2
	Grande Lisboa	Lisboa	4	35
	Oeste	Lisboa	0	4
	Médio Tejo	Santarém	1	6
	Lezíria do Tejo	Santarém	1	5
	Península de Setúbal	Setúbal	1	9
Norte	Grande Porto	Aveiro	0	2
	Entre Douro e Vouga	Aveiro	0	1
	Grande Porto	Porto	2	26
	Tâmega	Porto	2	4
	Ave	Porto	1	3
	Cavado	Braga	0	10
	Tâmega	Braga	1	0
	Ave	Braga	0	9
	Alto Trás-os-Montes	Bragança	2	2
	Douro	Bragança	0	1
	Minho Lima	Viana do Castelo	2	13
	Alto Trás-os-Montes	Vila Real	0	2
	Douro	Vila Real	0	3
	Tâmega	Viseu	0	2
Douro	Viseu	1	4	

Fonte: Elaboração própria a partir de Fonte -Dgeste - 2014

Ao estado compete regular, mediar e dinamizar (através de co- financiamento) este sistema de ensino, aos promotores compete dirigir de forma autónoma os seus projetos educativos, em articulação com a sociedade civil envolvente.

Em 1998 o DL 4/98, de 8 de janeiro, veio finalmente estabelecer o regime de criação, organização e funcionamento das escolas e cursos profissionais no âmbito do ensino não superior. Este diploma legal foi alterado posteriormente pelo DL 74/2004, de 26 de março, DL 54/2006, de 15 de março, DL 150/2012, de 12 de julho, e muito recentemente pelo DL 92/2014, de 20 de junho.

Desde 1989 até aos dias de hoje, as escolas profissionais foram-se expandindo por todo o território português tornando-se, na maioria dos casos, num importante fator de desenvolvimento local e regional, contribuindo decisivamente para a modernização e inovação do tecido empresarial. As 50 escolas existentes em 1989/1990 deram lugar às 240 existentes atualmente no território continental¹⁷ (ver Gráfico 1 e Quadro 1).

1.2. A organização dos cursos profissionais

Como já referido anteriormente, os cursos profissionais são uma modalidade do nível secundário de educação, caracterizada, entre outros, por uma ligação muito estreita com o mundo do trabalho. A aprendizagem realizada deve ir de encontro aos interesses dos alunos e valorizar o desenvolvimento de competências para o exercício de uma profissão, em articulação com o tecido social e empresarial da região.

Os principais objetivos desta oferta educativa e formativa, segundo a ANQEP:¹⁸

- contribuir para que o estudante desenvolva competências profissionais para o exercício de uma profissão;
- privilegiar as ofertas formativas que correspondem às necessidades de trabalho locais e regionais;
- preparar o estudante para aceder a formações pós-secundárias ou ao ensino superior, se for essa a sua vontade.

¹⁷ Dados fornecidos pela Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares (Dggeste) –www.dggeste. Neste número está incluído não só as escolas, como as delegações/polos de escolas existentes.

¹⁸ Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (www.anqep.gov.pt)

A organização curricular vigente nas escolas profissionais baseia-se na *estrutura modular*, que permite uma gestão flexível do currículo. A formação é organizada em módulos - unidades de aprendizagem de natureza e duração variáveis que se combinam entre si-, e que possibilita integrar alunos com características e níveis de formação muito diferenciados. Esta organização modular permite alguns pressupostos que são a essência das escolas profissionais: uma orientação educativa diferenciada, um ensino individualizado que permita aos alunos com mais dificuldades de aprendizagem acompanhar os mais capazes e um significado mais formativo da avaliação.

No processo de avaliação modular devem ser valorizados não só as competências adquiridas (saber, saber-fazer), como também os valores, as atitudes, a comunicação, a responsabilidade (saber-estar).

Quadro 2- Plano Curricular do Curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural-1995

		DISCIPLINAS	CARGAS HORÁRIAS ANUAIS			
			1º	2º	3º	TOTAL
COMPONENTES DE FORMAÇÃO	SOCIOCULTURAL	PORTUGUÊS	100	100	100	300
		LINGUA ESTRANGEIRA I	100	100	100	300
		ÁREA DE INTEGRAÇÃO	100	100	100	300
	CIENTÍFICA	LINGUA ESTRANGEIRA II	80	80	80	240
		GEOGRAFIA	120	120	120	360
		HISTÓRIA	100	100	100	300
	TÉCNICA, TECNOLÓGICA E PRÁTICA	ECOLOGIA E ORD. DO TERRITÓRIO	80	80	80	240
		AGRICULTURA	80	60	60	200
		BIOLOGIA APLICADA	100	60		160
		TURISMO/MARKETING TURISTICO	120	100	100	320
		TÉCNICAS DE GESTÃO	120	100	100	320
		TÉC. DE ACOLHIMENTO E ANIMAÇÃO	100	100	100	300
		PROJECTO		100	160	260
TOTAL HORAS CURSO /ANO			1200	1200	1200	3600

Fonte: Portaria 1.173/95, de 26 de setembro

Inicialmente, a matriz curricular dos cursos profissionais incluía três componentes de formação, a sociocultural, a científica e a técnica e contemplava um total de 3600 horas para os três anos do ciclo formativo. As componentes sociocultural e científica eram compostas por três disciplinas, a técnica, a tecnológica e a prática, sendo variável quanto ao número de disciplinas, não contemplava especificamente a Formação em Contexto de Trabalho/Estágio (Quadro 2).

A partir de 2004, através da publicação do DL 74/2004¹⁹, assiste-se a uma reorganização da matriz curricular dos cursos profissionais que passaram a ter um total de 3100 horas para o total dos três anos do ciclo formativo, sendo a distribuição anual gerida pela escola, no âmbito da sua autonomia pedagógica, acautelando sempre o equilíbrio da carga anual (Quadro 3).

Quadro 3- Matriz curricular dos cursos profissionais a partir da publicação do DL 74/2004, de 26 de março

		DISCIPLINAS	TOTAL DE HORAS (Ciclo de Formação)
COMPONENTES DE FORMAÇÃO	SOCIOCULTURAL	PORTUGUÊS	320
		LINGUA ESTRANGEIRA I ou II	220
		ÁREA DE INTEGRAÇÃO	220
		TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	100
		EDUCAÇÃO FÍSICA	140
		Subtotal	1000
	CIENTÍFICA	2 a 3 disciplinas (disciplinas científicas de base a fixar em regulamentação própria, em função da qualificação profissional a adquirir)	500
		Subtotal	500
	TÉCNICA	3 a 4 disciplinas (disciplinas de natureza tecnológica, técnica e prática estruturantes da qualificação profissional visada)	1180
		Formação em Contexto de Trabalho	420
Subtotal		1600	
TOTAL HORAS CURSO		3100	

Fonte: DL 74/2004, de 26 de março

Relativamente à matriz curricular anterior, além da redução do número de horas previsto para o ciclo de formação (menos 500 horas), registe-se a introdução das disciplinas de Educação Física e de Tecnologias da Informação e Comunicação na componente sociocultural, que passou a contemplar cinco disciplinas em vez das três anteriores, passando a ser comum a todos os cursos. Na componente científica, dependendo do curso em questão, o número de disciplinas previsto é de duas ou três, sendo que a disciplina de matemática passa a ser obrigatória para todos os cursos (200 ou 300 horas, conforme os cursos). A outra componente de formação passa a ter a designação de “componente técnica”, dela fazendo

¹⁹ Este diploma viria a ser regulado pela Portaria 550-C/2004, de 21 de maio.

parte três ou quatro disciplinas (consoante os cursos) sendo igualmente introduzida a Formação em Contexto de Trabalho, com um total de 420 horas.

O DL 74/2004 veio a ser alterado posteriormente, pela Declaração de Retificação nº44/2004, de 25 de maio, com as alterações introduzidas pelo DL nº24/2006, de 6 de fevereiro, retificado pela Declaração de Retificação nº 23/2006, de 7 de abril²⁰, DL 272/2007, de 26 de julho, DL 4/2008, de 7 de janeiro, DL 50/2011 de 8 de abril e DL 42/2012, de 22 de fevereiro, mas a matriz curricular dos cursos manteve-se inalterada.

Quadro 4- Matriz curricular dos cursos profissionais a partir da publicação do DL 91/2013, de 10 de julho

		DISCIPLINAS	TOTAL DE HORAS (Ciclo de Formação)
COMPONENTES DE FORMAÇÃO	SOCIOCULTURAL	PORTUGUÊS	320
		LINGUA ESTRANGEIRA I ou II	220
		ÁREA DE INTEGRAÇÃO	220
		TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO ou OFERTA DE ESCOLA	100
		EDUCAÇÃO FÍSICA	140
		Subtotal	1000
	CIENTÍFICA	2 a 3 disciplinas (disciplinas científicas de base a fixar em regulamentação própria, em função da qualificação profissional a adquirir)	500
		Subtotal	500
	TÉCNICA	3 a 4 disciplinas (disciplinas de natureza tecnológica, técnica e prática estruturantes da qualificação profissional visada)	1100
		Formação em Contexto de Trabalho	600 a 840
		Subtotal	1700 a 1940
	TOTAL HORAS CURSO		3200 a 3440

Fonte: DL 91/2013, de 10 de julho

O DL nº 139/2012, de 5 de julho, veio estabelecer os princípios orientadores da organização e gestão do currículo, no ensino básico e secundário, incluindo as escolas profissionais. No referente aos cursos profissionais, a matriz curricular em vigor manteve-se inalterável neste dispositivo legal. Cerca de um ano depois, através do DL 91/2013, de 10 de julho, procede-se à primeira alteração àquele normativo legal (Quadro 4).

²⁰ Também em 2004, o Despacho 14758/2004, de 23 de julho, veio definir o funcionamento dos cursos profissionais nas escolas secundárias públicas.

No que concerne à matriz dos cursos profissionais, na componente sociocultural este normativo passa a contemplar a possibilidade das escolas profissionais optarem entre as Tecnologias da Informação e Comunicação ou outra disciplina, que a Escola entenda introduzir no currículo (Educação para a Cidadania, Artes, etc.).

Além desta alteração, o diploma legal permite ainda às escolas aumentarem a carga horária anteriormente prevista para a Formação em Contexto de Trabalho (FCT). Se anteriormente à publicação deste normativo estavam contempladas para o ciclo formativo um total de 420 horas para a FCT, a partir da publicação desta legislação as escolas passam a ter a possibilidade de aumentar essa carga horária das 600 até às 840 horas, isto é, até ao dobro do inicialmente previsto²¹. O total de horas previsto na matriz curricular dos cursos passa a contemplar um mínimo de 3200 e um máximo de 3440 horas, em vez das 3100 anteriormente definidas.

Este normativo legal, ao possibilitar o aumento da carga horária da FCT, reconhece a importância que esta tem no futuro profissional dos jovens.

De facto, a aprendizagem ministrada nestes cursos, deve privilegiar e valorizar, preferencialmente, o desenvolvimento de competências para o exercício de uma profissão, em articulação com o setor empresarial local e regional, não esquecendo, obviamente, a opção de continuação de estudos a nível superior.

A Formação em Contexto de Trabalho deve proporcionar ao aluno o desenvolvimento de práticas que lhe permitam complementar e consolidar as aprendizagens adquiridas noutras componentes de formação, bem como proporcionar aprendizagens específicas decorrentes das práticas de trabalho, através da adequada inserção no ambiente organizativo e social das empresas e outras organizações.

No dia-a-dia vivido no seio das várias entidades, os alunos são constantemente confrontados com situações novas, a que não estão habituados no ambiente escolar, que os obrigam muitas vezes a uma tomada de decisão, fortalecendo dessa forma as relações interpessoais e as relações com a própria entidade.

²¹ Em contrapartida, as escolas têm que retirar 80 horas à componente científica, que passa de um total de 1180, para 1100 horas.

Esta interação, este confronto diário com novas situações, a necessidade de tomadas de decisão, são potenciadoras para a aquisição de novas competências, quer pessoais quer sociais, para a sua aprendizagem global e para a sua formação integral enquanto ser humano.

A Prova de Aptidão Profissional que os alunos têm que realizar, apresentar e defender no final do ciclo formativo, serve para o aluno demonstrar as competências e os saberes que desenvolveu ao longo da sua formação.

“Para que sejam rapidamente inseridos na vida profissional, os alunos do ensino profissional devem ser preparados para um bom desempenho no estágio e apresentar uma boa Prova de Aptidão Profissional”

(José Alberto Moreira Duarte, Diretor Geral da Dgeste)

Quadro 5 - Áreas de Formação dos cursos profissionais

ÁREAS DE FORMAÇÃO	
Artes do espetáculo	Indústrias alimentares
Audiovisuais e produção dos média	Indústrias do têxtil, vestuário, calçado e couro
<i>Design</i>	Materiais (madeira, papel, plástico, vidro e outros)
Artesanato	Indústrias extrativas
História e arqueologia	Arquitetura e urbanismo
Serviços de transporte	Construção civil e engenharia civil
Biblioteconomia, arquivo e documentação	Produção agrícola e animal
Comércio	Floricultura e jardinagem
<i>Marketing</i> e publicidade	Silvicultura e caça
Finanças, banca e seguros	Direito
Contabilidade e fiscalidade	Serviços de saúde
Gestão e administração	Ciências dentárias
Secretariado e trabalho administrativo	Serviços de apoio a crianças e jovens
Tecnologias de diagnóstico e terapêutica	Trabalho social e orientação
Ciências informáticas	Hotelaria e restauração
Metalurgia e metalomecânica	Turismo e lazer
Eletricidade e energia	Proteção do ambiente
Eletrónica e automação	Proteção de pessoas e bens
Tecnologia dos processos químicos	Segurança e higiene no trabalho
Construção e reparação de veículos a motor	Desporto

Fonte: ANQEP 2014

Atualmente, existem 102 cursos profissionais, criados no âmbito do DL 74/2004 de 26 de março e da Portaria 550-C/2004, de 21 de maio²². Estes cursos profissionais estão ainda organizados por Áreas de Formação, em harmonia com os referenciais de formação aprovados, de acordo com diversas famílias profissionais (Quadro 5).

²² Fonte: ANQEP - <http://www.anqep.gov.pt>

Os cursos profissionais foram financiados desde a sua criação entre 1990 e 2006, pelo Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal (PRODEP)²³, e pelo Estado Português, através do Orçamento Geral do Estado²⁴. Após o final do PRODEP, o financiamento para estes cursos passa a ser assegurado pelo Programa Operacional Potencial Humano (POPH) entre o período de 2007-2013.

Atualmente, após o final do período de vigência inicial do POPH, existe uma grande incógnita relativamente ao tipo de financiamento que o ensino profissional poderá, ou não, vir a ter.

Apesar da expansão e sucesso que o ensino profissional veio demonstrando ao longo destes anos de existência, houve sempre um certo estigma por parte de alguns setores da sociedade, relativamente a este tipo de ensino e aos alunos que o frequentam, o que ainda hoje se verifica, em nossa opinião sem qualquer tipo de fundamento, pois as escolas profissionais têm feito um trabalho meritório que em muito dignifica e valoriza o ensino.

Quadro 6- Evolução do número de alunos inscritos em cursos profissionais, segundo a natureza do estabelecimento entre 1989/00- 2011/12

Escolas	Ano letivo	89/90	90/91	91/92	92/93	93/94	94/95	95/96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09	11/12
	Escolas Públicas																3676	3607	13951	34414	53637
EP's Privadas	2088	6439	11316	16711	22727	26041	27567	28380	27995	29100	30668	33799	33587	34399	33089	29734	30515	32080	35862	42865	
Total	2088	6439	11316	16711	22727	26041	27567	28380	27995	29100	30668	33799	33587	34399	36765	33341	44466	66494	89499	109260	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados estatísticos

1.3. As Escolas Profissionais na área do Turismo

Segundo a *Conta Satélite do Turismo*²⁵, a atividade turística assume na sociedade contemporânea, uma importância económica fundamental. Tanto a nível local ou regional, como à escala nacional e mesmo mundial, o Turismo desempenha um importante papel enquanto gerador de riqueza e fenómeno capaz de contribuir para o desenvolvimento, através

²³ Criado no âmbito dos Quadros Comunitários de Apoio (QCA) do Fundo Social Europeu. Este programa teve três períodos de vigência:

PRODEP I (1990-1993), PRODEP II (1994-1999) e PRODEP III (2000-2006);

²⁴ A comparticipação nacional foi variando ao longo dos vários períodos de vigência do PRODEP.

²⁵ Conta Satélite do Turismo (2000-2010)

do aproveitamento de recursos endógenos. O Turismo é hoje um dos setores de atividade de maior crescimento e tornou-se uma componente relevante da estrutura económica da maioria dos países da OCDE.

O Turismo, enquanto atividade económica, tem vindo a ser alvo de incentivos e incrementos constantes ao longo dos últimos anos, sendo inclusive considerado, por inúmeros estudiosos da matéria e diversos organismos internacionais, como a principal atividade económica a nível mundial. É simultaneamente uma atividade que, ao longo do tempo, tem registado grande dinamismo do ponto de vista quantitativo, tanto do lado da procura como das potenciais ofertas cada vez com maior diversificação e especificidade. Esta consideração fundamenta-se no facto de ser um setor que envolve, direta e/ou indiretamente, um elevado número de indivíduos, postos de trabalho, infraestruturas básicas, etc., mas ao mesmo tempo porque estabelece relações com outros setores de atividade que ou dele dependem ou que nele criam dependências, sendo ainda um gerador de riqueza para as regiões e países recetores de fluxos turísticos (sazonais, anuais, temáticos,...).

No quadro da economia portuguesa, o turismo reveste-se de grande importância, graças, entre outros fatores, à elevada percentagem do produto gerado em termos de PIB e ao volume de emprego estimado para o setor.

No que se refere à importância da formação dos recursos humanos em Turismo, tal significa demonstrar a utilidade da formação especializada num setor que «vive» das pessoas, onde a concorrência é cada vez mais acesa, e numa conjuntura em que, um pouco por toda a parte, florescem novos destinos e se constata uma competitividade que inclui a vertente do preço como parte importante da diferenciação da oferta. E neste contexto, a qualidade de serviço, o profissionalismo dos recursos humanos e a sua formação, são outros aspetos determinantes, que qualquer entidade ou região deve ter em conta, sob pena de lesar a sua imagem turística.

E como tudo isto conduz a que o Turismo seja hoje uma importante atividade geradora de valor, e conseqüentemente, de emprego, ele é essencial ao desenvolvimento sustentado de muitas regiões do país. O espaço geográfico tem um papel acrescido no setor do Turismo, sendo essencial olhar para o território, em particular na forma como as atividades do Turismo aí se integram, no uso que dele fazem como espaço de fidelização dos clientes (turistas), na intervenção dos poderes públicos (locais, regionais, nacionais) enquanto

responsáveis pela regulamentação e regulação da atividade, e na sua intervenção no espaço, no ambiente, na cultura, e também na educação e formação viradas para um Turismo de qualidade, feito de proximidade e para as pessoas – e por isso não devendo descurar estas como ‘indivíduo’ e como elemento de ‘grupo’ que procura igual satisfação no produto turístico. E este engloba uma extensa gama de ‘serviços’, que integra áreas tão distintas como as do alojamento, restauração e bebidas, transportes, distribuição (agências de viagem e Turismo), animação turística (cultural, desportiva, ambiental, de entretenimento e lazer), às quais há que dar resposta integrada e satisfatória no seu todo, como forma de assegurar a boa imagem e a consequente fidelização.

Uma das componentes essenciais deste setor é pois o turista (alvo da atividade em si) e as suas expectativas. E o seu perfil está a mudar, bem como as suas exigências, desde logo e em primeiro lugar, procurando cada vez mais o usufruto de um serviço de qualidade. Depois, e nessa senda de atualização/mudança de exigências, configuram-se novas tendências (a alteração dos períodos de férias, mais curtos e mais repartidos ao longo do tempo, a procura de viagens únicas, a oferta de diversidade e complementaridade de serviços), e as respostas a estas alterações de hábitos do turista, tanto se aplicam ao cliente interno como ao que vem do exterior, e a capacidade de responder a esses (novos) desafios constantes, exigem também, e para além das adequações da estrutura da oferta, uma correspondente atualização na formação dos agentes turísticos enquanto *front-office* da receção ao mesmo turista.

Fala-se, hoje, de oferta turística muito diversificada, que passa, por exemplo, por alojamentos diferenciados, gastronomia regional, animação ambiental, desportiva, cultural. A oferta turística surge cada vez mais ligada a conceitos de ‘saúde e bem-estar’, como o termalismo, a equitação terapêutica ou outras atividades. E há que ter um olhar muito atento, além destas áreas, na componente de animação turística (entretenimento ambiental, cultural, jogo, natureza, etc.), cujos profissionais promovem, operacionalizam, e eventualmente acompanham programas e iniciativas de animação muito específica, de forma a proporcionar aos turistas atividades de lazer complementares aos restantes serviços tradicionalmente ligados ao serviço turístico.

E uma constatação emerge deste universo cada vez mais complexo: os trabalhadores deste setor apresentam, em geral, baixa escolaridade e formação, ainda que se tenha vindo a

verificar nos últimos anos uma tendência para o aumento destes níveis de capacitação, em parte graças ao aparecimento dos cursos profissionais e das Escolas Profissionais.

Apesar desta melhoria, o “*Plano Estratégico de Formação em Hotelaria e Turismo*”²⁶, apontava para a necessidade de um adequado funcionamento do sistema de formação turística, no sentido de atingir os seguintes objetivos:

- disponibilização de mão-de-obra qualificada no setor;
- melhoria da qualidade e da sustentabilidade da oferta turística e do emprego;
- regulação do mercado de emprego, designadamente através da certificação profissional.

Revela-se assim, neste contexto, ser fundamental uma *oferta crescente e qualificada de formação profissional específica*, que permita aumentar competências e criar condições para uma inserção profissional estável dos trabalhadores que exercem a sua atividade profissional no setor do Turismo, reforçando a relação entre ‘qualidade do emprego’, ‘profissionalização e qualidade dos serviços’, que seja capaz de acompanhar as tendências de um mercado em permanente mutação.

Perante esta perspetiva, que gera grandes desafios futuros ao setor turístico nacional, - a nível local, regional e global - as Escolas Profissionais continuam, tal como há 25 anos atrás, a assumir um papel importante de motor de desenvolvimento da qualificação de “quadros turísticos”, nomeadamente na criação de competências necessárias para fazer face à procura de mão-de-obra qualificada, respondendo, dessa forma, aos desafios colocados por uma economia cada vez mais exigente em termos de qualificação profissional dos seus recursos humanos, capazes de criar novas dinâmicas numa área formativa cada vez mais prioritária, para que o Turismo se afirme como uma das âncoras mais seguras da economia do país.

De acordo com os dados recolhidos junto da Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares (Dgeste), existem atualmente 20 Escolas Profissionais de Turismo²⁷ (Quadro 7).

²⁶ Ministério da Economia-IAPMEI

Quadro 7- Número de Escolas Profissionais na área do Turismo, por NUT III e por Distrito, segundo a natureza do estabelecimento- 2014

Direção de Serviços Regional	NUT III	DISTRITO	GRUPO/NATUREZA	
			Público	Privado
Alentejo	Alto Alentejo	Portalegre	1	0
Algarve	Algarve	Faro	3	0
Centro	Baixo Vouga	Aveiro	0	1
	Cova da Beira	Castelo Branco	1	0
	Baixo Mondego	Coimbra	1	0
	Beira Interior Norte	Guarda	0	1
Lisboa e Vale do Tejo	Oeste	Leiria	2	0
	Grande Lisboa	Lisboa	2	1
	Médio Tejo	Santarém	0	1
	Lezíria do Tejo	Santarém	1	0
	Península de Setúbal	Setúbal	1	0
Norte	Grande Porto	Porto	1	0
	Alto Trás-os-Montes	Bragança	1	0
	Minho Lima	Viana do Castelo	1	0
	Douro	Viseu	1	0

Fonte: Elaboração própria a partir de Fonte -Dgeste - 2014

Atualmente, os cursos na área de formação do Turismo e Lazer – Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural – não se limitam a ser ministrados nas Escolas Profissionais de Hotelaria e Turismo. Ao longo dos últimos anos, estes dois cursos têm surgido frequentemente nas ofertas de formação de um grande número de Escolas Profissionais espalhadas por todo o país.

De acordo com os dados recolhidos, no ano letivo de 2011/2012 estes dois cursos estiveram em funcionamento em 83 Escolas Profissionais²⁸. Se a estas juntarmos os cursos ministrados em Escolas Secundárias da rede pública com ensino profissional, o número de escolas com aquela oferta formativa será muito superior.

²⁷ Dados relativos a Escolas na área da Hotelaria e Turismo - 2014

²⁸ Dados Anespo- Associação Nacional de Escolas Profissionais

1.4. Os cursos profissionais na área do Turismo

No *portfólio* dos cursos profissionais existentes, criados ao abrigo do DL 74/2004 e da Portaria 550-C/2004, existem quatro cursos profissionais pertencentes à família profissional de Hotelaria e Turismo. No entanto estes cursos pertencem a duas áreas de formação distintas, dois estão integrados na área de Turismo e Lazer, os outros dois na área de Hotelaria e Restauração.²⁹ Os dois cursos relevantes para o presente trabalho são os pertencentes à área de formação de Turismo e Lazer: o curso de Técnico de Turismo e o curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural (Quadro 8).

Quadro 8- Família Profissional /Área de Formação dos cursos Profissionais na área do Turismo

Família Profissional	Área de Formação	
	Hotelaria e Restauração (811)	Turismo e Lazer (812)
Hotelaria e Turismo	Curso Profissional de Técnico de Restauração (saída profissional de Cozinha-Pastelaria e de Restaurante-Bar)	Curso Profissional de Técnico de Turismo
	Curso Profissional de Técnico de Receção	Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural

Fonte: Elaboração própria a partir de fonte

Assim, é importante realçar que quando nos referimos aos cursos profissionais na área do Turismo, referimo-nos em concreto aos dois cursos mencionados.

1.4.1. Curso Profissional de Técnico de Turismo

O Curso de Técnico de Turismo foi criado através da Portaria 1288/2006, de 21 de novembro e visa a saída profissional de Técnico de Turismo. Este curso enquadra-se na família profissional de Hotelaria e Turismo e integra-se na área de educação e formação de Turismo e Lazer (812)³⁰ (Quadro 9).

²⁹ Os 2 cursos integrados na área de Hotelaria e Restauração são os cursos de Técnico de Receção e de Técnico de Restauração (com duas saídas: Técnico de Cozinha-Pastelaria e Técnico de Restaurante-Bar)

³⁰ De acordo com a Portaria nº 256/2005, de 16 de março

A carga horária total apresentada para o Plano de Estudos (3100horas) é a definida para o total do ciclo formativo.³¹ A gestão da carga horária deve ser feita pela Escola, no âmbito da sua autonomia pedagógica, e deve ser compartimentada pelos três anos do curso, acautelando sempre o equilíbrio anual da mesma.

Quadro 9- Plano curricular do curso profissional de Técnico de Turismo

		DISCIPLINAS	TOTAL DE HORAS CICLO FORMAÇÃO
COMPONENTES DE FORMAÇÃO	SOCIOCULTURAL	PORTUGUÊS	320
		LÍNGUA ESTRANGEIRA I , II, III (b)	220
		ÁREA DE INTEGRAÇÃO	220
		TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	100
		EDUCAÇÃO FÍSICA	140
		sub-total	1000
	CIENTÍFICA	GEOGRAFIA	200
		HISTÓRIA DA CULTURA E DAS ARTES	200
		MATEMÁTICA	100
		sub-total	500
	TÉCNICA	COMUNICAR EM FRANCÊS, ESPANHOL, ALEMÃO, INGLÊS (c)	180
		TURISMO- INFORMAÇÃO E ANIMAÇÃO TURÍSTICA	402
		TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO EM ACOLHIMENTO TURÍSTICO	240
		OPERAÇÕES TÉCNICAS EM EMPRESAS TURÍSTICAS	358
		FORMAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO	420
		sub-total	1600
	TOTAL HORAS CURSO		3100

Fonte: Portaria 1288/2006, de 21 de novembro

Relativamente à Língua Estrangeira I, II ou III, o aluno escolhe a língua a frequentar. Se o mesmo tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará, obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário.

Relativamente à disciplina de *Comunicar em ...*, a língua estrangeira a oferecer depende da opção da Escola, no âmbito da sua autonomia pedagógica. As opções mais frequentes são o Francês, o Espanhol, o Alemão e o Inglês.

O Plano de estudos deste curso resultou da reestruturação de outros cursos profissionais existentes na área do Turismo, anteriores à publicação desta Portaria, nomeadamente os cursos de Técnico de Turismo (Portaria nº 543/96, de 3 de outubro), de

³¹ O Despacho 91/2013, de 10 de julho, veio dar a possibilidade às Escolas de alterar esta situação, conforme já referido no ponto 1.2. do presente trabalho

Técnico de Turismo/Profissionais de Informação Turística (Portarias n.ºs 703/90, de 20 de agosto, 209/92, de 19 de março, 253/92, de 26 de março, 269/92, de 30 de março, 288/92, de 20 de abril, 314/92, de 8 de abril, e 331/92, de 10 de abril), de Técnico de Turismo/Profissionais de Informação e Animação Turística (Portaria n.º 543/96, de 3 de outubro) e de Turismo/Profissionais de Informação Turística (Portarias n.ºs. 233/92, de 24 de março, 236/92, de 24 de março, 257/92, de 27 de março, e 261/92, de 27 de março), que foram extintos.

Aos alunos que completarem com aproveitamento o ciclo de estudos proposto será atribuído um diploma de conclusão do ensino secundário de educação e um certificado de qualificação profissional de nível IV.

De acordo com o perfil de desempenho publicado pela ex- Direção Geral de Formação Vocacional (DGFV)³², atual ANQEP, o Técnico de Turismo “ é o profissional que executa serviços de informação, animação e organização de eventos em empresas de turismo, de reservas em agências de viagens e de recepção e acolhimento em unidades turísticas”

Ainda de acordo com aquele organismo, relativamente às atividades principais que este técnico pode vir a desempenhar, realce para:

- Desenvolver os serviços de informação, organização e animação de eventos em empresas de turismo:
 - ✓ prestar informações de carácter turístico sobre o país e sobre o local onde se encontra;
 - ✓ organizar e acompanhar programas de animação;
 - ✓ organizar eventos, conferências e programas especiais para grupos;
 - ✓ proceder ao atendimento e acompanhamento de clientes, identificando as suas necessidades e orientando as suas escolhas;
- Executar serviços em agências de viagens:
 - ✓ apresentar, aconselhar e propor ao cliente diversos tipos de produtos turísticos adequados à sua motivação e interesses;

³² Disponível em www.anqep.gov.pt

- ✓ transmitir aos clientes toda a informação e documentação relativa ao serviço turístico solicitado;
 - ✓ efetuar as reservas, emitir bilhetes e *vouchers* e outra documentação relevante para as viagens ou serviços a prestar;
 - ✓ proceder à venda e faturação dos serviços prestados;
 - ✓ organizar processos individuais de clientes, efetuar *transfers* de chegada e partida;
 - ✓ prestar assistência em aeroportos (chegadas e partidas);
 - ✓ realizar programas de viagens, conferências, etc.;
 - ✓ organizar eventos e programas para grupos especiais;
 - ✓ proceder ao acompanhamento de fornecedores de serviços de agências de viagens, tais como operadores turísticos, empresas ou clientes individuais em fase de contratação;
 - ✓ organizar o arquivo da agência de viagens.
- Executar os serviços de receção e acolhimento em unidades turísticas:
 - ✓ efetuar a pesquisa de diversos tipos de informação turística;
 - ✓ prestar informação e promover produtos e serviços turísticos;
 - ✓ vender produtos e serviços turísticos;
 - ✓ efetuar as operações de reserva;
 - ✓ prestar informação sobre o património histórico, cultural, etnográfico e gastronómico da região e do país;
 - ✓ prestar assistência ao cliente;
 - ✓ realizar o atendimento e a receção ao cliente.

De acordo com o perfil de desempenho definido para este curso, o Técnico de Turismo pode desempenhar a sua atividade profissional em diversas instituições/organismos, nomeadamente, Entidades Regionais de Turismo (ERT), postos de informação turística, agências de viagens, empreendimentos turísticos, companhias aéreas, autarquias (departamento de Turismo, departamento sociocultural, postos de Turismo), associações de defesa do património, empresas e associações de animação cultural e associações de desenvolvimento local e regional.

1.4.2. Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural

O Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural foi criado através da Portaria 1287/2006, de 21 de novembro e visa a saída profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural. Este curso enquadra-se na família profissional de Hotelaria e Turismo e integra-se na área de educação e formação de Turismo e Lazer (812)³³ (Quadro 10).

À semelhança do Curso anterior, também aqui a carga horária total apresentada para o Plano de Estudos (3100 horas) é a definida para o total do ciclo formativo.³⁴ A gestão da carga horária deve ser feita pela Escola, no âmbito da sua autonomia pedagógica, e deve ser compartimentada pelos três anos do curso, acautelando sempre o equilíbrio anual da mesma.

Quadro 10- Plano curricular do curso profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural

		DISCIPLINAS	TOTAL DE HORAS CICLO FORMAÇÃO
COMPONENTES DE FORMAÇÃO	SOCIOCULTURAL	PORTUGUÊS	320
		LINGUA ESTRANGEIRA I , II, III (b)	220
		ÁREA DE INTEGRAÇÃO	220
		TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	100
		EDUCAÇÃO FÍSICA	140
		sub-total	1000
	CIENTÍFICA	GEOGRAFIA	200
		HISTÓRIA DA CULTURA E DAS ARTES	200
		MATEMÁTICA	100
		sub-total	500
	TÉCNICA	AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO RURAL	399
		TURISMO E TÉCNICAS DE GESTÃO	408
		TÉCNICAS DE ACOLHIMENTO E ANIMAÇÃO	283
		COMUNICAR EM FRANCÊS, ESPANHOL, ALEMÃO, INGLÊS (c)	90
		FORMAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO	420
sub-total		1600	
TOTAL HORAS CURSO		3100	

Fonte: Portaria 1287/2006, de 21 de novembro

³³ De acordo com a Portaria nº 256/2005, de 16 de março

³⁴ O Despacho 91/2013, de 10 de julho, veio dar a possibilidade às Escolas de alterar esta situação, conforme já referido no ponto 1.2. do presente trabalho

Também, relativamente à Língua Estrangeira I, II ou III, é o aluno que escolhe a língua a frequentar. Se o mesmo tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará, obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário.

Relativamente à disciplina de *Comunicar em ...*, a língua estrangeira a oferecer depende igualmente da opção da Escola, no âmbito da sua autonomia pedagógica. As opções mais frequentes são o Francês, o Espanhol, o Alemão e o Inglês.

O Plano de estudos deste curso resultou da reestruturação de outros cursos profissionais existentes na área do Turismo, vertentes ambiental e rural, anteriores à publicação desta Portaria, nomeadamente os cursos de Técnico de Turismo Ambiental (Portaria nº 195/92, de 18 de março) e de Técnico de Turismo Ambiental e Rural (Portarias nºs 1176/95, de 26 de setembro, e 732/96, de 11 de dezembro), que foram extintos.

Aos alunos que completarem com aproveitamento o ciclo de estudos proposto será atribuído um diploma de conclusão do ensino secundário de educação e um certificado de qualificação profissional de nível IV.

De acordo com o perfil de desempenho publicado pela ex- Direção Geral de Formação Vocacional (DGFV)³⁵, atual ANQEP, o Técnico de Turismo Ambiental e Rural “ é o profissional que participa na aplicação de medidas de valorização do turismo em espaço rural, executando serviços de receção em alojamento rural e de informação, organização e animação de eventos”

Relativamente às atividades principais que este técnico pode vir a desempenhar, ainda segundo o mesmo organismo, realce para:

- Proceder ao levantamento de recursos e potencialidades turísticas locais e regionais;
- Colaborar na divulgação da oferta turística local e regional;
- Participar na divulgação do património gastronómico local e regional, contribuindo para o desenvolvimento de marcas e produtos da região;
- Proceder à promoção e animação de espaços naturais e zonas rurais;

³⁵ Disponível em www.anqep.gov.pt

- Participar na sensibilização e preservação ambientais e culturais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das populações;
- Organizar e dinamizar a animação turística, nomeadamente com atividades de turismo de natureza cultural, entre outros;
- Colaborar na gestão e dinamização de empresas e unidades de turismo em espaço rural;
- Proceder ao atendimento e acompanhamento de clientes, identificando as suas preferências e orientando as suas escolhas.

De acordo com o perfil de desempenho definido para este curso, o Técnico de Turismo Ambiental e Rural pode desempenhar a sua atividade profissional, entre outras, nas seguintes instituições/organismos: Entidades Regionais de Turismo (ERT), postos de informação turística, empresas de Turismo em espaço rural, autarquias (departamento de turismo, departamento sociocultural, postos de Turismo), empreendimentos turísticos, áreas protegidas (parques naturais, reservas, etc.), empresas e associações de animação cultural, associações de defesa do património a associações de desenvolvimento local e regional.

CAPÍTULO 2. O ENSINO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA NOS CURSOS DE TURISMO

2.1. A disciplina de História da Cultura e das Artes

Nos cursos Profissionais na área do Turismo, a disciplina de História, aparece no currículo com a denominação de História da Cultura e das Artes. Esta disciplina está integrada na área de Formação Científica e apresenta um total de 200 horas para o ciclo formativo. A repartição desta carga horária total pelos três anos do ciclo formativo é gerida pelas escolas no âmbito da sua autonomia pedagógica.

2.2. O programa da disciplina

O programa em vigor para a disciplina de História da Cultura e das Artes, elaborado pelo Ministério da Educação e homologado no ano de 2007³⁶, é constituído por duas partes. A primeira descreve a orgânica geral através da caracterização da disciplina e da visão geral do programa, das competências a desenvolver, das orientações metodológicas e avaliativas, seguindo-se o elenco dos módulos constituintes do mesmo, e pela bibliografia. Na segunda parte deste programa estão desenvolvidos detalhadamente os diferentes módulos a lecionar.

O programa da disciplina está estruturado em duas áreas temáticas – a História da Cultura e a História das Artes – tendo esta última uma importância redobrada. Estas duas áreas temáticas estão essencialmente centradas na evolução da história ocidental tendo, no entanto, poucas referências à realidade portuguesa. Elas desenvolvem-se em duas grandes linhas orientadoras paralelas, concretizadas no programa através de um Tronco Comum (História da Cultura) e um Tronco Específico (História das Artes)³⁷.

O programa é composto por dez módulos, que têm como objetivo desenvolver nos alunos as seguintes competências³⁸:

³⁶ O programa desta disciplina pode ser consultado em <http://www.anqep.gov.pt/default.aspx>.

³⁷ O Tronco Específico, engloba as diversas “Histórias das Artes”, de acordo com os diferentes percursos educativos. A História das Artes Visuais, a História do Teatro, a História da Dança e a História da Música, constituem-se como Troncos Específicos

³⁸ Ministério da Educação, Programa da disciplina de História da Cultura e das Artes – Cursos Profissionais de

- ✓ pesquisar, selecionar e organizar informação diversificada de uma forma autónoma, responsável e criativa;
- ✓ compreender o objeto artístico como documento/testemunho do seu tempo histórico;
- ✓ evidenciar uma atitude crítica enquanto recetor de objetos de cultura;
- ✓ mobilizar os conhecimentos adquiridos na disciplina para criticar a realidade contemporânea;
- ✓ enquadrar as categorias de área artística na análise conjuntural do tempo e do espaço (histórico e cultural) para desenvolver referenciais profissionais específicos da sua área;
- ✓ mobilizar os conhecimentos adquiridos de modo a preservar e valorizar o património artístico e cultural;
- ✓ interiorizar a defesa do património como ato de cidadania.

Os dez módulos que constituem o programa são os seguintes:

- Módulo 1: A Cultura da Ágora (o século V a.C.) – “O século de Péricles”;
- Módulo 2: A Cultura do Senado (do século I a.C. ao século I d.C.) – “O século de Augusto”
- Módulo 3: A Cultura do Mosteiro (os séculos IX-XII) – “Da organização cristã da Europa ao crescimento e afirmação urbanos);
- Módulo 4: A Cultura da Catedral (do século XII - à 1ª metade século XV);
- Módulo 5: A Cultura do Palácio (da 1ª metade do século XV- a 1618) – “De meados de Quatrocentos ao início da Guerra dos 30 anos”;

- Módulo 6: a Cultura do Palco (de 1618 a 1714) – “ Do início da Guerra dos 30 anos ao final do reinado de Luís XIV);
- Módulo 7: A Cultura do Salão (de 1715 a 1815) – “Da morte de Luís XIV à Batalha de Waterloo”;
- Módulo 8: A Cultura da Gare (de 1815 a 1905) – “Da Batalha de Waterloo à Exposição de Fauves”;
- Módulo 9: A Cultura do Cinema (de 1905 a 1960) - “Da Exposição dos Fauves à viragem dos anos 60”;
- Módulo 10: A Cultura do Espaço Virtual (de 1960 até à atualidade) -“A atividade humana regulada pela tecnologia e pelo consumo. A moda e o efémero”.

Cada módulo integra conteúdos do tronco comum e do tronco específico, e organiza-se através de categorias analíticas, indicadores de aprendizagem, ou categorias operativas: tempo, espaço, biografia, local, acontecimento, síntese e casos práticos.

Os indicadores tempo, espaço, local e síntese têm por objetivo dotar os alunos de informação e conhecimentos necessários ao enquadramento histórico e à definição das culturas a estudar, permitindo uma certa linha de continuidade entre eles. Relativamente aos indicadores ou categorias, biografia e acontecimento, estes permitem quer a professores, quer a alunos, utilizá-los, estudá-los e relacioná-los com os restantes indicadores e seus conteúdos, no momento de aprendizagem que entendam ser o mais indicado, em virtude das estratégias e objetivos planeados para as aulas.

Os casos práticos apresentados, no início e no final de cada módulo, interligam as áreas temáticas dos troncos comum e específico, e permitem, consoante o curso, uma visão mais abrangente sobre “as outras artes” (dança, canto, teatro ou música).

2.2.1. Orientações Programáticas

Atendendo às características da própria disciplina e à forma como o programa está estruturado as orientações metodológicas relativas à abordagem do mesmo são fundamentais e devem contribuir para a qualificação e diversificação da formação dos alunos.

O programa apela para o reforço das metodologias de trabalho ativas e/ou colaborativas dentro da sala de aulas (a pares) que se centrem em atividades e tarefas que permitam aos alunos efetuar pesquisas, selecionar, criticar e comunicar a informação autonomamente ou em grupo. *“É fundamental desenvolver as categorias tempo, espaço e contexto histórico a partir de fontes documentais, sugeridas ao longo do programa e não apenas nos casos práticos, uma vez que todos os acontecimentos são sustentados com fontes escritas e por vezes iconográficas”*³⁹

O programa incentiva à análise de fontes documentais como forma de estimular os alunos para o tema a estudar, e incentiva o trabalho de pesquisa, individual ou em grupo.

Por se tratar de um programa com uma forte componente cultural e artística, a vertente prática, o contacto com obras de arte e com a “complexa realidade que as envolve” é uma metodologia aconselhada. A visita a estações arqueológicas, museus, oficinas de artistas, galerias de arte, monumentos, espetáculos, *workshops*, entre outros, são atividades, orientações propostas no programa.

Relativamente à avaliação proposta, o programa apela para uma inter-relação aprofundada entre as diferentes modalidades avaliativas – diagnóstica, formativa e sumativa - referindo que qualquer uma dessas modalidades *“(…) deve estar de acordo com a forma como os conteúdos foram analisados e as competências trabalhadas nas atividades letivas, não podendo, por isso, restringir-se aos conhecimentos, mas contemplar várias capacidades.”*⁴⁰

2.2.2. Análise crítica do programa

A introdução no programa de casos práticos em cada um dos módulos, e o facto de estes poderem servir de motivação (se estudados no início) ou de consolidação de conhecimentos (se estudados no final), parece-nos uma mais-valia que o mesmo apresenta para os alunos. O facto de, logo no início dos módulos, ser introduzido um caso prático que permite ao aluno um contacto, um confronto, com a visualização de obras de arte contemporânea, como forma de operar a motivação do mesmo para o fazer “viajar até outros

³⁹ Idem, p.9

⁴⁰ Ibidem, 13

tempos históricos” é, no nosso entendimento, uma ideia bastante positiva, que no entanto pode ter algum risco, nomeadamente, o de provocar alguma confusão nos alunos no que se refere ao chamado *tempo histórico*. As estratégias utilizadas pelo professor na abordagem deste problema, serão de vital importância para a compreensão da “viagem cronológica” que os alunos têm que efetuar, até porque, se tratam de casos práticos abordados logo no início de cada módulo, para a motivação, para a sedução, que o aluno possa ter para a abordagem das restantes matérias.

Também a integração da biografia e do acontecimento, a par dos casos práticos, no contexto geral de cada um dos módulos são de extrema importância, pois, suscitam um conjunto de interrogações que têm por objetivo levar os alunos à descoberta do que é mais importante saber, e de que forma aquela situação em concreto ajuda a compreender melhor o objeto em estudo em cada um desses mesmos Módulos.

A intermodalidade que constitui a linha condutora do programa, é igualmente um aspeto bastante relevante do mesmo.

Relativamente às metodologias sugeridas para a abordagem programática, podemos afirmar que são positivas, uma vez que sugerem um ensino baseado em metodologias ativas e colaborativas dentro da sala de aulas, baseadas essencialmente na análise, na interpretação de fontes históricas, como ponto de partida para a aquisição de conhecimentos.

A nosso ver, e de forma positiva, o programa acaba por remeter para aquilo a que Isabel Barca⁴¹ acabou por denominar de chamada “aula-oficina”, como modelo mais propício para que o aluno seja o construtor do seu próprio conhecimento, através de um maior envolvimento na “aprendizagem contextualizada do conhecimento histórico.”

Pela negativa, é nosso entendimento que o programa, apesar de ter algumas referências, apresenta algumas lacunas a nível de História de Portugal, que acaba por ser um pouco “esquecida”.

No início de cada módulo, a contextualização histórica, a introdução ao estudo do referido período, devia ser um pouco mais aprofundada em termos de história política, social

⁴¹ Barca, Isabel (2004). Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho.

e económica, o que facilitaria, a nosso ver, uma melhor compreensão de determinados acontecimentos, factos históricos, por parte dos alunos.

Também pela forma como está estruturado pode causar alguma confusão nos alunos, facto que poderá ser minimizado pela abordagem que cada docente fará do mesmo. Neste aspeto parecem-nos bastante positivas as orientações metodológicas sugeridas para a abordagem ao referido programa, uma vez que, a serem seguidas, permitirão superar algumas dessas dificuldades, e criar as condições para que os alunos adquiram as competências propostas.

2.3. A disciplina de Geografia

A disciplina de Geografia está inserida na componente Científica dos Cursos Profissionais na área do Turismo, mais concretamente nos cursos de Técnico de Turismo e de Técnico de Turismo Ambiental e Rural. O total da carga horária prevista nos Planos Curriculares destes cursos para a disciplina e para os três anos do ciclo formativo são 200 horas, a gerir pelas escolas, no âmbito da sua autonomia pedagógica.

2.4. O programa de Geografia

O programa em vigor para a disciplina de Geografia, elaborado pelo Ministério da Educação, foi homologado no ano de 2007⁴². À semelhança do programa da disciplina de História da Cultura e das Artes, o de Geografia também é constituído por duas partes. A primeira descreve a orgânica geral e faz a caracterização da disciplina, é dada uma visão geral do programa, das competências a desenvolver, das orientações metodológicas e avaliativas, seguindo-se o elenco dos módulos constituintes do mesmo, e pela bibliografia. Na segunda parte deste programa estão desenvolvidos detalhadamente os diferentes módulos a lecionar.

Como a disciplina de Geografia faz parte não só dos cursos da área do Turismo, mas integra igualmente Planos Curriculares de outros cursos, o programa da disciplina foi concebido com elencos modulares distintos, a que correspondem cargas horárias totais distintas, de 200 ou 300 horas, conforme as saídas profissionais a que se destina.

O elenco modular apresentado no programa, é o seguinte:

- Módulo A1- Portugal – Espaços internos e Externos;

⁴² O programa desta disciplina pode ser consultado em <http://www.anqep.gov.pt/default.aspx>

- Módulo B1- O Quadro Natural de Portugal – O relevo;
- Módulo B2- O Quadro Natural de Portugal – O Clima;
- Módulo A2- O Quadro Natural de Portugal – A Cobertura Vegetal;
- Módulo B3- O Quadro Natural de Portugal – A Água;
- Módulo B4- Portugal - A População;
- Módulo B5- Portugal - As Áreas Urbanas;
- Módulo B6- Portugal- As Áreas Rurais;
- Módulo B7- Portugal- A Mobilidade de Pessoas e de Bens;
- Módulo B8- O Turismo no Mundo Atual;
- Módulo B9- Portugal e a União Europeia – Problemas e Desafios;
- Módulo A3- A Geografia e a Geoinformação.

Nos cursos em que a disciplina tem uma carga horária de 300 horas, o elenco modular é constituído por onze módulos. Como esta situação não contempla os cursos da área do Turismo, objeto do presente estudo, entendemos não fazer grandes considerações acerca desta “alternativa modular”.

Relativamente ao elenco modular com 200 horas de formação, o elenco modular previsto é constituído por nove módulos, identificados pela letra B (B1 a B9), em que os módulos B8 e B9 são opcionais, podendo ser selecionados de acordo com a saída profissional visada pelo curso. No caso em concreto da *Escola Profissional 1*, o módulo opcional selecionado foi o módulo B8, o Turismo no Mundo Atual – Uma indústria Globalizante. Tratando-se de cursos na área do Turismo, faz todo o sentido a opção por este módulo

Relativamente ao programa da disciplina⁴³, “*refira-se que a estrutura organizativa dos vários temas apresentados pressupõe uma abordagem que tem implícita uma perspetiva*

⁴³ Ministério da Educação, Programa da disciplina de Geografia – Cursos Profissionais de Nível Secundário,

de investigação que contemple uma análise da importância dos recursos, quer do ponto vista económico, quer da qualidade de vida das populações, bem como os contrastes regionais que devem ser encarados na óptica de assimetrias a combater e de diferenças a preservar e a valorizar.”

A estrutura interna de cada módulo indica também as competências visadas, os objetivos pretendidos, a avaliação pretendida e a respetiva bibliografia. Quanto às competências que os alunos deverão desenvolver, segundo o programa, agrupam-se em três categorias: analítico-conceituais, técnico-metodológicas e atitudinais.⁴⁴

a) Competências analítico-conceituais:

- ✓ Compreender os conceitos geográficos de forma a construir uma visão integrada da Geografia como ciência;
- ✓ Reconhecer a existência de diferentes padrões de distribuição dos fenómenos geográficos;
- ✓ Reconhecer situações problemáticas relativas ao uso do espaço geográfico, propondo soluções fundamentadas para a sua resolução;
- ✓ Compreender a existência de conflitos no uso do espaço e na gestão dos recursos em regiões de desigual desenvolvimento;
- ✓ Reconhecer a importância do ordenamento do território no atenuar das desigualdades de desenvolvimento;
- ✓ Avaliar as potencialidades do território, propondo medidas para a sua valorização;
- ✓ Compreender a estruturação do território nacional em diferentes escalas de análise;
- ✓ Compreender a interação do território nacional com outros espaços, particularmente o espaço ibérico e o europeu;

Direção Geral de Formação Vocacional, 2007, p.3.

⁴⁴ Idem, p.6

b) Competências técnico-metodológicas:

- ✓ Utilizar os métodos indutivo e dedutivo no estudo dos fenómenos geográficos;
- ✓ Utilizar o processo de inferência para interpretar documentos geográficos, encaminhar a pesquisa, responder a problemas ou levantar novos problemas;
- ✓ Sistematizar dados, dando-lhes coerência e organizando-os em categorias na procura de modelos explicativos de organização do território;
- ✓ Utilizar técnicas de expressão gráfica e cartográfica, tratando a informação de forma correta e adequada aos fenómenos em análise e rentabilizando o uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC);

c) Competências atitudinais:

- ✓ Desenvolver atitudes de rigor, de curiosidade, de honestidade e de perseverança face ao conhecimento e aos trabalhos de carácter científico;
- ✓ Desenvolver o espírito de tolerância e a capacidade de diálogo crítico em processos de trabalho cooperativo, de pesquisa e de comunicação da informação;
- ✓ Interessar-se pela conciliação entre o crescimento económico e a melhoria da qualidade de vida das populações, valorizando o património natural e o património cultural;
- ✓ Desenvolver atitudes de respeito pelo uso dos recursos de modo a legá-los às gerações vindouras em condições de serem utilizados;
- ✓ Desenvolver atitudes e práticas quotidianas assentes numa ética ambiental;
- ✓ Desenvolver uma cultura cívica valorizadora do ordenamento do território;
- ✓ Avaliar o contributo das TIC como fator de desenvolvimento e de utilização individual e social do espaço geográfico;
- ✓ Interessar-se pela participação cívica nos processos de desenvolvimento territorial.

Sabendo que a educação geográfica desempenha um papel importante na preparação dos jovens para a vida ativa, as metodologias a utilizar devem centrar-se numa pedagogia ativa centrada na interação professor-aluno e orientada para o desenvolvimento de competências geográficas.

2.4.1. Orientações Programáticas

Como referido anteriormente, as orientações programáticas apontam para uma pedagogia ativa, centrada na interação professor-aluno e orientada para o desenvolvimento de competências. Pretende-se que os alunos adquiram uma formação sólida, que lhes permita, entre outros, conhecer o território nacional e compreender a diversidade paisagística existente no mesmo.

A abordagem dos temas deverá ser feita sob diferentes escalas de análise (local/regional/nacional). No entanto sempre que um determinado tema seja de maior relevância para a comunidade local ou regional, sugere-se um estudo mais exaustivo do mesmo, utilizando estratégias que preconizem uma maior interação escola-meio, no sentido de dar uma dimensão regional ao ensino da disciplina.

Apesar destas indicações, é também referenciada a necessidade de se garantir um tratamento equilibrado do estudo de todos os espaços que constituem o território nacional, por forma a possibilitar aos alunos uma visão global integrada do país, tendo em conta as características das áreas que o compõem.

Sugere-se igualmente a abordagem, em termos comparativos, entre a realidade nacional e outros espaços europeus e mundiais, a fim de permitir uma visão comparativa aos alunos, com o objetivo de enriquecer os seus conhecimentos.

Na elaboração da planificação do seu projeto pedagógico-didático, o professor deverá ter em consideração toda a envolvente da própria escola, mas também os recursos científicos e pedagógicos da instituição de ensino. Diríamos que, tendo em conta as dificuldades com que muitas escolas se deparam hoje em dia, há que ter em conta igualmente os recursos financeiros disponíveis para a concretização desse mesmo projeto.

É aconselhado o recurso à diversificação de fontes, e o incentivo à abordagem dos problemas de diferentes formas, para evitar que potenciais experiências inovadoras se tornem em práticas rotineiras que desmotivem o aluno.

Neste sentido é fundamental a escolha das técnicas e das atividades a realizar, quer dentro quer fora da sala de aula, devendo dar prioridade àquelas que permitam a escolha, o tratamento e a apresentação de informação e proporcionem atividades pedagógicas inovadoras. A recolha de informação deve estimular uma observação naturalista ou estruturada (observação direta), recorrendo a saídas de campo, visitas de estudo, pesquisas documentais (estatísticas, documentos cartográficos, legislação, livros, etc.). É incentivado o uso das novas tecnologias, pois estas constituem-se como uma ferramenta essencial para o processo didático-pedagógico.

O trabalho de campo é fundamental na disciplina de Geografia, além de ser uma metodologia que motiva os alunos, permite-lhes desenvolver competências essenciais em Geografia. A observação e o contacto direto com as paisagens estimulam a curiosidade geográfica, principal ponto de partida para estudos mais aprofundados.

O recurso às novas tecnologias de informação é referenciado no programa, não só como meio de acesso à recolha e tratamento da informação (acesso a base de dados, SIG, etc), mas também como ferramenta substancial para a produção e armazenamento de recursos (ficheiros de conceitos, de imagens, de biografias, etc.).

As avaliações propostas são: a avaliação formativa (avaliação contínua, sistemática, que deverá incidir, essencialmente, sobre os processos, fazendo-o de uma forma sistemática e permanente, através da interação professor-aluno-professor) e a avaliação sumativa.

2.4.2. Análise crítica do programa

O Programa da disciplina de Geografia está, a nosso ver, indicado para os cursos que visam saídas profissionais na área do Turismo, embora apresente alguns aspetos que poderiam ser melhorados.

O programa remete para uma pedagogia ativa, centrada numa interação professor-aluno, e sustentada numa observação naturalista.

Também é nosso entendimento que os métodos de aprendizagem a privilegiar, devem basear-se nas chamadas teorias socio-construtivistas, onde todo o processo de aprendizagem deve ser baseado numa pedagogia ativa, baseada numa interação entre professor e aluno que além de permitir uma estreita relação pedagógica dentro da sala de aulas, permite criar situações diversificadas de aprendizagem, que só beneficiam o aluno, o professor e a própria Geografia.

O modelo de aprendizagem não se deve restringir à exposição do professor, como tal é de vital importância para o sucesso educativo o tipo de materiais e recursos pedagógicos a utilizar, que auxiliem e fundamentem o trabalho do professor, e que possibilitem planear situações didáticas interessantes e suscetíveis de construir e desenvolver competências nos alunos que lhes permitam a análise da realidade.

Em nossa opinião, a abordagem ao programa que é proposta, é a mais correta, em termos de Geografia. Realmente em qualquer programa de Geografia a melhor conceção pedagógico- didática a adotar na abordagem às temáticas em estudo, será a de uma análise à escala local (região onde a escola se situa ou onde o aluno vive), nacional, europeia, continental ou mundial, privilegiando metodologias que partam de exemplos concretos que podem ser à escala local, regional ou nacional, e que suscitem a dúvida, a reflexão para, dessa forma, desenvolverem as competências dos alunos.

Os recursos propostos são adequados às temáticas a desenvolver. Em Geografia, os materiais/recursos a utilizar devem ser pensados e planificados cuidadosamente, devem ser apelativos e contribuir para uma aula ativa, participativa. O seu uso deve permitir alcançar os resultados desejados, promover a reflexão, ajudando na transmissão de valores e atitudes que desenvolvam as competências pretendidas.

Importante também, a nosso ver, o “apelo” que é feito para a utilização das novas tecnologias da comunicação. Efetivamente, hoje em dia deve ser feita uma abordagem às questões geográficas fazendo uma utilização cada vez maior dos meios de comunicação e das tecnologias da informação. O visionamento de documentários, vídeos temáticos e sobretudo os recursos “on- line” colocados ao dispor do docente (*Google Earth, Google Maps*, por exemplo) constituem alternativas didáticas ricas, inovadoras e sobretudo estimulantes para os alunos, facilitando, dessa forma, o seu interesse e a participação nas atividades propostas.

As temáticas apresentadas permitem uma articulação muito estreita com outras áreas do conhecimento, complementares da Geografia. A interdisciplinaridade é, sem dúvida, um aspeto motivador e enriquecedor para a aprendizagem do aluno. Aspetos como o património local, regional (relação com a História) ou questões relacionadas com o ordenamento do território, o desenvolvimento sustentável (relação com a disciplina de Ambiente e Desenvolvimento Rural – curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural), são importantes e permitem estabelecer “pontes” e dar um carácter de complementaridade às áreas afins.

Relativamente a aspetos “menos positivos” do programa, a nosso ver o número de módulos apresentado é elevado, tendo em conta o número de horas previsto (200 horas), ou seja, é demasiado extenso. Também o número de horas sugerido para cada módulo não é, em alguns casos, o mais indicado. No entanto, este aspeto é facilmente ultrapassável, uma vez que as escolas, no âmbito da sua autonomia pedagógica, podem gerir a carga horária modular.

O facto de apresentar dois módulos opcionais, além de ser um aspeto positivo, não deixa de ser pouco ambicioso, ou seja, o programa podia perfeitamente contemplar mais módulos opcionais, de forma a possibilitar um leque maior de escolhas aos docentes e, sobretudo, aos alunos.

De uma forma geral, podemos afirmar que o programa está adequado aos cursos objeto deste trabalho.

PARTE II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

CAPÍTULO 3. PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO

3.1. O problema da investigação

Qualquer investigação, seja ela de natureza quantitativa ou qualitativa, envolve sempre um problema (Coutinho, 2014, p. 49). *“Quando a investigação assume uma metodologia qualitativa, menos estruturada e pré-determinada, o problema pode ser formulado de uma forma muito geral, como que emergindo no decurso da investigação (...) o problema tem a importante função de focalizar a atenção do investigador para o fenómeno em análise, desempenhando o papel de “guia” na investigação.”* (idem, p.49).

O aparecimento das Escolas Profissionais foi uma resposta para suprimir a falta de formação de técnicos qualificados - respondendo assim a uma real necessidade do país - em diferentes setores da atividade económica, que vieram a sofrer um considerável desenvolvimento ao longo dos últimos anos.

O Turismo, enquanto atividade económica, recentemente tem vindo a ser alvo de vários incentivos tornando-se, segundo alguns estudiosos, na principal atividade económica a nível mundial. Portugal não foge à regra, e graças fundamentalmente a vários apoios comunitários recebidos ao longo dos últimos anos, o setor do Turismo em Portugal tem conhecido um enorme desenvolvimento no quadro da economia portuguesa.

Apesar deste progresso, uma das carências que foi desde logo apontada como um entrave a um desenvolvimento mais sustentado do setor turístico, foi a falta de mão-de-obra especializada, facto que levou as Escolas Profissionais a apostarem na qualificação de quadros intermédios para o setor turístico, dotando-os das competências necessárias para fazer face à procura cada vez maior e mais exigente de mão-de-obra qualificada.

A aposta na formação destes jovens continua a ser fundamental, no sentido de responder às crescentes exigências no setor turístico e às diversas tipologias que foram surgindo ultimamente.

Estará o ensino profissional em Portugal preparado para responder às exigências de formação destes técnicos? A formação destes jovens, na área do Turismo, será fundamental para o desenvolvimento local e regional, onde essas escolas estão implementadas?

Para fazer face a essas novas e constantes exigências, estes jovens, enquanto futuros Técnicos de turismo, têm que estar capacitados para poder responder a esses novos desafios. Deve-lhes ser dada e exigida uma sólida formação em todas as áreas do conhecimento, sendo a História e a Geografia duas das áreas “*core*”, pois sem os conhecimentos e as competências facultadas por elas, o futuro técnico de Turismo não conseguirá, a nosso ver, desempenhar plenamente as suas funções.

Foram estas as principais interrogações que levaram à questão de partida deste trabalho de investigação.

3.2. A questão de partida

De acordo com Gil (1999, p.38) a formulação de um problema de investigação deve ser colocado sob a forma de pergunta, pois a forma interrogativa apresenta a vantagem de ser simples e direta.

De acordo com Quivy & Campenhoudt, (1998, p.34) traduzir um projeto de investigação sob a forma de uma pergunta de partida, só será útil com uma boa questão de partida, que deve preencher várias condições, ser clara, exequível e pertinente.

Seguindo as considerações deste autor, tentamos elaborar uma pergunta de investigação inequívoca, relativamente curta, precisa e cujo problema inerente seja concretizável e respondido pela recolha e análise de dados.

A questão de partida para o presente trabalho de investigação é a seguinte:

Nos cursos profissionais da área do Turismo, em que medida as disciplinas de História e de Geografia são fundamentais e contribuem para a formação do futuro técnico profissional de turismo?

3.3. Objetivos da investigação

Numa investigação, a definição dos objetivos é de extrema importância, pois eles são as indicações necessárias para o que se pretende investigar e para os fins que se desejam atingir.

✓ **Objetivo geral**

O objetivo geral indica a principal intenção de um projeto, ou seja corresponde ao produto final que o projeto deve atingir. De acordo com a investigação que se pretende realizar e tendo em conta o problema enunciado, o objetivo geral deste projeto é o seguinte:

“ Compreender se as disciplinas de História da Cultura e das Artes e de Geografia são fundamentais e contribuem para a formação do futuro técnico profissional de Turismo ”

✓ **Objetivos específicos**

Os objetivos específicos permitem o acesso progressivo aos resultados finais e devem demonstrar o objetivo geral.

Subjacentes à temática central deste projeto investigativo – o contributo das disciplinas de História e de Geografia nos cursos profissionais, da área do Turismo - estão outras questões relacionadas para as quais é importante encontrar respostas, para que seja possível um melhor esclarecimento e sobretudo uma melhor compreensão da temática em estudo.

Para o presente trabalho foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- demonstrar a importância do ensino profissional em Portugal;
- analisar as perspetivas futuras do ensino profissional em Portugal;
- equacionar importância dos cursos de turismo (Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural) para o desenvolvimento local e regional;
- analisar a importância da disciplina de História da Cultura e das Artes na formação dos futuros profissionais na área do Turismo;
- verificar se o programa da disciplina de História da Cultura e das Artes, está adaptado às necessidades de formação dos alunos, enquanto futuros técnicos de Turismo;

- analisar a importância da disciplina de Geografia na formação dos futuros profissionais na área do Turismo;
- verificar se o programa da disciplina de Geografia, está adaptado às necessidades de formação dos alunos, enquanto futuros técnicos de Turismo;
- verificar se as metodologias utilizadas nas aulas de História da Cultura e das Artes vão de encontro às necessidades dos alunos, enquanto futuros técnicos de Turismo;
- verificar se as metodologias utilizadas nas aulas de Geografia vão de encontro às necessidades dos alunos, enquanto futuros técnicos de Turismo;
- verificar quais os aspetos da disciplina de História da Cultura e das Artes e de Geografia, que são mais importantes para as diversas tipologias de Turismo;
- Recolher dados de opinião de professores de História e de Geografia sobre o contributo destas disciplinas na preparação dos alunos para o desempenho das funções de técnicos de Turismo.
- Recolher dados de opinião de um professor de Turismo sobre o contributo das disciplinas de História da Cultura e das Artes e de Geografia na preparação dos alunos para o desempenho das funções de técnicos de Turismo.

CAPÍTULO 4. INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA E INTERPRETATIVA

4.1. Tipo de investigação

O presente trabalho de investigação segue uma metodologia qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa e sustenta-se em entrevistas realizadas a professores das disciplinas em questão- História da Cultura e das Artes e Geografia- e a um professor com experiência de formação e de coordenação em cursos profissionais na área do Turismo e do Turismo Ambiental e Rural. A análise dos dados é baseada numa análise de conteúdo descritiva, questão a questão, sobre a opinião dos entrevistados.

4.2. Metodologia seguida

Uma das questões essenciais na execução de uma investigação é a opção metodológica pela qual se adota. O objetivo e as questões a que a investigação se propõe responder têm um papel importantíssimo na decisão da metodologia a usar. Santos & Ponte (2002, p.35) chama a atenção, para as escolhas do investigador, nomeadamente os pressupostos teóricos que as sustentam, revestindo-se assim de uma importância decisiva no paradigma de investigação que elege. É fundamental que exista uma forte coerência entre o objeto de estudo, o propósito com que este é feito, os pressupostos que o orientam e a opção metodológica adotada.

A Metodologia utilizada numa investigação é guiada por um paradigma que ajuda na construção humana dum certo fenómeno por ser um “sistema de crenças básicas baseadas em considerações de natureza ontológica, epistemológica e metodológica” (Guba & Lincoln, 1994, p. 108), proporcionando assim uma determinada visão do mundo. As considerações de natureza ontológica relacionam-se com o modo e a natureza da realidade e o que é possível saber sobre ela, sendo, portanto, diferente assumir a existência de uma realidade independente de quem a conhece, única e objetiva ou assumir uma realidade plural, multifacetada e relacionada com a subjetividade de cada um. As considerações epistemológicas estão intimamente relacionadas com as questões ontológicas e dizem respeito à “natureza da relação entre o que se sabe ou pode vir a saber-se e o que é possível saber-se” (Guba & Lincoln, 1994, p. 108). Finalmente, as questões metodológicas relacionam-se tanto com a natureza do conhecimento como com a forma de conceber a realidade, traduzindo-se

assim no modo de proceder do investigador com o objetivo final de conhecer essa realidade (Guba & Lincoln, 1994, p.108).

4.2.1. Investigação qualitativa, descritiva e interpretativa

Para o presente estudo, considerou-se pertinente a utilização de uma metodologia de investigação qualitativa, descritiva e interpretativa, já que se entendeu que esta seria a mais adequada para perceber os processos e os fenómenos intrínsecos à problemática desta investigação – “*As disciplinas de História e Geografia nos Cursos profissionais da área do Turismo*” – a partir das representações e perceções interiores dos sujeitos, visto ser o sujeito a base de toda a indagação. A investigação qualitativa fornece informação acerca do ensino e da aprendizagem que de outra forma não se pode obter. Por exemplo, através de observação detalhada e planeada e da interação estreita com os sujeitos podem estudar-se os processos cognitivos que estes utilizam na resolução de situações problemáticas. Assim, é possível identificar-se variáveis relevantes para o estudo do ensino e da aprendizagem que não são facilmente detetadas através da utilização dos métodos típicos da investigação quantitativa.

Segundo Bogdan & Biklen (1994, p.20), a investigação qualitativa surgiu no final do século XIX – início do século XX, atingindo o seu auge nas décadas de 1960 – 1970, devido à publicação e realização de novos estudos.

A abordagem qualitativa ou ideográfica surgiu como reação à abordagem nomotética ou quantitativa que sustenta a quantificação e o controlo das variáveis para que o seja alcançado o conhecimento do mundo. A base da abordagem nomotética está na convicção de que o modelo das ciências naturais é ajustável às ciências sociais e, sendo assim, estas deveriam aderir à proposição de que as leis gerais que regem os fenómenos do universo são necessárias e constantes. Desta forma as ciências sociais iriam descobrir as leis gerais do comportamento e das ações humanas por meio da adoção dos procedimentos metodológicos das ciências naturais (Fraser & Gondim, 2004, p.141). No entanto, a ação humana é reflexiva e intencional e inesperada, cujo significado é apreendido a partir de motivos e razões dos atores sociais inseridos no contexto do fenómeno em estudo, o que não acontece nas ciências naturais em que o foco da análise são objetos físicos. O mais importante para as ciências sociais é conhecer os motivos e as razões que vão dar sentido às crenças às atitudes e aos valores das pessoas nas suas interações sociais (Fraser & Gondim, 2004, p.141). Houve então

necessidade por parte das ciências sociais em aceder ao que se pretende estudar duma outra forma.

Na investigação em educação, o paradigma qualitativo-interpretativo tem vindo a afirmar-se cada vez mais. Tal facto deve-se à perfeita adequação deste paradigma ao estudo dos problemas formulados nesta área. Esta conformidade resulta das características que remetem para a própria natureza da investigação qualitativa e interpretativa. Bogdan & Biklen (1994, p.47) sistematizam estas características em cinco grandes ideias:

- ✓ A fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados;
- ✓ Os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo;
- ✓ Os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados;
- ✓ A análise dos dados é feita de forma indutiva;
- ✓ O investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

Passemos a explicar mais em pormenor cada um dos pontos acima referidos.

Como foi mencionado, este tipo de investigação tem no ambiente natural, no contexto que rodeia o fenómeno em estudo, a sua principal procedência de dados, onde o investigador funciona como principal instrumento de recolha dos mesmos. Como referem Bogdan & Biklen (1994, p.47) a complexidade dos fenómenos sociais em estudo faz com que o investigador passe longas temporadas no campo de estudo, de forma a conhecer melhor o contexto que o rodeia e também para recolher o maior e mais variado número de dados possíveis.

A segunda ideia, refere-se à forte componente descritiva da investigação qualitativa e interpretativa. Nos estudos em educação os investigadores devem incluir dados que revertem numa imagem rica da situação em estudo, recorrendo a transcrições de entrevistas, imagens ou notas de campo, acreditando que o contexto não pode ser reduzido a números. No entanto,

a descrição não exclui ou diminui a importância da vertente analítica e interpretativa, que é a característica principal da investigação quantitativa.

A terceira ideia defende que a investigação qualitativa e interpretativa interessam-se mais pelo estudo dos processos do que pelo estudo dos produtos. Ou seja, mais do que se concentrar nos resultados, os investigadores estão preocupados com a forma como que estes são obtidos, ou seja, estão interessados no processo que os origina (Guba & Lincoln, 1998, p.107).

Nas investigações qualitativas, os dados são analisados de forma indutiva. Isto significa que os investigadores não encaminham o seu trabalho com o objetivo de confirmar ou invalidar hipóteses previamente produzidas. Bogdan & Biklen (1994, p.50) comparam o desenvolvimento de uma investigação de natureza qualitativa a um funil, partindo de um campo de questões bastante amplo, que com o decorrer do trabalho vão sendo clarificadas e especificadas. Este é um aspeto que distingue as investigações de natureza qualitativa e interpretativa das de natureza quantitativa e positivista, e corresponde, nestas últimas, à “exclusão da dimensão de descoberta” (Guba & Lincoln, 1998, p. 107), dado que orientam a sua ação para a verificação de hipóteses definidas no início da investigação.

Por fim, Bogdan & Biklen (1994, p. 50) apoiam que as investigações qualitativa e interpretativa estão interessadas com os significados que as pessoas atribuem às suas vidas e com as suas perspetivas. A preocupação em captar estas visões pessoais, leva os investigadores a confrontarem os participantes com os dados e com a interpretação que é feita deles, havendo lugar a algum tipo de negociação de significados.

Também aqui existe uma diferença substancial entre as abordagens qualitativas e quantitativas. Guba & Lincoln (1998, p.107) argumentam que qualquer ação não pode ser compreendida sem referência ao sentido e propósitos que os seres humanos colocam no decorrer das suas atividades.

De acordo com Vergara (1997, p.12), a metodologia qualitativa pode ser categorizada quanto aos fins e quanto aos meios, sendo que em relação aos fins a investigação

pode ser classificada como qualitativa, exploratória⁴⁵, descritiva e analítica⁴⁶ e quanto aos meios pode ser, um estudo de caso⁴⁷, pesquisa documental⁴⁸ ou estudo etnográfico⁴⁹

Posto isto, refira-se que o presente estudo é do tipo qualitativo já que esta investigação reporta à inserção num contexto naturalista, sendo útil para a investigação de questões relacionadas com a vida das pessoas e com os significados que estas atribuem ao mundo, uma vez que o conhecimento que se procura é relativo ao modo como ocorrem as experiências quotidianas e quais os seus significados para os sujeitos (Bogdan & Biklen, 1994, p.48); Será utilizado também o tipo descritivo já que este estudo irá descrever simplesmente um dado objeto de estudo na sua estrutura e funcionamento (Marshall e Rossman, 1995, p. 40-41, citado por Sousa & Baptista, 2011, p.57), seguindo um discurso estruturado na interpretação de dados. Considera-se, também, do tipo interpretativo já que se apoia nos dados de opinião dos entrevistados procurando que as reflexões tenham significado e sentido face ao quadro teórico.

4.3. Posição do investigador face ao objeto de investigação

As razões da opção por esta temática, prendem-se essencialmente com o facto de o investigador estar ligado há vários anos ao ensino profissional, e a Escola onde exerce funções ter uma longa tradição em cursos profissionais ligados à área do Turismo.

⁴⁵A investigação exploratória é realizada com o objetivo de se acumular mais conhecimento sobre o assunto estudado (Vergara, 1997), envolvendo um levantamento bibliográfico, entrevistas realizadas com pessoas, experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a sua compreensão. Este tipo de pesquisa também tem como finalidade desenvolver, modificar e esclarecer conceitos e ideias para posteriormente, serem formuladas abordagens (Gil, 1999).

⁴⁶ Entende-se ser uma investigação de natureza analítica por relacionar a teoria e a prática, estabelecendo confronto entre a teoria e os dados obtidos (Cervo & Bervian, 1996).

⁴⁷O estudo de caso é uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores (Yin, 1994).

⁴⁸ A pesquisa bibliográfica ou pesquisa documental, baseia-se em material escrito e publicado, sendo essencialmente constituído por livros, jornais, artigos, entre outros.

⁴⁹ A etnografia busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura, assim a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado (Pereira & Lima, 2010)

4.4. Contexto

Para o presente estudo de investigação, foi necessário a colaboração de duas Escolas Profissionais onde são ministrados cursos na área do Turismo, ambas situadas na região do Alentejo, mais concretamente no Norte Alentejano. Os entrevistados que colaboraram neste trabalho, exercem funções docentes nas referidas escolas.

4.4.1 A Escola Profissional 1 (EP1)

A Escola Profissional 1 está situada no Alto Alentejo, no Distrito de Portalegre, concelho X, e a sua criação resultou da vontade da entidade proprietária, num contexto de desenvolvimento rural integrado e na procura de novas soluções para o Alentejo, tendo em atenção a importância de fixar os jovens em atividades específicas da região.



Fig. 1 - Vista aérea EP1

A EP1 surgiu de um Protocolo celebrado entre a sua Entidade Proprietária, e o Ministério da Educação, através do então GETAP,⁵⁰ a 3 de Agosto de 1992, data da assinatura do respetivo Contrato-Programa, no âmbito e alcance do disposto no Decreto-Lei nº 26/89, de 21 de Janeiro, com alteração introduzida em Declaração publicada no 3º suplemento da Iª Série do D.R. de 31 de Janeiro de 1989.

⁵⁰ Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional

A EP1 é o único estabelecimento de ensino do concelho a possibilitar aos alunos a conclusão do ensino secundário, para além de uma qualificação profissional de Técnicos Intermédios de Nível IV.

Apoiada financeiramente durante vários anos pelos sucessivos quadros comunitários e pelo *PorAlentejo*, é hoje apoiada pelo *QREEN*⁵¹, através do Programa *POPH*⁵² e pelo *Ministério da Educação e Ciência*.

As atividades letivas são desenvolvidas num edifício datado de 1956, onde funcionou inicialmente uma Escola Rural, então criada pela Entidade Proprietária da EP1, a fim de proporcionar aos filhos dos seus trabalhadores formação como «agentes rurais» e «agentes práticos agrícolas».

Inicialmente com cerca de 40 alunos, distribuídos por 2 cursos, e 19 Formadores, a escola já teve em funcionamento 4 cursos, num total de dez turmas e 26 formadores. Atualmente, em consequência dos baixos índices de natalidade verificados em todas as zonas do país, a escola tem em funcionamento 3 cursos, num total de seis turmas com cerca de 140 alunos e 18 professores/formadores.

O espírito que em 1992 fez surgir a EP1 continua a prender-se, como em tempos remotos, com a necessidade do desenvolvimento económico da região. Um desafio que tem por base, entre outros, o combate à desertificação do Alentejo, a criação de novos postos de trabalho e a formação de técnicos especializados, por forma a contribuir para um maior desenvolvimento económico e social, de uma das regiões mais pobres do país e das mais envelhecidas do continente Europeu.

Sobrevivendo às constantes reformas no setor educativo que vão asfixiando a maioria dos estabelecimentos de ensino em Portugal, a EP1 contínua imbuída de um espírito inovador, e empenhada na sua missão institucional: contribuir para a qualificação escolar e profissional da população jovem da região onde se insere, através da aquisição de competências escolares, técnicas, sociais e relacionais, que lhes permita o acesso a desempenhos profissionais mais qualificados e, por conseguinte, a uma integração plena no cada vez mais competitivo

⁵¹ Quadro de Referência Estratégico Nacional – Portugal 2007-2013

⁵² Programa Operacional Potencial Humano

mercado de trabalho. É este um dos principais objetivos da EP1.

A experiência formativa desta Escola Profissional (EP1), desde 1992 até à presente data, e no referente a cursos profissionais de Nível IV, foi bastante rica e abrangente, no que se refere às famílias profissionais/áreas de formação ministradas: apoio social (Assistente de Geriatria, Auxiliar de Infância e Animador Sociocultural), atividades agrícolas e agroalimentares (Viticultura e Enologia), ordenamento do território e ambiente (Gestão do Ambiente), informática (Informática de Gestão e Gestão de Equipamentos Informáticos), proteção de pessoas e bens (Proteção Civil) e hotelaria e turismo (Turismo e Turismo Ambiental e Rural).

Nos últimos anos tem sido feita uma forte aposta em cursos profissionais na área das novas tecnologias/informática (Técnico de Informática de Gestão e Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos), na área do apoio social (Animador Sociocultural) e na área do Turismo e Lazer (Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural).

Atualmente, além dos docentes e formadores já referidos, a EP1 tem 20 funcionários, repartidos pelos diferentes setores: gestão/direção (3), administrativos e contabilísticos (3), cozinha (2), limpeza (5), motoristas (3), informática (1) e vigilância (3).

Os alunos que frequentam a EP1 são originários de diversos concelhos, não só do Distrito de Portalegre, como também do Distrito de Évora e de Santarém.

Relativamente à oferta formativa na área do Turismo, há muitos que a EP1 tem apostado na formação de técnicos especializados para este setor, pela importância estratégica que o mesmo representa não só para o desenvolvimento do País, mas também, e fundamentalmente, para o desenvolvimento da região onde a EP1 está inserida. Desde 1992 até aos dias de hoje, foram ministrados na escola 10 cursos profissionais de Técnico de Turismo Ambiental e Rural (este ano iniciou o 11º curso) e 1 de Técnico de Turismo, cujo ciclo formativo foi concluído no final do ano letivo 2013/2014.

4.4.2. A Escola Profissional 2 (EP2)

A Escola Profissional 2 (EP2) surgiu com o objetivo principal de, responsabilmente, preparar jovens, como competentes trabalhadores, capazes de se bastarem a si próprios e de

constituírem uma “mais-valia” para a produtividade e desenvolvimento da Economia Portuguesa.

A Escola foi criada a 3 de Novembro de 1989, pelo Dec. Lei n.º 26/89 regulado posteriormente com o processo de Constituição da Entidade Proprietária realizada pelo Dec. Lei n.º 70/93, pelo Dec. Lei n.º 4/98, recentemente revogado pelo D.L. 92 /2014, de 20 de junho, que determinou a alteração nos respetivos Órgãos de Direção e Administração Escolar, fundando-se a Associação X que gere todos os polos com o mesmo nome.

Atualmente a escola tem 6 polos distribuídos ao longo do país. O polo Y (designado neste trabalho por EP2) surgiu em 2005, funcionando apenas com dois cursos: o Técnico de Animação Sociocultural – vertente geriatria e o Técnico de Gestão de Pequenas e Médias Empresas. Ao longo dos últimos nove anos tem alargado a sua oferta formativas, não só ao nível dos cursos profissionais mas também dos cursos de educação de jovens, cursos de educação e formação de adultos e formações de curta duração.

Em 2014 tem quatro turmas onde são ministrados os cursos Técnico de Turismo (1º e 2º anos), Técnico de Turismo Ambiental e Rural(1º e 2º anos) e Técnico Auxiliar de Saúde(3º ano).

A EP2 localiza-se nas antigas instalações da Escola Primária que outrora acolheu tantos alunos do concelho. Dispõe de 3 blocos de salas de aulas, devidamente iluminadas por luz natural, arejadas, com ar condicionado e com as dimensões exigidas para serem consideradas salas de aula. Além das salas de aula dispõe de um laboratório de informática devidamente equipado, uma sala de estudo, um espaço de convívio/lazer destinado aos alunos e um bonito jardim exterior.

Por ter um número reduzido de turmas dispõe de 12 professores, 2 funcionários a tempo inteiro e uma funcionária de apoio por um período de 3 horas diárias.

No último ano letivo foi frequentado por 70 alunos.

A EP2 tem apostado fortemente na área do Turismo devido às necessidades do mercado de trabalho da região. Para além disso, cotribui para a dinamização do concelho a nível turístico e evita a desertificação do mesmo.



Fig. 2 - EP 2

CAPÍTULO 5. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

5.1. A Entrevista

Como referido anteriormente, a presente investigação segue uma metodologia qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa e sustenta-se em entrevistas realizadas a professores das disciplinas de História, de Geografia e de Turismo.

A pesquisa bibliográfica é uma das etapas essenciais para a formulação de hipóteses e para a delimitação de um estudo. Quivy & Campenhoudt (1998, p. 69) afirmam que as “leituras e entrevistas devem ajudar a constituir a problemática de investigação”. As primeiras ajudam a fazer a avaliação dos conhecimentos existentes, relativos ao problema em estudo; as segundas são essenciais para descobrir os dados a ter em conta que retificam ou alargam o campo de investigação presente na pesquisa bibliográfica. Assim, pode-se dizer que a pesquisa bibliográfica oferece o enquadramento necessário às entrevistas e estas esclarecem a pertinência desse enquadramento. São, portanto, complementares, enriquecendo-se mutuamente (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Esta ideia é completada por Bogdan & Biklen (1994, p. 134) que indicam que em investigação qualitativa as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas: podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a análise de documentos e observação participante, entre outras técnicas. No entanto, em todas estas situações, a entrevista é utilizada para realizar a recolha de dados descritivos na linguagem do próprio entrevistado, permitindo assim o desenvolvimento intuitivo da ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam os aspetos da realidade do contexto onde estão inseridos.

Assim, por Entrevista entende-se ser a interação entre duas ou mais pessoas. É uma forma de interação social que valoriza o uso da palavra, signo e símbolo, característicos das relações humanas, por meio da qual os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade circundante (Fraser & Gondim, 2004). Uma entrevista não é mais que um método de recolha de informações, resultantes de conversas orais, individualmente ou em grupo. “Através de um questionário oral ou de uma conversa, um indivíduo ou um informante-chave pode ser interrogado sobre os seus actos, as suas ideias ou os seus projectos” (Sousa & Baptista, 2011, p.79)

Para Quivy & Campenhoudt (1998) as entrevistas têm como função principal “revelar determinados aspectos do fenómeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras. Por esta razão, é essencial que a entrevista decorra de uma forma muito aberta e flexível e que o investigador evite fazer perguntas demasiado numerosas e demasiado precisas”. (p.69)

Segundo Oliveira (2010, p.35) são três os passos a ter em conta para a realização correta de uma entrevista em pesquisa qualitativa:

- Decidir sobre o modelo da entrevista a utilizar e estar ciente dos objetivos do estudo, das reações do e com o participante e quais as questões que devem seguir a perspetiva da explicação;
- Realização da entrevista: a entrevista deve permitir um plano e reflexão, onde questões básicas devem ser capazes de orientar a entrevista – o quê, quem, onde, quando, quanto e em que condições;
- Encontrar a interação mais correta e adaptada ao estudo e ao entrevistado: neste aspeto o desempenho do investigador assume uma grande importância. Este precisa de manter o controlo e mostrar interesse genuíno e sincero pelo que faz. Para isso o investigador deve:
 - ter sempre a certeza do que está a dizer ao entrevistado e questioná-lo sempre que apareça alguma dúvida. Deste modo, o entrevistado pode sempre expandir o seu discurso, havendo assim uma maior riqueza de dados para análise;
 - ser capaz de encorajar o entrevistado a falar sobre o assunto em causa;
 - ser capaz de encorajar o entrevistado a ceder mais pormenores sobre o assunto. (Como são relatos de memória, pode-se usar um objeto ou uma fotografia para ratificar ou não o relato);
 - gravar, no final da entrevista, os detalhes práticos da mesma (quem, onde, quando, tópicos, etc.) e sistematizar e sintetizar os pontos mais importantes que forneçam questões para as próximas entrevistas.

Bogdan & Biklen (1994, p.135) afirmam que as entrevistas variam quanto ao grau de estruturação, desde as entrevistas estruturadas até às entrevistas não estruturadas. Estes autores referem, ainda, que as entrevistas semiestruturadas têm a vantagem de se ficar com a certeza de obter dados comparáveis entre os vários sujeitos.

Optou-se, neste estudo, por uma entrevista semiestruturada, também designada de semidireta (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.192), para que os entrevistados tivessem uma grande liberdade na abordagem da temática em questão. De facto, o recurso às perguntas abertas possibilita que o discurso do entrevistado decorra com liberdade, que seja criativo, que reformule as suas respostas e ao mesmo tempo, permite orientar o entrevistado no sentido de dar resposta aos objetivos e à questão de investigação. Ou seja, permite que o entrevistado tenha alguma liberdade para desenvolver as respostas segundo a direção que considere adequada e possa explorar, permitindo-lhe abordar os aspetos que considera mais relevantes, de uma forma flexível e aprofundada.

Outra razão que suporta a escolha por este tipo de entrevista, reside no facto desta possibilitar, indiretamente, que o entrevistador ajude o entrevistado a facultar informação de forma mais clara e objetiva, tendo em conta que “quando se utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 135).

Segundo Triviños (1987, p.146) citado por Manzini (2004, p.2) a principal característica da entrevista semiestruturada prende-se com a existência de questões básicas que são apoiadas em teorias e hipóteses que se relacionam com o tema da pesquisa. Essas questões geravam novas hipóteses surgidas a partir das respostas fornecidas pelos entrevistados. No entanto o foco principal da entrevista é controlado pelo investigador-intervistador. O mesmo autor afirma que a entrevista semiestruturada além de favorecer a descrição dos fenómenos sociais, favorece também a sua explicação e a compreensão da sua totalidade, permitindo a manutenção da presença consciente e participante do investigador no processo de recolha de informações (Triviños, 1987, p. 152 cit in. Manzini, 2004).

Para Manzini (1990/1991, p. 154 cit in. Manzani, 2004, p.2) este tipo de entrevista está focada num assunto sobre qual elaboramos um roteiro com as perguntas principais complementadas por outras questões inerentes a possíveis circunstâncias que possam aparecer

em determinados momentos da entrevista. Para este autor, este tipo de entrevista possibilita o aparecimento de novas informações de forma mais livre, visto que as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Já Boni & Quaresma (2005, p.75) referem que as entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas onde o entrevistado tem a possibilidade de conversar sobre o tema em estudo. O investigador deve seguir um guião com questões definidas previamente, e deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a entrevista para o assunto que lhe interessa, com recurso a questões adicionais para elucidar algum assunto que não tenha ficado convenientemente esclarecido e claro ou ajudar o retorno ao contexto da entrevista caso o entrevistado se tenha desviado do tema.

✓ *Vantagens e desvantagens da entrevista semiestruturada*

Segundo Selltiz et al. (1987) citado por Boni & Quaresma (2005, p.75) referem que a principal vantagem da entrevista semiestruturada é que esta produz, quase sempre, uma amostra melhor da população em estudo. Em comparação com os questionários enviados por correio que têm um número baixo de devoluções, a entrevista tem um índice de respostas bem maior, já que é mais fácil para as pessoas falarem sobre determinados assuntos.

Outra vantagem apresentada por Boni & Quaresma (2005, p.75) diz respeito ao facto de muitas pessoas terem dificuldades em responder por escrito a questionários. Com este tipo de entrevista é possível entrevistar pessoas analfabetas e também abre a possibilidade de corrigir enganos dos entrevistados, que podem não ser corrigidos quando estamos perante a utilização de um questionário escrito.

Este tipo de entrevista permite ainda uma flexibilidade no que diz respeito à sua duração o que faz com que seja possível haver uma cobertura e uma atenção especial e mais profunda sobre determinados assuntos de interesse. Consente também uma grande flexibilidade na interação entre o entrevistador/investigador e o entrevistado o que favorece as respostas espontâneas e favorece a possibilidade de tocar em assuntos mais delicados e complexos para o entrevistado, pois, o facto de ser uma entrevista muito mais livre e menos rígida permite que exista uma maior troca afetiva entre as duas partes. A espontaneidade e a flexibilidade da entrevista permitem igualmente o surgimento de questões inesperadas que poderão ser de grande utilidade no estudo em causa (Boni & Quaresma, 2005, p.75).

Outra das vantagens da entrevista semiestruturada é o facto de existir a possibilidade de recorrer a recursos visuais como fotografias, cartões, pinturas, imagens, entre outras, o que faz com que o entrevistado fique mais à vontade e faça com que este estimule a sua memória e se lembre de factos importantes para o estudo, que não seriam possível num questionário por escrito (Selltiz et al., 1987 cit in Boni & Quaresma, 2005, 75).

Comparativamente com as vantagens, as desvantagens aparecem em menor número, mas mesmo assim existem. Estas prendem-se mais com as limitações do próprio entrevistador. Essas limitações podem ter a ver com questões de tempo, com a preparação do entrevistador, com a sua experiencia ou podem estar relacionadas com recursos financeiros. Outra das limitações da entrevista semiestruturada são as limitações do próprio entrevistado, já que muitas vezes existe a insegurança em relação ao anonimato da entrevista e por causa disso, o entrevistado não se abre completamente, guardando para si informações cruciais para a investigação em curso (Boni & Quaresma, 2005, p.76).

É necessário relembrar que a qualidade e o sucesso de qualquer tipo de entrevista, incluindo da entrevista semiestruturada, dependem em grande parte do planeamento realizado por parte do entrevistador, para que as respostas obtidas sejam o mais possível reais e válidas. Com esta preparação, o entrevistador deve mostrar confiança ao seu entrevistado, deixando-o muito mais a vontade para responder ao que é pedido.

5.2. O guião das entrevistas

Segundo Sousa & Baptista (2011, p. 83), o guião de entrevista é um instrumento para a recolha de informações, na forma de texto, que serve de base à realização dessa mesma entrevista. Este é constituído por um conjunto de questões abertas (de resposta livre), semiabertas (parte da resposta fechada e outra livre) ou fechadas.

Para o presente trabalho de investigação foram elaborados três guiões com a mesma estrutura, dois deles com o mesmo tipo de questões (destinados aos professores da disciplina de História e de Geografia) e um outro ligeiramente diferente, no que se refere a algumas

questões previstas, destinado ao professor de Turismo. Todos eles continham questões abertas e questões semiabertas.⁵³

Em termos estruturais, o guião elaborado é constituído por três partes:

- a) A primeira parte, onde está indicada a instituição e o curso no âmbito do qual o presente trabalho se insere;
- b) A segunda, com informação sucinta da entrevista, nomeadamente a estratégia de execução, os meios de registo a utilizar para recolha da informação, a duração, o local e a data prevista para a sua concretização;
- c) A terceira, onde estão definidos o objetivo geral, os objetivos específicos e os consequentes elementos para a orientação das informações e das questões a colocar/recolher.

Os elementos, ou questões, previstas no guião para a recolha das informações por parte do entrevistador, foram definidas segundo seis grandes objetivos (objetivos específicos):

- Legitimar e motivar o entrevistado;
- Recolher dados sobre o entrevistado;
- Recolher dados sobre a adequação, pertinência e relevância dos cursos de Turismo, no contexto das escolas profissionais;
- Recolher dados sobre a importância das disciplinas de História da Cultura e das Artes e de Geografia para o futuro técnico de Turismo;
- Recolher dados sobre (eventuais) problemas de aprendizagem;
- Verificar se o entrevistado tem mais informação a acrescentar sobre as temáticas abordadas.

⁵³ Os guiões das entrevistas podem ser consultados, nos anexos a este trabalho.

Se é verdade que a existência de um guião pode facilitar uma maior abrangência dos dados facilitando, dessa forma, o trabalho posterior do investigador, também é um facto que este tipo de entrevistas apresentam algumas debilidades, como omissões de factos relevantes, ou respostas muito diferenciadas por parte do informante/entrevistado sobre um mesmo assunto. Estas situações inviabilizam de imediato a comparação de respostas, dificultando dessa forma o papel do entrevistador.

5.2.1. Entrevista(s) ao(s) professor(es) de História da Cultura e das Artes e de Geografia

Foram entrevistados dois professores da disciplina de História da Cultura e das Artes e um professor da disciplina de Geografia.

A primeira entrevista, feita ao Prof. A, ocorreu no dia 15 de Agosto de 2014, teve a duração de 25 minutos e 26 segundos, e realizou-se na EP1, onde este exerce as funções de professor da disciplina de História da Cultura e das Artes. Pelo facto desta primeira entrevista ter suscitado algumas dúvidas ao entrevistador, foi realizada uma outra, com uma duração bastante reduzida (4 minutos e 5 segundos), que ocorreu no dia 19 de setembro de 2014 nas instalações da mesma escola, e cujo objetivo foi esclarecer algumas pequenas dúvidas que nos surgiram, em resultado da transcrição da entrevista anterior.

A segunda entrevista, feita ao Prof. B, decorreu nas instalações da EP2, no dia 11 de setembro de 2014, e teve a duração de 31 minutos e 46 segundos. Refira-se, que este professor leciona as disciplinas de História da Cultura e das Artes e de Geografia, facto que possibilitou a realização de uma única entrevista, englobando questões relativas às duas disciplinas.

5.2.2. Entrevista ao professor de Turismo

A terceira entrevista foi realizada no dia 15 de setembro de 2014, e teve como entrevistado o Professor C. Decorreu nas instalações da EP1 e teve a duração de 36 minutos e 46 segundos. Este professor, leciona várias disciplinas na área técnica do curso Turismo, e é Diretor do Curso de Turismo.

Registe-se, que as três entrevistas realizadas, decorreram num espaço acolhedor, (calmo, com privacidade) proporcionando um ambiente descontraído entre entrevistador e entrevistado. Os entrevistados foram esclarecidos previamente do propósito da entrevista,

bem como dos objetivos da mesma, tendo-lhes sido assegurada, quer a sua confidencialidade, quer a das suas respostas.

Para o registo das entrevistas, foram utilizados um gravador áudio, uma esferográfica e um caderno de registo.

Todas as entrevistas decorreram dentro do tempo inicialmente previsto para a realização das mesmas.

Relativamente ao registo escrito das entrevistas realizadas, optou-se por fazer uma transcrição o mais fiel possível à realidade, respeitando integralmente o proferido pelos entrevistados e pelo entrevistador, mas fazendo sempre transparecer a forma como os mesmos se expressaram. Daí que, as transcrições efetuadas podem não estar totalmente de acordo com as regras ortográficas em vigor. Não se trata de lapso, ou de erro, mas de uma tentativa de retratar o mais fielmente possível, a forma como os mesmos intervenientes se expressaram.

5.3. Caraterização dos entrevistados

5.3.1. Entrevistado A

O professor A, é do sexo masculino, tem 53 anos de idade e exerce atualmente funções de docente na EP1, da disciplina de História da Cultura e das Artes.

Tem como formação académica, a Licenciatura em História via-ensino e uma Pós-Graduação em Museologia e Património. Tem dezasseis anos de prática de serviço docente, quinze dos quais prestados no ensino profissional, onde, para além da disciplina de História, tem lecionado outras: Área de Integração, Animação Sociocultural, Área de Estudo da Comunidade e Geografia.

Além das habilitações académicas tem várias formações complementares, nomeadamente, o Curso de Animador de UVIVA (Unidade de Inserção na Vida Ativa) e um Curso de Animador de Grupos.

Ao longo destes anos, tem desempenhado outras funções e outros cargos ligados ao ensino profissional: Coordenador de Curso, Diretor de Turma, Orientador de Formação em Contexto de Trabalho, Orientador de Provas de Aptidão Profissional e Técnico de UNIVA.

Foi ainda responsável, durante alguns anos, pelo Jogo do Hemiciclo que decorreu ao nível de todo o ensino secundário.

5.3.2. Entrevistado B

O professor B, é do sexo masculino, tem 36 anos e exerce funções docentes na EP2, da disciplina de História da Cultura e das Artes e de Geografia. Tem como formação académica a Licenciatura em História, via-ensino, e um Mestrado em História Política. Neste momento, encontra-se a concluir um Doutoramento em História Contemporânea.

Encontra-se ligado ao ensino profissional desde 2003, data em que passou a lecionar a disciplina de História da Cultura e das Artes. Tem igualmente experiência letiva no ensino básico e secundário onde, além da disciplina de História, já lecionou a disciplina de Geografia. No ensino profissional, só há cerca de 2/3 anos iniciou a lecionação da disciplina de Geografia.

Além das funções docentes, já desempenhou outros cargos no ensino, nomeadamente, o de Mediador de Cursos EFA, o de Profissional de RVCC e o de Técnico de Diagnóstico de RVCC. Atualmente, desempenha a função de Diretor de Turma e de assessoria à direção, na EP2.

5.3.3. Entrevistado C

O professor C, é do sexo masculino, tem 43 anos e exerce funções docentes na EP1, nas disciplinas da área técnica dos cursos de Turismo. Tem como formação académica a Licenciatura em Gestão Turística e Cultural, e uma formação complementar em Gestão de Produtos Turísticos.

Está ligado ao ensino e à formação há cerca de 10 anos, quase sempre na área do Turismo onde, além de docente/formador, tem desempenhado outros cargos: Técnico de ORVC – Técnico de Orientação Reconhecimento e Validação de Competências e Técnico Superior de Segurança e Higiene no Trabalho, Coordenador de Curso, Orientador de Provas de Aptidão Profissional, Orientador de Formação em Contexto de Trabalho, entre outros.

Como formador, trabalha para vários organismos e instituições, em diversos domínios do Turismo, entre eles: informação e animação turística, gestão de Turismo em

espaço rural, marketing turístico, segurança e higiene no trabalho, ecoturismo, Turismo cultural, técnicas de atendimento, legislação turística, empreendedorismo no Turismo e agências de viagens.

Atualmente, além das funções de formador, exerce as funções de Diretor do Curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, na EP1.

PARTE III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

CAPÍTULO 6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

6.1. A análise de conteúdo

Os autores Bogdan & Biklen (1994, p. 205), explicam que a análise de conteúdo consiste no “processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campos e de outros materiais que foram acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou”, o que demonstra que a opção por esta técnica é a mais indicada.

De acordo com Bardin (2009, p. 45), o objeto da análise de conteúdo “é a fala, isto é, o aspeto individual e atual (em ato) da linguagem”. Ou seja, a análise de conteúdo tem como objeto de estudo uma informação revestida de sentido, pelo que foi através desta técnica que conseguimos compreender alguns os significados que, subjetivamente, se encontram no discurso dos informantes.

A técnica da análise de conteúdo caracteriza-se pela procura de explicação e compreensão, permitindo fazer inferências, que de forma sistemática e objetiva, identifica características singulares e implícitas do discurso, já que “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça (...) é a busca de outras realidades através das mensagens” (Bardin, 2009, p. 45).

Na perspetiva deste autor, “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (Bardin, 2009, p. 33).

Sobre esta temática Sousa (2005, p.264), refere, relativamente à análise de conteúdo “não se trata de um instrumento, mas de um conjunto de procedimentos diversos, incluindo mesmo técnicas diferentes que, pela sua sistematização, analisam documentos de diferentes modos e com diferentes objetivos”.

Como referido anteriormente, no presente trabalho, a análise dos dados é baseada numa análise de conteúdo descritiva, questão a questão, da opinião dos entrevistados.

Relativamente à análise das entrevistas, nomeadamente à forma como essa análise vai ser aqui apresentada, devemos esclarecer que foram elaborados três guiões, embora ligeiramente diferentes na sua estrutura, com questões colocadas de forma diferente, mas com o mesmo objetivo. Isto verificou-se pelas seguintes razões:

- o facto de um dos entrevistados (professor B) lecionar as duas disciplinas em estudo. Não faria sentido elaborar dois guiões praticamente iguais, daí o ter-se optado por um único, abrangendo questões relativas às duas disciplinas.

- o professor C, não é professor de nenhuma das disciplinas em causa. No entanto foram-lhe colocadas questões relativas a essas mesmas disciplinas, de uma forma ligeiramente diferente que aos outros professores, como foi o caso da questão 2.5.

- por haver questões muito semelhantes, os entrevistados acabaram por responder de forma idêntica, em questões que se pretendiam diferentes. Neste caso, na presente análise, essas questões surgem ligadas, apesar de serem apresentadas no guião em separado.

6.2. Análise descritiva das entrevistas realizadas

1. Recolha de dados sobre a adequação, pertinência e relevância dos Cursos de Turismo no Contexto das Escolas Profissionais.

1.1. O que pensa sobre o Ensino Profissional em Portugal?

De acordo com a opinião dos entrevistados, pode referir-se que o ensino profissional em Portugal é bom, é essencial ao nosso sistema de ensino e, por consequência, aos alunos colmatando uma carência que existia em Portugal, desde o fim das escolas comerciais e industriais, que provocou uma enorme falta de técnicos especializados no país, e *“neste momento as Escolas Profissionais são importantíssimas para formar técnicos nestas... nestas áreas”*(B). À semelhança de outros países Europeus, Portugal também deve continuar a apostar forte neste tipo de ensino *“tendo em conta a realidade e o contexto em que o país se encontra”*(B).

É um ensino igualmente importante, porque é uma via de ensino alternativa dirigida para um público-alvo muito específico, que normalmente sente algumas dificuldades no ensino regular, tradicional.

Embora seja reconhecida a importância desta via de ensino na preparação dos alunos para o mercado de trabalho “... *basta ver os dados que o Ministério da Educação divulga, em que...os alunos que saem do ensino profissional têm muito mais hipóteses de entrar no mercado de trabalho do aqueles que seguem a via do ensino dito normal*”(A), relativamente ao processo da Formação em Contexto de Trabalho talvez pudesse, segundo opiniões recolhidas, melhorar em alguns aspetos, nomeadamente, uma maior ligação ao mercado de trabalho. “(...) *e nem sempre têm uma ligação ao mercado de trabalho...tão forte quanto aquilo que devia ter*”(A).

Acresce a esta opinião, relativa ao mercado de trabalho, uma outra preocupação relacionada com as mudanças legislativas previstas para este tipo de ensino, nomeadamente para o denominado ensino dual⁵⁴. Neste aspeto, algumas dúvidas relativamente à inserção destes jovens em contexto prático de formação, são referidas, nomeadamente relacionadas com a inexperiência e a idade dos alunos, “...*enviá-los para o mundo do trabalho muito rapidamente, não sei até que ponto é que de tão tenra idade estão preparados para, até porque não desenvolveram competências a outros níveis, quer ao nível humano, relacional,...se eles estão preparados para o fazer*”, acrescentando, “...*não sei se as empresas estão preparadas para receber este tipo de alunos, quando não sabemos se nas mesmas existem profissionais capacitados para acompanhar estes alunos ou formandos*”(C).

Relativamente a estas opiniões, é nossa convicção que as Escolas Profissionais, no geral, têm uma forte ligação ao mundo empresarial que as rodeia. Se, tradicionalmente, a escola tem estado muito distante da realidade laboral e produtiva, a realidade atual diz-nos que essa situação está a ser ultrapassada. Hoje, assistimos a uma crescente convergência entre a escola e a realidade socioeconómica local e regional. A aprendizagem ministrada nestes cursos, deve, pois, privilegiar e valorizar, preferencialmente, o desenvolvimento de competências para o exercício de uma profissão, em articulação com o setor empresarial local, não esquecendo, obviamente, a opção de continuação de estudos a nível superior.

⁵⁴ No ensino denominado de “dual”, uma grande parte da formação é ministrada em contexto prático, em empresas ou instituições do setor.

A Formação em Contexto de Trabalho deve, pois, proporcionar o desenvolvimento de práticas que permitam complementar e consolidar as aprendizagens adquiridas noutras componentes de formação, bem como proporcionar aprendizagens específicas decorrentes das práticas de trabalho, através da adequada inserção no ambiente organizativo e social das empresas e outras organizações.

Relativamente à preocupação demonstrada por um dos entrevistados sobre “as novas formas de ensino e de formação” profissional que se anunciam, nomeadamente a chamada formação dual, expressamos a nossa concordância com a opinião referida, e manifestamos alguma apreensão com possíveis alterações que possam vir a afetar o propósito e o espírito da formação e do ensino profissional. Alias, muito recentemente, o Conselho Nacional de Educação emitiu um Parecer sobre algumas questões relacionadas com o ensino dual, que vão de encontro à opinião manifestada por um dos entrevistados e com a qual se corrobora. Fará sentido metade do tempo previsto para a formação destes jovens ser ministrada nas empresas? Os monitores das empresas têm competência suficiente para colaborar na formação destes jovens? O excessivo período de tempo previsto para a formação em contexto prático, e por consequência o tempo reduzido para as outras componentes formativas, não provocará um *deficit* de formação e de competências a outros níveis nestes alunos?

São questões que, a nosso ver, devem preocupar os responsáveis educativos do país.

1.2. *O que gostaria de ver alterado no ensino profissional em Portugal?*

Na sequência da problemática anterior, os entrevistados manifestaram opiniões diversas sobre esta questão. O entrevistado que referiu que a ligação ao mercado de trabalho era um dos problemas que ainda existe neste tipo de ensino, gostava de ver melhorada e reforçada essa mesma ligação, que passa, essencialmente por uma maior responsabilização das partes envolvidas no processo, “...*uma ligação mais forte ao mercado de trabalho, uma maior ligação institucional entre as escolas e (...) hotéis, empresas (...) que responsabilizasse as duas partes em termos de colaboração...*”(A).

A propósito das possíveis mudanças estruturais que se adivinham para este tipo de ensino – uma parte da formação na escola e o aumento da formação prática nas empresas -

existe a preocupação quanto à possível relativização que a escola possa vir a ter na formação dos nossos jovens “...o ensino ele deve ser ainda da competência das próprias escolas e não estar já a fazer-se uma transferência de responsabilidades de uma forma tão rápida (...) é nas escolas, junto com os professores, com formadores, que os alunos e os formandos adquirem competências para que as possam desenvolver...” (C).

Também a opinião existente, relativamente a esta via de ensino, devia ser alterada, pois, ainda hoje, existe um determinado preconceito relativamente ao mesmo. “...se calhar uma questão de mentalidade ...porque (...)inicialmente os alunos que nos chegavam aqui(...) eram alunos rejeitados, que eram afastados do ensino regular (...) e o ensino profissional(...) era mesmo para aqueles alunos que não tinham um bom comportamento, não tinham aproveitamento, então era um escape, era uma fuga o ensino profissional” (B).

Embora, a nosso ver, não sejam as únicas e as mais importantes, as opiniões dos informantes sobre o que gostariam de ver alterado no ensino profissional em Portugal, levantam algumas questões com que este tipo de ensino se tem confrontado e vai continuar a confrontar no futuro, neste último caso, tendo em consideração as alterações previstas, nomeadamente para o ensino dual.

De facto, apesar de algum progresso verificado em termos de juízos de valor, em determinados setores da sociedade o ensino profissional ainda é visto como o parente pobre do sistema educativo português, sem qualquer tipo de razão, entendemos nós. O papel que as Escolas Profissionais têm vindo a desenvolver nos últimos anos, devia ser motivo suficiente para que esta ideia fosse alterada. Estas instituições de ensino, responderam de forma notável a uma necessidade real das regiões e do país, formando técnicos qualificados, com o objetivo de responder às necessidades do tecido social, empresarial das regiões onde estão inseridas.

No entanto, se existe ainda algum preconceito relativamente a este ensino, é, no nosso entendimento, o próprio sistema educativo que o provoca, quando legisla no sentido de aconselhar alunos com maiores dificuldades a optar, entre outras, por esta via alternativa. Como afirmou um dos entrevistados, a propósito da mentalidade existente sobre os alunos que ingressam no ensino profissional, “...não é uma questão de vocação, mas sim uma questão de aproveitamento ou comportamento, e a questão de mentalidades deve ser alterada, também a nível de legislação”. (B).

Quanto às preocupações com as alterações previstas para o ensino profissional, também nós corroboramos com elas. As alterações previstas devem ser pensadas com muito cuidado, ver os “prós e os contras “ de tal mudança, ouvir todos os agentes educativos, principalmente os que estão “no terreno”, as escolas, os professores, que, sempre que se pensa em mudanças, nunca são ouvidos ou quando o são, as suas opiniões não são consideradas. Ensino dual? O ensino profissional existente já é um ensino dual, agora, querer “copiar” modelos de ensino só porque tiveram sucesso noutros países (Alemanha), não significa que seja uma boa opção e que tenha sucesso no nosso país, até porque, a nossa realidade é diferente. Como referiu um dos entrevistados, “...*formação em contexto de trabalho acho que sim, é muito importante (...) não tão brusco*” (C).

Entendemos igualmente, que a formação em contexto de trabalho é essencial para a formação do jovem, enquanto momento que lhe permite um primeiro e verdadeiro contacto com o mundo real do trabalho. No entanto, querer transformar a formação destes jovens praticamente só a partir da formação prática, não nos parece a melhor solução.

Pensamos, ainda que, se deverá valorizar mais a componente teórica que integra os domínios cognitivo (Saber-Saber) e sócio afetivo (Saber-Ser/Saber-Estar). É óbvio, que o domínio que corresponde ao Saber-Fazer, surge com uma importância acrescida, mas complementar.

1.3. *Que perspetivas tem para este tipo de ensino?*

As opiniões resultantes desta questão são diferentes. Se dois dos entrevistados mostram alguma preocupação e reserva relativamente às perspetivas futuras para este ensino, “...*se os critérios forem os atuais, evidente que elas não são muito boas..*”(A), “...*é como eu já lhe disse, com algumas reservas...*”(C), o terceiro informante mantém a confiança e aposta na credibilidade do mesmo, “...*deverá contribuir e vai contribuir decisivamente para o futuro do nosso país, a perspetiva é essa...*”(B).

Um dos entrevistados revela algum pessimismo e desilusão pelo caminho que o ensino em geral e o ensino profissional em particular, estão a tomar. “...*o ensino em geral na sua totalidade não está a ter a atenção devida e evidentemente que o ensino profissional também não...*” (A). Na opinião deste entrevistado, se não houver uma mudança de política

por parte dos Ministérios competentes, por forma a existirem novas orientações científicas e pedagógicas e mais apoios financeiros para que o funcionamento do ensino progrida, as perspectivas futuras não serão as melhores “...o mercado de trabalho acabará ir sofrer as suas devidas consequências...”.(A). Também o aparecimento do ensino vocacional é, na opinião de um informante, uma das razões que podem criar algumas dificuldades ao ensino profissional.

Apesar de algumas reservas demonstradas, um outro entrevistado acaba por acreditar que este tipo de ensino tem potencialidades, continuará a desempenhar o seu papel e a ter uma palavra decisiva na formação dos nossos jovens e no desenvolvimento do país, “....penso que seja importante (...) até porque hoje em dia cada vez mais as empresas precisam mais de pessoas que consigam desenvolver e relacionar essas competências, a teórica e a prática...” (C). Há que ter algum cuidado na forma como estes jovens são preparados para a entrada no mercado de trabalho, onde ingressam, por vezes, demasiado cedo.

1.4. Os cursos profissionais de turismo (Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural, são adequados ao nível do ensino profissional (nível IV)?

Esta questão só foi colocada ao entrevistado C, uma vez que o mesmo tem vasta experiência de formação e de Coordenação de cursos na área do Turismo, com públicos-alvo e faixas etárias diferentes, tendo, por isso mesmo, uma visão mais ampla das várias formações existentes e da pertinência de cada uma delas.

A pertinência destes cursos neste nível de formação é ajustada, segundo a ótica do entrevistado, “...sim, eu penso que sim...”. Embora reconhecendo a importância dos dois cursos, destaca que são diferentes um do outro, quer em termos de perfil de desempenho, quer em termos de saídas profissionais. Se o Técnico de Turismo está mais relacionado “...com a parte do atendimento, do prestar informações de âmbito turístico aos potenciais clientes ou mesmo clientes (...) à parte organizativa, podemos estar a falar de eventos...”, o Técnico de Turismo Ambiental e Rural, é um curso mais abrangente, dotando os alunos de competências mais vastas, capacitando-os para um melhor desempenho enquanto futuros técnicos de Turismo, “...o Turismo Ambiental e Rural (...) é um curso bastante complexo e completo também, (...) que consegue desenvolver três áreas de conhecimento distintas e relacioná-las,

que é a área do turismo, a área de gestão e a área do ambiente (...) é um curso bastante completo em que os alunos obtêm conhecimento e conseguem desenvolver competências nestas três áreas que no fundo acabam por ser aquilo que lhe dá oportunidades e perspectivas para trabalhar dentro do turismo”

Concordamos com a opinião do entrevistado, na medida em que, por ser um curso mais completo e abrangente, o Turismo Ambiental e Rural torna-se um curso mais procurado por parte dos potenciais empregadores, que preferem cada vez mais a contratação de técnicos com competências variadas, para assim poderem desempenhar tarefas/funções diversificadas. Hoje em dia, a polivalência, na ótica do empregador, é essencial quando se trata do recrutamento de recursos humanos. Uma Unidade de Turismo Rural, por exemplo, prefere recrutar um Técnico de Turismo que possa desempenhar funções na receção, na parte administrativa e no acompanhamento de clientes, que contratar três Técnicos, cada um para as referidas funções.

Além disso, e no que se refere à região do Alentejo, o curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, tem mais viabilidade em termos de empregabilidade, que o Técnico de Turismo.

1.5. Os cursos profissionais de Turismo (Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural), são importantes para o desenvolvimento local e regional?

A resposta a esta questão é inequívoca. Sendo unânime a importância que estes cursos têm para o desenvolvimento local e regional, é realçada a relevância do Curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, por razões óbvias e já referidas anteriormente, e o facto de estar considerado como uma área prioritária em termos de formação, para a nossa região. O Alto Alentejo apresenta ainda algumas lacunas em termos de formação, em algumas áreas, e a formação de técnicos especializados “...pode vir a qualificar o mercado de trabalho aqui na região...(...) até porque existe essa deficiência a nível regional...” (A).

Se por um lado é mencionada a lacuna que a região apresenta em termos de recursos humanos especializados, por outro, são salientadas as potencialidades turísticas de que a mesma dispõe, a sua riqueza patrimonial, em termos de património histórico, cultural e

paisagístico, “ ...nós temos que aproveitar e explorar aquilo que são as nossas potencialidades e o turismo é sem dúvida uma das grandes potencialidades (...) da nossa região, desde a gastronomia, os monumentos, o clima que nós temos, tudo isso deve ser aproveitado...” (B)”.

As potencialidades locais e regionais, justificam, por si só, a qualificação de técnicos especializados na área do Turismo, que ajudem a identificar, a preservar e a promover esse mesmo património. “...tendo em atenção o território que nós temos, as nossas características, o ambiental e rural, são aqueles que identificam muito o nosso povo e a nossa cultura, portanto em que acaba por ser resultado dos dias de hoje, das vivências em que as pessoas, nomeadamente as famílias procuram este tipo de turismo para fazer desenvolver imensas atividades onde podem encontrar conhecimento, mas também podem descansar e desenvolver outro tipo de atividades que não poderão fazer, nas cidades, não é?(B).

A divulgação patrimonial dos territórios torna-os importantes centros de atração turística que devem ser aproveitados pelas entidades responsáveis locais, “ ...apostar-se cada vez mais em turismo é uma vocação que nós temos e temos que aproveitá-las porque se não aproveitarmos esta vocação que nós temos, estamos a prescindir daquilo que é um bem precioso que Portugal tem e muitos, muitos outros países gostariam de ter.”(B).

1.6. Há procura para estes cursos?

Esta questão só foi colocada ao entrevistado C, pelas mesmas razões descritas em 1.4..

Existe procura por estes dois cursos ligados à área do Turismo, embora, relativamente ao Técnico de Turismo Ambiental e Rural, existam por vezes algumas renitências iniciais, determinadas dúvidas por parte de alguns jovens, que associam o curso à atividade agrícola, “...aquilo que poderá por vezes afastar os jovens ou pelo menos não será afastar mas provocar pouco interesse é quando nós falamos de um curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, a ruralidade os possa preocupar um pouco e o associa muito à componente agrícola, digamos assim...”. Depois de devidamente informados sobre o perfil

de competências, os jovens acabam por compreender a importância do curso, e a mais-valia que o mesmo pode ser para o seu futuro, enquanto potenciais promotores de um património rico e vasto, que muitas vezes é desconhecido “...mas devidamente esclarecidos (...) consegue-se perceber que num curso deste género se conseguem desenvolver atividades de extrema importância quer na área da animação quer na área dos desportos mais radicais, quer na área ambiental também, tendo em atenção a riqueza que temos em termos de áreas protegidas, que o nosso país tem e que se pode fazer muita coisa nesses territórios.”

Relativamente a esta opinião, podemos confirmar que, na “área de influência” da EP1, o curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, tem sido uma das áreas de formação mais procuradas pelos jovens da região, facto que atesta por si só, a receptividade e a importância que esta formação tem para estes jovens.

2. Recolha de dados sobre a importância das disciplinas de História da Cultura e das Artes e de Geografia, para o futuro Técnico de Turismo.

2.1. Como vê o ensino da História da Cultura e das Artes, nesta área profissional?

A História é fundamental para um Técnico de Turismo. “...eu acho que é importante a disciplina de História, chame-se ela História ou História da Cultura das Artes(...) está perfeitamente ligada ao turismo” (A); “...esta disciplina é crucial...” (B); “...pelo que eu me vou apercebendo também pelos próprios conteúdos programáticos em termos de história, a história é de extrema importância para o turismo...” (C).

Cada um dos entrevistados apresenta razões válidas e objetivas para sustentar a sua opinião “...os técnicos de turismo obviamente que têm que conhecer a história, a história local, a história nacional, a história da humanidade, daí a sua extrema importância porque quando forem para o terreno, seja para pousadas, seja para museus, eles têm que conhecer não só a história local, a história regional, nacional e história, digamos, da nossa humanidade desde os primórdios até aos dias de hoje...” (B.); “...porque a história acaba por ser aquilo que representa o nosso passado, não é? estamos a falar da herança que nós

temos hoje em dia, aliás há muitos territórios que vivem à custa disso, em termos turísticos”(C).

Mais uma vez é dado um realce maior ao Curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, onde, como já se referiu em opiniões anteriores, ser um curso mais completo e mais complexo, o que vem demonstrar as maiores exigências em termos de conhecimento e de competências, que este técnico tem que possuir, “... neste caso o curso de Turismo Ambiental e Rural, sobretudo (...)tem uma parte muito mais ligada ao turismo, ao património cultural e á natureza também , que é o património natural e cultural...”(A).

É nosso entendimento que, de facto, a História é de extrema importância nesta área profissional. Não se pode falar de Turismo sem falar de História, porque ela está presente em todo o território, e muitos destes territórios vivem hoje à custa do seu passado, do seu património, porque nada mais têm para oferecer. O ensino da História nesta área profissional faz todo o sentido.

2.2. Como vê o ensino da Geografia nesta área profissional?

Responderam a esta questão, os Professores B e C. As opiniões recolhidas, à semelhança do sucedido para a disciplina de História, indicam claramente que a disciplina de Geografia é fundamental para a área do Turismo. “...é extremamente importante(...), faço muito aqui a ligação, uma vez que leciono as duas disciplinas, entre a História e a Geografia...”(B), “...também obviamente tem a sua importância...”(C).

A relação da Geografia com o território, a ligação, e sobretudo o conhecimento, que os profissionais desta área têm que ter sobre os mesmos, evidencia, por si só, a extrema importância que esta disciplina tem para este setor “...é importante conhecer o meio físico, tudo aquilo que nos envolve, desde o relevo, desde o clima, compreender, por exemplo, como é que há o desgaste, como é que há a erosão em muitos monumentos, é preciso conhecer o nosso solo, é preciso conhecer as nossas condições climatéricas, é preciso conhecer o meio que nos envolve (...),daí a extrema importância dessa disciplina que é a Geografia para estes cursos profissionais...”(B); “...aquilo que se pretende, é obviamente conhecer esses

territórios, as suas características intrínsecas, é saber o que é que existe em termos de relevo, em termos de fauna, em termos de flora, todos os recursos naturais que existem...” (C).

A relação intrínseca que tem que existir entre a Geografia e a área do Turismo, está implícita nos próprios conceitos “...a geografia ajuda-nos a conhecer os territórios, e não há turismo se não existir viagem...”(C). De facto, a Geografia é uma importante ajuda em termos de planeamento e estratégia turística, pois para existir viagem são necessárias vias de comunicação, transportes e boas acessibilidades. Conhecer as tendências e os fluxos, turísticos obviamente, saber planear origens e destinos, só é possível com conhecimentos geográficos.

2.3. Qual a importância da disciplina de História da Cultura e das Artes, para estes profissionais?

Esta questão foi colocada a dois dos entrevistados, os professores A e B. Ambos reconheceram a enorme importância que esta disciplina tem para estes profissionais. Uma preparação adequada para a vida ativa, para o ingresso no mercado de trabalho, exige conhecimentos óbvios nesta área do saber, “...a importância é extrema, é extrema porque eles, jovens que irão entrar no mercado de trabalho, têm que conhecer a história...a história que nos envolve, primeiro a nível local e depois então nacional...também internacional...”(B); “...evidente que nos cursos de turismo, seja o Ambiental e Rural seja o de Turismo em termos gerais, a disciplina de História é sempre importante porque a componente cultural e a componente da identidade deve fazer parte sempre da formação de qualquer técnico de turismo visto que, para já tem que ser uma pessoa culta, e a história está associada à cultura...” (A).

Os conhecimentos históricos são fundamentais para estes futuros divulgadores do nosso património, que podem desempenhar várias funções, entre as quais as de guias turísticos. Neste caso, torna-se ainda mais evidente, que os mesmos não podem desempenhar as suas funções plenamente, sem um conhecimento real de história “...a vertente cultural do turismo passa muito pelo ensino da história, pelo conhecimento da história e pelo que a história pode dar em termos de realidade, em termos de prática, de terreno, eles por assim dizer como guias turísticos, podem ajudar melhor os turistas a compreender melhor o

património cultural e a história local...” (A), “...os nossos jovens irão fazer visitas guiadas, obviamente que eles têm que conhecer a história, isso aí é crucial, eles dominarem para conseguir perceber, é importante depois na altura quando tiverem a estagiar conhecer em pormenor o monumento que eles irão ali apresentar, mas têm que levar um conhecimento já antes aqui da escola, o meio envolvente, a história política, a história social, cultural e os movimentos artísticos que foram surgindo ao longo dos vários anos...”

2.4. Qual a importância da Geografia para estes profissionais?

Esta questão só foi colocada ao professor B, que é da opinião que a Geografia possibilita a aquisição de conhecimentos e dá-lhes as ferramentas necessárias, que lhes permitem trabalhar na área do Turismo com maior competência. *“...vai-lhes dar as ferramentas fundamentais para eles depois conseguirem trabalhar nesta área de turismo, é preciso dar a conhecer aos outros o meio que nos envolve, a questão física, os espaços rurais, os espaços urbanos, a mobilidade de pessoas(...)e quem sabe se algum destes jovens não irá fazer um estágio ou irá trabalhar para uma país da Zona Euro, portanto, poderá sair de Portugal e ir para um outro país e nós temos que abrir fronteiras e temos que os preparar também para isso, e a Geografia aqui irá dar um contributo importantíssimo”*.

2.5. Refira os aspetos fundamentais da disciplina de História da Cultura e das Artes, para o exercício da atividade turística (tendo em conta o perfil de competências dos alunos)?

Esta questão foi colocada aos professores A e B. A mesma questão, elaborada de forma ligeiramente diferente (abrangendo a mesma questão as disciplinas de História da Cultura e das Artes e de Geografia) irá ser colocada ao professor C.

O património histórico e cultural é a base do programa previsto para a disciplina de História da Cultura e das Artes. Nesse sentido, para o professor A, a disciplina de História, fornece recursos excecionais nessas áreas aos alunos, enquanto futuros técnicos de Turismo.

O professor B, refere que devido à constante necessidade dos alunos terem que saber localizar um determinado acontecimento, monumento, etc. no tempo e no espaço, a História

permite-lhe obter essa uma competência. Esta localização temporal e espacial, é um aspeto que os seus alunos têm que melhorar. “...os nossos alunos quando saírem aqui da nossa escola têm que saber muito bem localizar no tempo e no espaço, o monumento, a época(...)localizar no tempo e no espaço, continuamos ainda com algumas dificuldades”

Além desta competência dada pela História, este professor refere ainda, que o conhecimento da História local é importante para estes alunos, porque “...estamos a falar de jovens que à partida grande parte deles vão estagiar aqui na nossa... na nossa região e temos que conhecer primeiro a nossa região, valorizar aquilo que é nosso para depois então conseguirmos mais facilmente transmitir...”

2.6. Refira os aspetos fundamentais da disciplina de Geografia, para o exercício da atividade turística (tendo em conta o perfil de competências dos alunos)?

Nesta questão, colocada somente ao professor B, foi dada relevância ao papel que a Geografia tem para o conhecimento do local, da região, para a divulgação e preservação dessas potencialidades, aspetos fundamentais no exercício da atividade turística, por parte de qualquer futuro técnico de Turismo. “...conhecer a nível local quais é que são as características da nossa região, quais é que são as nossas potencialidades, quais é que são as nossas fragilidades (...), para depois então eles compreenderem... ser mais fácil então conseguirem-se relacionar neste âmbito não só com... com as pessoas, com os turistas que se nos apresentam aqui...(....) portanto, tentar valorizar aquilo que é nosso (...)”.

Efetivamente, pensamos que “o local”, “o lugar”, são aspetos essenciais para o Turismo. Atualmente, este último está intimamente ligado a aspetos nostálgicos, de memória, que fazem com que muitos turistas voltem novamente a esse mesmo local, a esse mesmo sítio. O Turismo acaba, assim, por promover o encontro com determinados lugares, locais, sítios, acabando estes por se tornar em elementos decisivos para a atividade turística. Conforme refere Marujo & Cravidão (2012, p.285) um lugar turístico não pode ser transportado até ao consumidor e portanto é este que tem que ser atraído para esse local.

Os atrativos naturais, culturais, humanos presentes numa determinada paisagem, são muitas vezes o suporte para a realização de viagens para esses mesmos locais.

2.7. *Quais os aspetos da História da Cultura e das Artes e da Geografia, que são mais importantes para as diferentes tipologias de Turismo?*

Esta questão aborda a relação da História e da Geografia, com elementos muito específicos ligados à área do Turismo, concretamente as diferentes tipologias de Turismo. Por esta razão, esta questão foi colocada somente ao professor C.

O entrevistado aborda a importância de algumas tipologias de turismo e a relação destas com a História e com a Geografia.

As diferentes tipologias ligadas ao setor turístico estão referenciadas no chamado Plano Estratégico do Turismo (PENT), que apresenta dez produtos estratégicos para o nosso país, para quais existem motivações diferentes. A História e a Geografia estão presentes em alguns destes produtos estratégicos, com uma importância diferenciada em cada um deles.

Na opinião do informante, no Turismo em espaço rural a questão geográfica é muito importante, e a paisagem, não só física mas também humana e humanizada tem uma relevância fundamental. *“...podemos estar falar que as aldeias históricas, as aldeias de xisto, portanto, enriquecem determinadas regiões, também elas têm exatamente o cunho e a participação humana e também não acontece em todo o território, e mais uma vez também a parte da Geografia aqui é de extrema importância para podermos chegar até lá...”*

Relativamente ao Turismo rural, não temos dúvidas que a Geografia, tal como afirma o professor C, tem um papel marcante nesta tipologia de turismo, pois os ambientes rurais são locais cada vez mais procurados por turistas, quer nacionais quer estrangeiros, que procuram usufruir da tranquilidade e da beleza da paisagem desses espaços, nomeadamente no aspeto físico. No entanto, não só a Geografia tem uma importância neste tipo de Turismo pois, hoje em dia, muitas das Unidades de Turismo Rural têm programas próprios, roteiros, para oferecer aos seus clientes que passam, essencialmente, por conhecer o património histórico, cultural local, os seus costumes, as suas tradições e a sua gastronomia.

A Geografia, não tanto como a História, está presente nas motivações relacionadas com o chamado turismo de negócios, porque *“...estamos a falar daqueles... viajantes, digamos assim, que se deslocam com motivações profissionais em que querem participar em*

seminários, congressos, reuniões, feiras, obviamente que elas não acontecem só no nosso território nacional, acontecem também a nível internacional, grandes feiras que acontecem aqui ao lado em Espanha, em França, na Suíça, em que a componente geográfica também é de extrema importância (...) para conhecer esses territórios, para saber para onde é que (...) vão e quais as suas características ou as características desses mesmos territórios... ”.

Em nosso entendimento, o chamado Turismo de Negócios socorre-se da Geografia, na medida em que, esse tipo de Turismo implica um deslocamento de pessoas para novos territórios, no país ou fora dele, que envolve uma logística relacionada com o conhecimento desses territórios, como rede de transportes, os locais, as cidades de destino, etc.

No referente a um outro produto turístico, saúde e bem-estar, o entrevistado refere a importância da Geografia, na medida em que este tipo de Turismo está intimamente associado a tipos de água específicos, às termas, que só existem em determinadas zonas do país, o que implica novamente, viagens, deslocações para outros territórios, havendo toda uma logística implícita a essas deslocações “...associar isso mais à parte das termas também, ou seja elas aparecem e localizam-se determinadas zonas do nosso território em que a questão geográfica está muito presente (...) a parte da saúde e bem-estar, algumas terapias que se desenvolvem só nalgumas regiões do nosso país com essas mesmas características, podemos estar a falar ao nível da saúde, podemos estar a falar nos tipos de água, das características dessas águas, eu sei que tenho que me deslocar para determinado território para poder usufruir dessas mesmas águas, ou seja, a questão também é muito importante...”.

No denominado Turismo de Saúde e Bem-estar, podemos afirmar que efetivamente existe uma relação com a Geografia. Este tipo de Turismo está intimamente ligado às águas termais, às estâncias termais, que só existem em zonas e territórios muito específicos, onde a qualidade e especificidade das águas é muito própria. A deslocação de pessoas para esses territórios implica viagens, acessibilidades e transportes.

Sol e Mar é outro produto turístico muito importante para o nosso país, com o qual a Geografia está intimamente ligada. Aspectos ligados à Geografia, como a costa marítima, o mar, o clima, são importantes e decisivos para este tipo de Turismo. “...acho que é inevitável quase falar deste produto, não é?, portanto sol e mar tendo em atenção toda a costa marítima que nós temos(...)temos uma costa de mais de 800 quilómetros, (...)a forma como essa costa se apresenta e com as diferenças que acontecem de norte a sul do país também, obviamente,

que a geografia está aqui presente(...).e a questão do clima também, é de extrema importância...”

O clima, aliás, é um elemento referenciado pelo informante como estando estreitamente ligado a outro tipo de Turismo, associado aos chamados Desportos de Inverno, “...temos estado aqui a falar de clima (...) podemos estar a falar também de um outro tipo de turismo também associado a desportos de inverno, (...) que se contrapõem aqui ao sol e mar...podemos estar a falar também, por exemplo, numa Serra da Estrela onde também a importância do território está presente...”

Pensamos que estes produtos turísticos- Sol e Mar e Desportos de Inverno - estão, de facto, bastante ligados à Geografia, não só pelas razões apontadas pelo entrevistado, que são, no nosso parecer, das mais importantes (acrescentaríamos o relevo e as temperaturas no caso dos Desportos de Inverno), mas também porque implicam uma grande mobilidade de pessoas (sobretudo o Sol e mar) embora em épocas muito específicas, uma vez que se trata de um tipo de Turismo sazonal, que implica grandes fluxos turísticos e, conseqüentemente, uma profunda alteração dos territórios, sobretudo os de destino, com as conseqüências que por vezes têm em termos de organização desses mesmos territórios.

Relativamente ao Turismo Religioso, o informante salienta a importância não só da Geografia (viagens, planeamento, fluxos, etc.) mas também da História, ligada à arquitetura, à arte, e às próprias motivações que levam a esse deslocamento de pessoas “...temos associada a questão histórica, obviamente que sim, mas também temos associadas aqui a questão das motivações (...) está bastante presente, e também a parte dos edifícios, da parte arquitetónica não é?, estilos arquitetónicos que estão presentes em muitos monumentos, mosteiros, conventos e por aí fora...(...) podemos estar aqui a olhar para Fátima, (...) para Braga, para Viana do Castelo, portanto grandes centros de peregrinação religiosa,(...)não só para participar em cerimónias deste género, mas também para visitar locais(...).

Em relação ao Turismo Cinegético, para o qual existem motivações distintas, a questão geográfica é importante. É salientada a questão dos territórios, nomeadamente quanto à sua especificidade, e do impacto que esta atividade pode ter nos mesmos, nomeadamente em termos de fauna “...estamos a falar da caça e da pesca do ponto de vista desportivo que acontecem geralmente em zonas de caça ou reservas turísticas, acontece (...), principalmente no Alentejo, nas próprias herdades e obviamente que a questão geográfica aqui estará ela

muito presente (...) a Geografia aqui é de extrema importância porque estamos falar (...) de zonas de caça (...) em herdades, estamos a falar em território, estamos a falar do Alentejo que tem as suas especificidades em termos de território (...) tendo em atenção também o tipo de fauna que possa existir nessas mesmas regiões (...) que apresentam essas condições (...) propícias à prática deste tipo de desporto também, porque não deixa de ser um desporto a caça e a pesca desportiva...”.

Além das razões apontadas pelo entrevistado para relevar a importância deste tipo de Turismo com a Geografia, adicionaríamos ainda a questão do ordenamento e planeamento cinegético como essenciais. Esta atividade, enquanto exploração de um recurso natural renovável deve ser sujeita a uma gestão cuidadosa e compatível com a conservação da natureza e da biodiversidade. Muitas vezes, em algumas das áreas onde estas atividades ocorrem, existe a presença de diverso património natural, cuja preservação é necessário assegurar. Aqui, a Geografia pode também dar um contributo importante.

Relativamente a uma outra tipologia de Turismo, os *city breaks*, o professor entrevistado salienta que o mesmo tem uma relação com as duas disciplinas. É um tipo de produto que acontece nas principais cidades e cuja motivação é descobri-la e conhece-las em termos arquitetónicos e patrimoniais (a História presente) não só em Portugal, como em toda a Europa, facto que, por si só, implica a Geografia: a questão das deslocações, rede de transportes, fluxos turísticos, etc.

No que se refere ao Turismo de Natureza, onde estão associadas várias formas de fazer Turismo, o entrevistado revela que a Geografia tem uma importância determinante “...temos aqui presente a questão ambiental também, em termos de fauna e de flora, de preservação da natureza, de sustentabilidade dos recursos naturais, portanto, esses territórios é importante conhecê-los também, conhecê-los nas suas diversas formas...”

A propósito deste tipo de Turismo, consideramos que começa a ter alguma importância no nosso território, uma vez que integra um variado de práticas, que vão desde a contemplação e interpretação da natureza nas suas diversas vertentes – passeios a pé, equestres, *birdwatching*, escalada, orientação, canoagem, etc.,-, passando pelo alojamento em casas tradicionais. Este género de Turismo permite desfrutar do património natural, arquitetónico, paisagístico e cultural, conceitos intimamente ligados à Geografia e à História.

Por último, e relativamente ao Turismo cultural, considerado como estratégico para o nosso país, a opinião do nosso entrevistado reforça o interesse da História e da Geografia para este tipo de Turismo e a sua estreita relação com o mesmo “...o turismo cultural é um tipo de turismo em que também a motivação histórica está presente e também a parte da geografia aqui está ela presente (...) dentro do cultural cabem muitos elementos (...) posso estar a falar por exemplo da arte, dos museus, da gastronomia, do património histórico, dos eventos, da música, portanto aqui cabe obviamente muitos aspetos (...) e também sabemos que esses eventos acontecem em determinadas zonas do nosso país (...)podemos estar a falar por exemplo de espetáculos de música de verão, eles acontecem e estão espalhados por todo o território nacional...(...) e quem se dirige para esses territórios (...)obviamente que tem que ter um conhecimento mínimo sobre como lá chegar e que condições vai encontrar, em termos de paisagem, geomorfologia e por aí fora, é todo o interesse, até por questões de segurança, saber e conhecer todos esses pormenores...”

Acrescentaríamos que, de facto, a História e a Geografia têm uma importância decisiva neste tipo de Turismo. Como já referido pelo orientador, o Turismo Cultural é hoje um dos produtos mais valorizado do país em termos de oferta turística, porque foca os diversos costumes, tradições, formas de arte, locais, regionais e nacionais.

A nossa cultura, a história, a arte, a gastronomia, as tradições e os costumes, são a essência deste segmento do Turismo, e para os conhecer e compreender, temos forçosamente que nos socorrer quer da História, quer da Geografia.

2.8.O programa da disciplina de História da Cultura e das Artes está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros Técnicos de Turismo?

Pode-se afirmar que os entrevistados têm a opinião que o programa da disciplina está adaptado às necessidades dos alunos, enquanto futuros técnicos de Turismo, ainda que reconheçam algumas lacunas no mesmo.

O entrevistado B, afirma que o programa está adaptado, embora entenda que possam fazer alterações, “...está adaptado, pese embora se pudesse fazer aqui algumas alterações...”.

O entrevistado A, refere que o programa é um pouco confuso, “...o próprio programa e os livros que o suportam é...muito confuso...”, não está bem estruturado e, se não houver uma atitude pró-ativa por parte do professor, torna-se difícil aos alunos a compreensão do mesmo. Também os manuais que servem de suporte ao programa revelam essa confusão. A confusão que o programa pode gerar nos alunos só é atenuada com uma atitude pró-ativa do professor, encontrando estratégias para que os mesmos possam atingir os objetivos propostos, nomeadamente, um ensino mais prático “...se o professor não tiver uma atitude pró-ativa de forma a que os alunos tenham um contacto mais direto com o património em si, quer diretamente no terreno, quer através de recursos como...como o PowerPoint, como imagens, filmes, etc.(...) o programa, a forma como ele está estruturado, se nós o seguissemos...”

Na opinião deste professor, o programa focaliza-se demasiado na História da Cultura e das Artes, esquecendo a história social, política e económica, como o próprio refere “...a história-história”. No início de cada módulo devia existir uma boa contextualização histórica nesses domínios, para possibilitar aos alunos um melhor enquadramento no tempo histórico, e isso não praticamente não existe “...tem uma ligeira referência no princípio muito pequena, muito curta e depois começa-se a falar de arte...”. Não consegue compreender a distinção que é feita entre arte e cultura, “...não consigo distinguir arte da cultura, mas eles no livro separam (...) o que eu acho uma aberração...”

O professor B, tem opinião diferente acerca do facto do programa pouco contemplar a história económica, social e política, em oposição ao referido pelo professor A, pois, segundo ele, “...primeiro fazemos um contexto à época, um contexto económico, social, cultural, só depois daí é que nós conseguimos perceber as manifestações artísticas que surgem, porque elas surgem porque existe alguma coisa que está antes e de facto no programa, no programa faz essa divisão e aliás até os manuais que são adotados da Porto Editora, que nós aqui na escola adotamos, fazem muito bem isso essa... essa... essa separação...”

Esta ideia é corroborada pelo professor C, que afirma que o programa, por aquilo que lhe é dado a conhecer, se focaliza demasiado na arte, na cultura, em detrimento de outras áreas da história “...está muito vocacionada também para a parte da arte e sabemos que história é muito mais que isso e por vezes é importante perceber “porque é que” e relacionar porque é que determinados acontecimentos aconteceram, porque é que determinada

tendência em termos de arte aconteceu, temos que se calhar perceber e enquadrar, fazer o tal enquadramento que é de extrema importância, não é?... a questão social, política, económica, portanto tudo isso aí justifica porque é que nós fomos além fronteiras em termos de descobrimentos, porque é que mais tarde fomos buscar tendências em termos de arte pela Europa fora...”

As poucas referências à História de Portugal são outra das lacunas apresentadas, “...depois ainda por cima tem um problema (...)há muito pouca referência ao património cultural português, à arte portuguesa...inclusive à própria história de Portugal... praticamente não fala na história de Portugal...no meio disto tudo e há referências muito reduzidas ao património cultural português...”(A)

Outra das críticas apontadas por este entrevistado está relacionada com o facto do programa se iniciar com a Grécia e não ter qualquer referência ao período da pré-história.

Para superar as lacunas apontadas, o informante A reforça a sua opinião que, tratando-se de alunos de Turismo, estas falhas só poderão ser atenuadas com um conjunto de estratégias, que reforcem os conhecimentos dos alunos, nomeadamente visitas de estudo ao património histórico local e regional “...as visitas de estudo, aproveite-as ao máximo, que sejam feitas aqui na região (...), a Torre de Palma, a Estação Arqueológica para a Cultura do Senado...Marvão no caso da Cultura do Mosteiro, porque o Mosteiro é uma referência, mas depois existe toda a arquitetura medieval (...)o Museu de Arte Contemporânea de Elvas,.. no módulo da Cultura do Cinema e da Cultura da Arte Virtual, visto que é um museu de arte contemporânea e uma arte muito especial(...) é uma grande ajuda que eu tenho neste momento para esses (...) dois módulos, portanto, é por aí que tento que ir e depois através de textos, de imagens, discussões, de análises dentro da própria sala de aula,(...) alguns trabalhos, como por exemplo visitar um castelo, visitar um mosteiro, visitar um museu e a partir daí criar o próprio panfleto promocional, primeiro de identificação e depois de promoção desse património(...) que serviu de referência, por exemplo ao módulo de Cultura do Mosteiro, da Cultura do Senado, etc.”

O entrevistado C, refere a propósito de algumas possíveis lacunas em termos programáticos “...naquilo que eu sei em termos de conteúdos, haja necessidade de alargar um pouco mais os horizontes dos alunos, ou seja, clarifica-los um pouco mais, ir um pouco além do programa, o programa por si é um pouco estanque e por vezes não dá liberdade

para que se possa fazer enquadramentos e justificar determinadas tendências históricas, é importante também chegar junto aos alunos e não só ficarmos por aí, mas justificar sempre e argumentar porque é que determinado aspeto da história aconteceu e, portanto, a contextualização é de extrema importância...”

O professor B salienta, igualmente, que o programa está adaptado ao alunos enquanto futuros técnicos de Turismo e o facto de o mesmo programa se basear essencialmente na história da arte e da cultura, não representa qualquer entrave à adequação dos mesmos, até porque, “ ... a nível de contexto social, a nível cultural, político, económico não têm tanto essa dificuldade não têm muito essa dificuldade, porque a maior parte deles fizeram o 9º ano no ensino regular e no ensino regular dá-se um enorme destaque mais à história política e económica do que à história da arte ...”

Esta opinião manifestada pelo professor C, não merece a nossa concordância, uma vez que muitos dos alunos que ingressam no ensino profissional não concluíram o ensino básico-9º ano de escolaridade- no dito percurso normal, sendo que muitos deles concluíram esse ciclo de estudos em percursos alternativos como, por exemplo, os PIEF, os CEF’s, etc., onde a disciplina de história tem uma carga horária e conteúdos muito reduzidos ou então não existe, como é o caso dos CEF’s, onde é substituída pela disciplina de Mundo Atual, que pouco tem a ver com a disciplina de História.

Relativamente às opiniões emitidas sobre o programa, concordamos com algumas das lacunas que foram aqui apresentadas, nomeadamente, a pouca referência ao caso Português e o facto de não contemplar a Pré-história. Estamos a falar de futuros técnicos de turismo que, em princípio, poderão desempenhar as suas funções nos locais de origem, nos locais de implementação das suas escolas e, no caso da região Alentejo essa falha é por demais evidente, pois esta região do país é bastante rica, por exemplo, em termos megalíticos.

No entanto, refira-se que a nossa análise ao programa já foi efetuada em capítulos anteriores.

2.9. O programa da disciplina de Geografia está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros Técnicos de Turismo?

Esta questão foi colocada aos professor B e C. O primeiro professor entende que o Programa é um pouco denso e fazer pouco a ligação com a história local e regional. Tem sempre algumas dificuldades em conseguir cumprir o programa, tentando sempre superar essa situação, uma vez que “...o programa é uma referência como o próprio nome indica”. Acha positivo, mas insuficiente, o facto do programa apresentar dois módulos opcionais, pois, na sua opinião, esse número devia ser superior.

O professor C, não conhecendo em detalhe este programa, afirma que, de acordo com o que conhece, o mesmo está adaptado às necessidades dos alunos. Aborda temas extremamente importantes para a atividade turística e além dos aspetos da geografia física, trata outras questões importantes, como transportes, atividades económicas, espaço rural, a dinâmica do espaço urbano (as cidades), “...portanto estamos aqui a falar de uma série de aspetos de importância para o turismo...obviamente que sempre a questão da geografia física e dos territórios, e o conhecer esses territórios, (...) a geomorfologia, a parte do relevo, da vegetação, a parte ambiental também ela (...) muito importante...”

Relativamente a esta questão pensamos que, de uma maneira geral, o programa está adaptado ao objetivo pretendido, apesar de poder ser alvo de ligeiras correções/adaptações.

Relativamente a esta situação já efetuamos uma pequena análise, em capítulos anteriores.

2.10. Se tivesse que fazer alterações no programa de História da Cultura e das Artes, para corrigir eventuais falhas, quais as que faria?

Esta questão foi colocada aos professores A e B. No seguimento das lacunas apontadas anteriormente, o professor A sugere algumas alterações no programa, nomeadamente um recuo no tempo histórico que abrangesse a pré-história, “...para já vinha mais atrás no tempo histórico, não começava com a Cultura da Ágora e com a Grécia, começava no mínimo no Neolítico (...), até porque existe na região monumentos megalíticos e (...)e outro espólio muito interessante(...)devia falar-se dessa fase, desse período histórico ...”. Este professor reconhece a menor importância de algum temas propostos para a formação destes técnicos, partindo do princípio que o futuro mercado de trabalho irá ser no

país, mas admite que esses mesmos temas possam ter alguma importância para os alunos, se o mercado de trabalho se situar fora de Portugal, afinal de contas, estamos a falar de cursos intermédios de Nível IV da União Europeia, “...devia falar-se dessa fase, desse período histórico (...) depois então passar para a Grécia, que para mim tem muito pouca importância para o turismo em Portugal, a não ser que estejamos a formar, e também estamos, porque é um curso de nível europeu, não é?”

Ainda na opinião deste informante, todos os Módulos, a que corresponde um determinado período histórico, deviam iniciar-se por uma contextualização mais aprofundada a esse mesmo período, em termos políticos, económicos e sociais, “...começava por contextualizar muito mais os períodos históricos, há muito pouca referência à “história em si”, à história económica, à história social, à história política... (...) muitas vezes só a partir daí se percebe o resto, não é?, eu não posso explicar o gótico sem falar da história política e da história social(...) e praticamente não existe nada sobre isso, portanto...contextualizava mais, falava mais de “história-história” e depois continuava com a parte artística, a parte cultural...”.

O professor B, sugeriu, um maior enfoque na história local, uma vez que os conteúdos são bastante abrangentes, “...pelo menos aquilo que se toca mais aqui com a história local...”.

Na nossa opinião, ambos os professores têm alguma razão nas sugestões que apresentam. A abordagem ao período da pré-história, mais concretamente ao Neolítico, embora não conste do programa, poderá ser sempre abordado de uma forma mais sintética, aproveitando visitas de estudo ao património local. O programa não é estanque, as cargas horárias propostas para cada um dos módulos são meramente indicativas, o que possibilita que o professor possa gerir da melhor forma essa questão, aproveitando essa flexibilidade para tratar de temáticas relacionadas com o “local”. Aliás, sempre que possível, a abordagem temática desse partir precisamente por aí.

Não se compreende, a nossa ver, exigir que um futuro técnico de Turismo conheça a história geral, universal, e não conheça a história do seu próprio território.

2.11. Se tivesse que fazer alterações no programa de Geografia, para corrigir eventuais falhas, quais as que faria?

Esta questão foi colocada ao professor B, que acabou por dar algumas indicações sobre a mesma, aquando de questões anteriores, nomeadamente um maior número de módulos opcionais, uma redução de conteúdos para tornar o mesmo mais prático e, sobretudo, mais dinâmico.

2.12. Pensa que os seus alunos, enquanto futuros Técnicos de Turismo, no final do Curso saem com formação (conhecimentos necessários) suficiente na área da História?

A ideia que se retira da opinião dos três professores, é a de que os alunos ficam com preparação suficiente na área da História “...nós pensamos que sim, eu trabalho para isso (...) para que eles saiam daqui com os conhecimentos (...) mas se calhar mais do que os conhecimentos as ferramentas...”(B); “...sim, eu penso que sim..”(C); “...se eu como professor fugir um bocadinho do programa ou então adaptar o programa ou as técnicas(...)ao programa de forma diferente(...) e não esquecendo que eles têm que fazer uma Prova de Aptidão Profissional e que muitas destas Provas de Aptidão Profissional passam por...o ter conhecimento de alguns conteúdos relacionados com a História da Cultura e das Artes eu penso que acabam por conseguir, no essencial acho que sim(...)” (A).

Não deixa de ser curioso o facto de os dois professores de História, apesar de entenderem que os alunos saem com formação suficiente nesta área, reconhecerem que os mesmos podiam estar melhor preparados, “...mas podiam estar melhor preparados, sem dúvida...”(A); “...eu sei que isso seria utópico, que eles dominassem perfeitamente todas (...) épocas históricas, todos os movimentos artísticos e que os soubessem de uma ponta à outra, não é isso que se pede porque eles não são atores de teatro...”(B)

Como forma de superar esta situação, o professor B, mostra-se preocupado em dotar os alunos das ferramentas necessárias para que eles possam procurar a informação, “...agora têm que ter a capacidade, de ter a ferramenta e saber onde é que vão buscar a informação, isso para mim é que é fundamental, para além de ter esses conhecimentos é ter as

ferramentas e conseguir ir buscar informação quando não a têm, quando não a sabem...”
(B).

A importância dos conhecimentos adquiridos nesta área é fundamental para o Turismo, isso mesmo é referido pelo professor C. Os conhecimentos adquiridos nesta área, são como que “*matéria-prima*” para as disciplinas relacionadas com o Turismo, onde esses mesmos saberes serão trabalhados, para que os alunos, enquanto futuros profissionais de turismo, os possam aplicar corretamente. “*...muitos desses alunos vão buscar quer a história quer a geografia como disciplinas ou ferramentas base no desenvolvimento da sua própria PAP, quer no que diz respeito à criação de itinerários, roteiros históricos, culturais, pelo próprio território, não só local mas também regional, mas eles conseguem fazer muito bem essa...essa adaptação em termos de conhecimentos e conseguem aplicar isso em termos de proposta que é uma prova final de curso..*”.

2.13. Pensa que os seus alunos, enquanto futuros Técnicos de Turismo, no final do Curso saem com formação (conhecimentos necessários) suficiente na área da Geografia?

Relativamente a esta questão, o professor B, afirma que sim, que os alunos saem com a formação suficiente em termos de conhecimentos, realçando, no entanto, a importância de dotar os alunos, não só desse conhecimento, mas também das ferramentas necessárias para a busca desse mesmo conhecimento.

O professor C, que acaba por responder a esta questão na pergunta anterior, acaba por reconhecer que a formação em Geografia é suficiente, dando como exemplo, o caso da elaboração de roteiros, itinerários, etc., onde os alunos acabam por aplicar os conhecimentos adquiridos.

3. Recolher dados sobre (problemas de) a aprendizagem

3.1. Acha que as metodologias utilizadas nas aulas de História da Cultura e das Artes vão de encontro às necessidades dos alunos?

Os professores adotam uma metodologia ativa, centrada nos próprios alunos e adaptadas aos ritmos de aprendizagem de cada um. “..., *as metodologias, elas têm vindo a mudar, nós vamos adaptando e eu faço isto consoante o público que eu tenho... que eu tenho ali à frente, é feito o diagnóstico inicial, saber as potencialidades, as qualidades que os alunos também têm e a partir daí então as metodologias irão guiar-se para aquele público...*”(B.), “...*até porque os alunos não são todos iguais, não é?, não têm os mesmos gostos, não têm...ou não veem com a mesma formação, quer na área de História quer noutras áreas(...)*portanto tento adaptar circunstancialmente os métodos a eles,(...) a motivá-los de forma a que eles gostem, não é?...” (A)

Metodologias diferenciadas, consoante o “público em presença”, são utilizadas pelos dois professores em questão, aulas onde se tenta conjugar uma transmissão de conhecimentos, através de aulas expositivas, conjugadas com um ensino “mais à descoberta” estimulando a pesquisa, aulas mais práticas, onde o saber-fazer é fundamental, enfim um ensino à medida dos objetivos do ensino profissional.

Os trabalhos de pesquisa, individuais ou em grupo, o visionamento de (excertos) filmes, o recurso à internet, as visitas de estudo, são recursos utilizados, não só como forma de motivação para os próprios alunos, mas também como forma de aprofundar conhecimentos.

3.2. Acha que as metodologias utilizadas nas aulas de Geografia vão de encontro às necessidades dos alunos?

Esta questão só foi colocada ao professor B. As metodologias adotadas são em tudo idênticas às utilizadas nas aulas de História. É privilegiado um ensino centrado no próprio aluno. Se for uma turma onde a maioria dos alunos pretenda prosseguir estudos, dá-se preferência a um ensino mais teórico, se a maioria dos alunos pretender ingressar no mercado de trabalho, privilegia-se, um ensino mais prático.

Quanto ao uso de recursos nada foi referido sobre esta questão. Relativamente a estes entendemos que os materiais a utilizar na sala de aula, devem ser pensados e planificados cuidadosamente. Devem ser apelativos, contribuir para uma aula ativa, participativa e podem permitir ao professor delinear estratégias tendo em vista outras atividades em que o aluno tenha que fazer outros trabalhos de pesquisa junto da comunidade escolar ou local

(miniprojetos/ações de educação ambiental, cívica, etc.). O seu uso deve permitir alcançar os resultados pretendidos, promover a reflexão, ajudando na transmissão de valores e atitudes que desenvolvam as competências pretendidas.

3.3. Em História da Cultura e das Artes, em que medida o conhecimento da realidade local é importante?

É importante o conhecimento da realidade local onde os alunos estão inseridos, o que será uma mais-valia em termos futuros, sobretudo quando se integrarem no mercado de trabalho. Para um técnico de Turismo é essencial o conhecimento do património local, histórico e cultural, por forma a conseguirem identifica-lo, contribuindo não só para a sua promoção e valorização, como também do próprio território. A imagem que se dá ao turista, é fundamental para que ele regresse, ou acabe, ele próprio por fazer a divulgação “...é importante no sentido (...) que eles sendo residentes aqui, o mercado de trabalho em parte está aqui, aliás o distrito de Portalegre tem potencialidades enormes na área do turismo e é evidente que eles têm que conhecer a realidade local (...) ”(A); “... é importante porque eles quando começarem a estagiar muitos deles estagiam aqui na nossa... na nossa região, (...) têm que conhecer e eu parto sempre(...) do princípio que temos que conhecer primeiro aquilo que nos é mais próximo para depois irmos começar a alargar para sermos muito mais abrangentes, não conhecendo aquilo que nos é mais próximo vamos ter uma grande dificuldade em depois conseguir alargar...” (B).

Esse conhecimento da realidade local só é possível com um ensino mais dinâmico, mais prático, onde as visitas de estudo, as saídas de campo, a análise de fontes, entre outros, desempenham um papel fundamental. “...e eu faço tudo para que isso aconteça, a maioria das visitas são aqui feitas (...) como em Marvão, são feitas em Avis, são em Elvas”(B).

3.4. Em Geografia, em que medida o conhecimento da realidade local é importante?

Esta questão só foi colocada ao professor B, que privilegia uma escala de análise de estudo que parte do local, para o regional, para o nacional e internacional. Em primeiro o conhecimento do “local”, “...primeiro aquilo que nos é mais próximo, depois então vamos

então alargar, vamos para outros horizontes (...) a escola também fica situada num meio que nós conhecemos, o interior, e há que valorizar aquilo que o Alentejo tem, o Alto Alentejo tem, o concelho do Crato tem e temos muita história e vamos tentar valorizar a história, vamos tentar valorizar o meio ambiente, aquilo que nos rodeia porque essa também é uma função que tem a nossa escola.”

3.5. Que atividades práticas são feitas, no âmbito da disciplina de História da Cultura e das Artes, de forma a (melhor) preparar os alunos para uma mais fácil integração na vida ativa?

As atividades práticas realizadas pelos professores A e B, são em tudo idênticas, e tem como objetivo principal aprofundar conhecimentos e permitir um contacto frequente com as realidades locais, com os territórios, no sentido de complementar a formação ministrada em sala de aula. As visitas de estudo são feitas, essencialmente, na região onde a escola está inserida e no caso do professor A, aproveita as mesmas para os alunos desempenharem (simulando) o papel de guias turísticos, cujos roteiros são elaborados pelos próprios alunos, e os locais visitados alvo de promoção feita a partir, por exemplo, de panfletos “...as visitas de estudo que são feitas, quer ao Museu de Arte Contemporânea de Elvas, quer ao Castelo de Marvão, quer à zona histórica de Avis, são feitas no sentido de(...)eles visitarem e ao mesmo tempo desempenharem o papel de futuros guias turísticos, ou seja, eles depois têm que fazer não propriamente um relatório, mas algo que identifique e promova aquilo que eles tiveram a visitar...”

Além das visitas de estudo, outras atividades são privilegiadas, nomeadamente, intercâmbios com outras escolas, que são aproveitados para conhecer a realidade de outros territórios “...são momentos de partilha e (...) visitamos locais, fazem-se visitas guiadas”(B), jogos didáticos, colóquios, conferências, e *paddy-paper* cultural, “...eles por exemplo, são obrigados antecipadamente a estudar o meio, depois com a ajuda de um mapa vão fazer eles o percurso (...)identificando os principais aspetos culturais, neste caso de património histórico, que servirão futuramente para os turistas seguirem aquele percurso.(...) eles visitam tudo, mas depois selecionam, identificam aquilo que visitaram de mais importante e têm que fazer um guião da visita(...) outros embora não o façam diretamente, na sala vão ter

que fazer uma espécie de projeto que identifique o mais importante, será com placas, será com mapas(...)...”(A).

Questionados se as atividades práticas eram suficientes ou as possíveis, as opiniões recolhidas mostram que “...são suficientes...” (A), e que há uma preocupação em não exagerar neste tipo de atividades, por vários motivos “...há a questão também de nós conseguirmos cumprir um programa e se realizarmos muitas visitas, muitas atividades destas, depois temos alguma dificuldade em conseguir lecionar alguns conteúdos...”(B) e “...é também uma questão (...) financeira porque acarreta alguns custos, acarreta a logística (...) que está (...)envolvida e é preciso haver aqui um certo, um certo equilíbrio...”(B)

3.6. Que atividades práticas são feitas, no âmbito no âmbito da disciplina de Geografia de forma a (melhor) preparar os alunos para uma mais fácil integração na vida ativa?

Também na disciplina de Geografia, as visitas de estudo, e sobretudo o intercâmbio feito com outras escolas, permite conhecer novas regiões, novas realidades, novos territórios e o clima dessas regiões. As saídas de campo, os *paddy-papers*, são outras das atividades práticas efetuadas.

3.7. Quais os principais problemas que identifica na aprendizagem da disciplina de História da Cultura e das Artes? Que soluções?

As razões apontadas e que constituem os principais problemas na aprendizagem desta disciplina são variadas. A falta de gosto pela própria disciplina, “...há alunos que gostam imenso de História e há outros que detestam a História...é aí que tem de funcionar o ensino diferenciado...”(A), a uma dificuldade de compreensão de termos mais técnicos, “...as maiores dificuldades têm a ver com uma nomenclatura muito própria em relação à parte da arte...”(B), e dificuldades de localização dos acontecimentos no tempo e no espaço.

As soluções apresentadas passam pela utilização de recursos mais apelativos para os alunos, com o objetivo de os motivar, como é o caso das novas tecnologias, “..... tenho utilizado muito as tecnologias, alguns trabalhos (...)de pesquisa(...) eles têm ido à internet,

têm visto alguns museus virtuais que felizmente temos ao nosso ao nosso dispor, trabalhos, pesquisar alguns monumentos...”(B), “...associar os excertos de um documentário, ou de um filme que tenha a ver com aquela matéria...”(A).

Aulas diferenciadas, análise e interpretação de fontes, de forma pró-ativa, “...exposição teórica, clara, simples, concisa e até com muita alegria...”(A), são outras estratégias utilizadas para motivar os alunos.

É nosso entendimento que, é a observar, a ler, a analisar e a interpretar uma fonte histórica, e a refletir, que os alunos aprendem a construir o seu próprio conhecimento, é a trabalhar com mapas, com cronologias que os alunos aprendem a localizar no tempo e no espaço civilizações e acontecimentos.

3.8. Quais os principais problemas que identifica na aprendizagem da disciplina de Geografia? Que soluções?

A interpretação de determinada terminologia, a densidade de conteúdos a ministrar, resultantes de um programa demasiado extenso e a exigência do próprio programa, são problemas que podem ter alguma influência na aprendizagem da disciplina.

A dificuldade que os alunos ainda revelam para compreender o que é a Europa atual, da qual fazemos parte, é igualmente um problema que os alunos demonstram, “...*existe também (...) alguma dificuldade em conseguir perceber o que é esta Europa, esta união entre estes estados todos, aconteceu isso o ano passado não sei se irá acontecer também este ano, mas a Europa continua a ser uma coisa que nos está muito distante, eu noto isso, principalmente no 12º ano, quando se fala em Europa é uma coisa fora de Portugal, não é uma coisa intrínseca a nós, não é uma coisa que nos pertença é uma coisa que está lá fora, está lá longe e a Europa continua para muitos alunos a ser... a representar os fundos que veem, o dinheiro que vem, basicamente é isso...*”

Para combater este afastamento, este alheamento, por parte dos alunos, das questões europeias, irá realizar-se uma palestra sobre esta temática, que contará com diversas figuras públicas ligadas ao meio político português “...*e vamos trazer aqui alguns ilustres políticos que nos vão falar um pouco sobre isso, para ver se os nossos alunos conseguem abrir um*

pouco mais aqui os horizontes, eles próprios também construírem a sua opinião, a sua ideia, porque é importante que eles vão construindo a sua ideia e vão discordando dos professores que têm aqui e vão criando (...) a sua própria argumentação, a sua própria crítica, e é isso que se pretende...”

As questões que se seguem foram colocadas somente ao professor C.

3.9. Nas suas aulas, identifica nos alunos algumas lacunas em termos de aprendizagem, nas disciplinas de História da Cultura e das Artes e de Geografia?

O professor reconhece algumas lacunas em termos de aprendizagem, relativamente às duas disciplinas mencionadas, algumas “(...) imprecisões”, sobretudo relacionadas com a identificação de algumas características intrínsecas de determinada região. Outra das lacunas está relacionada com a dificuldade que, por vezes, os alunos demonstram na localização, no espaço e no tempo, de determinados acontecimentos históricos. As dificuldades relativas à localização e ao tempo histórico, já tinham sido, aliás, referidas anteriormente pelos docentes da disciplina de História. A nosso ver é um problema de memorização (porque a História assim o exige), cada vez mais frequente nos alunos atuais.

3.10. De que forma é feita a interdisciplinaridade entre as disciplinas de História da Cultura e das Artes, Geografia e Turismo? (dê exemplos)

A relação entre História, Geografia e Turismo acaba por acontecer naturalmente, “...o Turismo precisa (...) obviamente (...) destas áreas do conhecimento (...) distintas e de extrema importância...”, mas complementares. Quando um turista se desloca para determinado território, tem todo o interesse em conhecer esse local. Essa deslocação implica viagens, passagens por territórios diferentes daqueles que conhece, o que “obriga” a conhecer esses novos territórios, ricos em história, em património, em riqueza natural.

Um aluno de Turismo tem que ter conhecimento em várias áreas, e a História e a Geografia são duas dessas áreas “... *possivelmente são a base de todas elas e as mais importantes, mas temos muitas outras de que o Turismo também precisa para poder... ser vendido, digamos assim...ser trabalhado e ser vendido...*”.

A relação intrínseca que existe entre estas três áreas, nos cursos de Turismo, a nosso ver, está bem espelhada nas Provas de Aptidão Profissional que os alunos têm realizado. A maioria das provas necessita de conhecimentos na área da História e da Geografia, sem os quais a sua viabilidade e concretização não eram possíveis.

CONCLUSÃO

“O Turismo no país com as fronteiras mais antigas da Europa está nas “bocas do mundo” e parece que a fama veio para ficar. Portugal combina cultura, História e costumes. Tem uma deliciosa gastronomia, um clima perfeito e extraordinárias paisagens de campo e praia, de norte a sul”

(Share Magazine, Jornal “O Público”, 2014)

O tema central que esteve na base da elaboração do presente trabalho, foi o de procurar refletir sobre a importância das disciplinas de História da Cultura e das Artes e de Geografia nos cursos profissionais da área do Turismo, mais concretamente nos Cursos de Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural.

Tentar encontrar uma resposta para a questão **Nos cursos profissionais da área do Turismo, em que medida as disciplinas de História e de Geografia são fundamentais e contribuem para a formação do futuro técnico profissional de Turismo?** Foi o objetivo que presidiu ao mesmo.

Criado há cerca de trinta anos, com o intuito de responder às crescentes necessidades do mercado de trabalho, o ensino profissional continua a ser uma realidade incontornável no nosso sistema de ensino, não só pelas ofertas reais de educação e formação que proporciona a milhares de jovens, mas também pela natureza dessas mesmas ofertas. A relação privilegiada que tem com o meio envolvente, nomeadamente com o mundo empresarial local e regional, permite-lhe proporcionar aos jovens experiências pedagógicas e formativas singulares que constituem um desafio constante e cada vez mais motivador para todos os que a ele estão ligados.

As opiniões recolhidas no âmbito deste trabalho, através das entrevistas efetuadas, revelam que apesar de alguma apreensão relativamente ao futuro deste ensino - não pela sua qualidade, mas pela asfixia constante imposta a nível superior- os profissionais que a ele estão ligados, e as suas práticas letivas, são garantia da qualidade de um sistema de ensino que se quer diferente, que é diferente e continuará a ser inovador.

Ao longo destes anos, a aposta em áreas formativas diversificadas tem sido uma realidade, pois a evolução repentina de alguns setores de atividade em Portugal, exigiu que assim fosse. O Turismo, apesar de ter sido um dos setores que mais evoluiu no nosso país nos últimos anos, confrontou-se desde muito cedo, com a falta de recursos humanos qualificados que respondessem às exigências de qualidade que eram impostas a este setor.

Mais uma vez, as Escolas Profissionais responderam a esse desafio, formando técnicos intermédios especializados na área do Turismo, devidamente qualificados para o ingresso no mercado de trabalho respondendo, dessa forma, à conseqüente falta de recursos humanos especializados que muitas das nossas regiões necessitam.

Os cursos profissionais na área do Turismo, nomeadamente os Cursos de Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural, são uma garantia de qualidade de certificação para os alunos que os concluem. A forma como estão estruturados os seus planos curriculares e o conjunto de competências exigidas por cada uma das áreas do conhecimento que o constituem, são o que garante que os alunos diplomados conseguem corresponder ao perfil de competências exigido pelos responsáveis educativos, e sobretudo às difíceis exigências do próprio mercado de trabalho.

Os planos curriculares destes cursos contemplam um conjunto variado de áreas do saber, essenciais para o conhecimento do futuro profissional de Turismo, que deve ter um conjunto diversificado de competências, que lhe permita desempenhar cabalmente as suas funções.

A História e a Geografia são duas dessas áreas, diferentes, mas complementares, sem os quais a atividade turística não consegue sobreviver, e que são fundamentais para a formação dos Técnicos Profissionais de Turismo.

Apesar de terem suscitado algumas dúvidas aos nossos informantes, a forma como os programas destas duas disciplinas está estruturada, acaba por ser uma garantia que estes alunos adquirem os conhecimentos suficientes para desempenhar a função de Técnicos de Turismo com a qualificação que o atual e exigente mercado de trabalho exige.

Se a esta formação, de caráter mais teórico, se juntar a experiência prática que estes alunos já possuem no final da sua formação escolar, resultante, não só, da Formação em

Contexto de Trabalho, mas também das metodologias utilizadas pelos professores no decorrer dessa mesma formação que lhe permite obter, desde muito cedo, um conhecimento razoável das paisagens e dos territórios envolventes – e é isto que distingue o ensino profissional – estes técnicos podem contribuir decisivamente para a identificação, promoção, divulgação e valorização do nosso riquíssimo património, e por consequência do Turismo, “fonte” de desenvolvimento da nossa região e do nosso país.

A formação que lhes é dada ao nível da História e da Geografia dota-os de conhecimentos e competências fundamentais para a prática profissional futura. Não se pode falar de Turismo sem falar de História e de Geografia, porque elas estão presentes em todo o território e muitas dessas regiões vivem à custa do seu passado, do seu património, da sua cultura, da sua paisagem e da sua riqueza natural.

Nos cursos profissionais da área do Turismo, a História e a Geografia são fundamentais e contribuem decisivamente para a formação do futuro técnico profissional de Turismo. Sem a formação e os conhecimentos dados pela História e pela Geografia, complementados, evidentemente, por outras áreas do saber, estes técnicos não teriam as competências e a qualificação necessárias para o desenvolvimento da sua atividade no futuro.

História e Geografia estão intrinsecamente relacionadas com a atividade turística, uma vez que as diferentes tipologias de Turismo carecem de elementos muito específicos fornecidos por estas duas disciplinas.⁵⁵ Foi essa a conclusão que retiramos do presente estudo, fundamentada não só na opinião dos nossos informantes, mas também na opinião de diversos trabalhos e autores consultados.

▪ ***A importância da geografia para o turismo***

A Geografia é considerada a ciência dos territórios, da variedade dos espaços terrestres e das atividades que neles se desenvolvem. É por esse motivo que afirmamos que o turismo está duplamente relacionado com a Geografia. Se por um lado ele é considerado uma atividade que, ao difundir-se, afeta os espaços que são alvo do estudo da Geografia, por outro,

⁵⁵ Veja-se, a propósito, quadro elaborado referente a alguns dos contributos das disciplinas de História e de Geografia para as diferentes tipologias de Turismo (Anexo 7)

ele sustenta-se na diversidade dos espaços, das culturas e dos fenómenos sociais, partilhando com essa ciência todos os seus objetivos.

A relevância que a Geografia tem para o Turismo manifesta-se na necessidade dos recursos, das atrações turísticas, do planeamento e desenvolvimento dos espaços e das atividades turísticas, recorrerem a informação de cariz geográfico. Por exemplo, os funcionários que trabalham na receção de hotéis (ou noutros espaços similares) ou ainda os técnicos de turismo reconhecem a necessidade de possuir conhecimentos aprofundados da geografia local, de maneira a poderem elucidar os seus clientes sobre as potencialidade da área abrangente e, ao mesmo tempo, orientá-los para aquilo que poderão fazer aquando da visita ao território de destino.

A Geografia é, então, vital para o estudo da atividade turística. Poderíamos enumerar alguns motivos que provam a sua inter-relação, porém um dos que consideramos fundamentais tem a ver com o facto de que o Turismo ocorre dentro de um determinado território e envolve fluxos de pessoas e atividades nos diversos espaços geográficos. Trata-se, portanto, de uma atividade que abrange e está dependente das características físicas, sociais e das inter-relações entre o território, as atividades e os indivíduos.

A OMT (Organização Mundial do Turismo) considera o turismo como:

“as atividades das pessoas durante as suas viagens e estadas fora da residência habitual, utilizando meios de alojamento colectivo ou particulares, por um período de tempo superior a um dia e inferior a um ano e desde que não exista objectivo de remuneração no local de destino.”

O fenómeno turístico é uma presença constante na sociedade moderna. Hoje em dia, é possível viajarmos para qualquer destino deste planeta. Ele é, portanto, uma atividade económica relevante, uma vez que promove e fomenta outras economias, bem como o desenvolvimento local. Tendo em conta as influências que o turismo acarreta para o território, convém destacar que a Geografia, entre outras áreas do conhecimento, tem analisado o Turismo enquanto elemento que provoca mudanças ao nível espaço-temporal.

A abordagem geográfica do Turismo tem sido alvo de várias interpretações, tendo em conta o deslocamento espacial que é feito. De acordo com Leite (2008, p.21-22), a promoção do lazer e o ato de viajar influi na natureza de diversas formas e as influências que

as viagens deixam nos destinos turísticos não só intervêm nas comunidades locais, como se prolongam nos espaços percorridos pelo turista. Na opinião dos autores Nicolas (1996, p.39-54), Hoyer (2000, p. 147-160), Becken (2002, p.114-131) e Beni (2002, p.18), para que a prática turística aconteça é necessário que haja um deslocamento geográfico, pois só dessa forma, o turista poderá consumir o produto *in loquo*. Foi, seguindo essa linha de pensamento, que Nicolas (1996, p. 40) considerou que esse deslocamento é “un terreno fértil para el analisis sociogeográfico.”

Portanto, se considerarmos o território como a base para a realização de todas as atividades diárias do ser humano e que a dinâmica de desenvolvimento da atividade acaba por se repercutir no território, teremos sempre o risco de que o turismo venha a entrar em conflito com as vontades de outros intervenientes no território (Coriolano, 2005, p.18).

A relação que se estabelece entre o Turismo e o território é aquela que desperta mais interesse na Geografia, enquanto ciência. Isso acontece, porque quer as deslocações, quer as estadas dos turistas originam alterações substanciais no modo como o território é organizado. Assim, a atividade turística, na tentativa de procurar integrar no território uma nova lógica para satisfazer os desejos e as necessidades de lazer e de consumo de uma população estrangeira, acaba por introduzir alterações nas dinâmicas sociais e espaciais do lugar.

Cruz (2002, p. 7) corroborou essa linha de pensamento ao afirmar que:

“O turismo surge como atividade económica organizada em meados do século XIX e, àquele tempo, utilizava-se, integralmente, de infra-estruturas criadas em razão de outros usos do território. De lá pra cá, entretanto, a atividade deixa, paulatinamente, de ser uma usuária passiva dos territórios para tornar-se mais em agente condicionador de seu (re)ordenamento.”

Fundamentados nesta ideia, depreendemos que o Turismo necessita sempre de um novo território e que por via de regras, nunca é aquele que se apresenta inicialmente e, por isso, exerce influências no sentido de modificá-lo. Foi, igualmente, esta a posição de Barros (1998, p. 7) ao atestar que:

“Com a difusão do uso turístico do espaço, as paisagens geográficas foram se transformando, adaptando-se, sofrendo dinâmicas decorrentes da expansão turística. Ao se difundir pela superfície da terra, a função turística instalou novos equipamentos, criou ou alterou assentamentos naquelas áreas pelas quais se interessou, remodelou relações entre estes assentamentos e o meio ambiente.”

Nesse contexto, e focalizando-nos para o facto de que o Turismo é uma atividade económica baseada no território, fomentadora de transformações no espaço geográfico e considerando, como diz Coriolano (2005, p. 21) que “a Geografia é a ciência do espaço e o turismo concretiza-se nos espaços geográficos.” torna-se clara a relevância da Geografia para a análise e o estudo do Turismo.

Atualmente, o interesse manifestado pela Geografia em estudar a atividade turística tem sido tão relevante, que encontramos nela uma subdivisão ou sub-ramo designado por Geografia do Turismo.

A Geografia do Turismo considerada como uma “sub-disciplina” ou “sub-ramo” da Geografia, surgiu nas últimas décadas, altura em que o turismo teve um aumento significativo e com ele as potencialidades dos territórios foram sendo desenvolvidas.

É importante ter em conta que o turismo é uma atividade que interfere na circulação de bens, serviços e indivíduos, razão mais do que suficiente para atestar a sua relevância e dedicarmos alguma atenção para os efeitos que ele produz no espaço geográfico.

De acordo com Nicolas (1996, p.49) o Turismo, contrariamente a outras atividades, cria, transforma e valoriza os espaços, pois estes locais não poderiam adquirir valor na lógica da produção industrial, mas poderão ser valorizados na ótica do lazer e do conhecimento ambiental: “ (...) *el turismo crea, transforma, e inclusive valoriza deferencialmente espácios que podian no tener “valor” en el contexto de la lógica de produccion*”

▪ ***A importância da História para o Turismo***

A importância da história nas atividades turísticas manifesta-se na relação entre o Turismo e a cultura, estando consequentemente associada ao “sentido do lugar” (quer em termos da ambiência, da cultura, da gastronomia, do folclore entre outros).

Torna-se, por isso, possível inferir que toda e qualquer atividade turística é produto da cultura e da história, dado que qualquer deslocação que um indivíduo faça diferente do seu

local de residência, propicia o acesso a uma valorização pessoal, fruto da aquisição de novos conhecimentos e experiências.

O Turismo fomenta a internacionalização do património e da cultura, aproximando os povos, sendo um contributo decisivo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

A Declaração da Reunião Mundial do Turismo ocorrida nos meses de julho a agosto do ano de 1982, no México, definiu a cultura em termos genéricos, mas suficientemente amplos, referindo que ela é constituída por um conjunto de características distintivas, espirituais, materiais, intelectuais e afetivas que identificam e personalizam uma sociedade ou um grupo. Este conceito abrange, não só as Artes e as Letras, mas também os modos de vida, os valores do ser humano, as tradições, as crenças, os mitos, as lendas e o património histórico/cultural, entre outros.

A procura cultural e histórica é considerada também uma atividade ligada ao turismo, pois o consumo de cultura está intrinsecamente relacionado com a prática turística.

Os monumentos históricos existentes nos territórios de destino atraem os turistas que procuram desvendar, conhecer e aprofundar os seus conhecimentos sobre a história desses espaços geográficos. Essa ideia conduz-nos à relação de proximidade existente entre a História e o património histórico com a atividade turística.

A atividade cultural, a cada dia que passa, difunde-se e reinventa-se, no sentido de procurar dar resposta adequada à demanda turística, tanto no âmbito da classificação, da preservação e da abertura de monumentos e museus, como também na organização de espetáculos, festivais, feiras e exposições.

É importante frisar que o património histórico/cultural não se esgota na urbe, pois existem outros locais de destino que fazem as delícias de muitos turistas que optam por conhecer os espaços rurais, como é o caso das romarias e festas populares ou religiosas, as casas, quintas e solares típicos, a sua gastronomia e o tipo de artesanato, que é feito nessas localidades, entre outros elementos.

A história do turismo manifesta-se, então, na curiosidade e na procura do legado cultural e histórico que é capaz de despertar nos turistas. Assim, e de acordo com o pensamento dos autores Goeldner e McIntosh, (1990, p. 191) o Turismo Cultural e Histórico

“cobre todos os aspectos através dos quais as pessoas aprendem sobre as formas de vida e pensamento umas das outras.” Nesse contexto, a Carta de Turismo Cultural de ICOMOS – International Council on Monuments and Sites (1976) destaca a pertinência da atividade turística, não só ao nível social, mas também ao nível humano, económico e cultural. Ela define o Turismo Histórico como:

“form of tourism whose object is, among other aims, the discovery of monuments and sites. It exerts on this last a very positive effect insofar as it contributes – to satisfy its own end-to their maintenance and protection demand of the human community because of the socio-cultural and economic benefits which they bestow on all the populations concerned.”

É com base nesta definição que a UNESCO apela à prática de um Turismo que promova e fomente o encontro com a História e a Cultura, mas também incita à preservação do património histórico e cultural dos locais de destino.

Segundo McKercher e Cros (2002, p.20), o Turismo Histórico-Cultural abarca quatro conceitos relevantes:

1. Turismo: A importância do Turismo enquanto atividade económica deve ser reconhecida, ainda que, alguns turistas estrangeiros não se preocupem com os esforços envidados por forma a garantir a manutenção e a gestão dos espaços turísticos. O que importa ressaltar é que o turismo não pode negligenciar o impacto que a história, a cultura e o seu consumo exercem nos espaços geográficos.
2. Uso adequado do património cultural: O objetivo fulcral do seu uso é manter a identidade e, ao mesmo tempo, preservar o valor histórico de cada área, não descurando a ideia de que os turistas são, igualmente, utilizadores desses mesmos espaços.
3. Consumo de vivências culturais e históricas: Hoje em dia, o turista que procura conhecer a História e a cultura de um local também deseja experimentar as várias vivências. Logo, torna-se inevitável e imprescindível transformar o consumo em produtos de teor histórico-cultural.

4. O turista: A decisão sobre qual o destino eleito por ele pressupõe um bom conhecimento das informações necessárias, de maneira a cultivar a sua curiosidade e espírito de iniciativa.

O Turismo Cultural na perspetiva de Swarbroocke (2000, p. 35) é considerado “como um turismo sensível, suave e inteligente”, que faz bom uso dos recursos dos setores público e privado, sendo que esses recursos abrangem os locais, eventos, gastronomia, história, arte e cultura de uma determinada comunidade.

Se analisarmos a inter-relação que se estabelece entre o património e o Turismo, verificamos que a indústria do Turismo usufrui do património histórico para fomentar um desenvolvimento económico e social sustentável. Trata-se, conseqüentemente, de um fenómeno que gera postos de trabalho, revitaliza locais muitas negligenciados responsáveis governativos e pelo avanço temporal, podendo ainda contribuir para os custos da sua preservação, tendo como base as receitas arrecadadas.

Presentemente, as atrações culturais têm vindo a ser consideradas elementos vitais para os destinos turísticos. O planeamento e a gestão contemporânea terão que incluir o turista como um visitante que goza de uma certa relevância, no sentido de maximizar os potenciais benefícios e a sua própria satisfação.

A cultura e a História assumem-se cada vez mais como fontes de lazer, como alternativas para a ocupação dos tempos livres. Atualmente, como já referimos, para os turistas visitar lugares e apreciar paisagens é relegado para segundo plano, pois o que eles reconhecem e procuram com avidez é adquirir um conhecimento profundo da história e da cultura do local a visitar. Nessa linha de pensamento, Maximiano (2006, p. 383) destaca a necessidade de se compreender a cultura e a história locais, uma vez que elas “representam a moldura através do qual os fatos, objetos e pessoas são interpretados e avaliados.”, para além de proporcionar maior autenticidade ao Turismo local.

Em síntese, podemos afirmar que o presente trabalho correspondeu satisfatoriamente aos objetivos iniciais propostos. Algumas questões poderiam ter tido outras conclusões, no

entanto, a metodologia escolhida para a recolha de informação sobre a temática, dada a sua subjetividade, comporta sempre o risco de algo mais ficar por dizer.

Apesar desta situação, os dados recolhidos podem ser um princípio, um ponto de partida para outras investigações futuras nesta área.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, L. A. (2001). O Ensino na segunda metade do século XIX. *Revista da Faculdade de Letras, Vol.2*, 53-92. Porto.
- ANESPO. (2011). *Anuário das Escolas Profissionais -2011-2012*. Lisboa: Anespo.
- Azevedo, C. M., & Azevedo, A. G. (2008). *Metodologia Científica: Contributos Práticos Para a Elaboração de Trabalhos Académicos*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Azevedo, J. (1991). *Educação Tecnológica - Anos 90*. Lisboa: Edições Asa.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, N. C. (1998). *Manual de Geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens*. Recife: Editora Universitária de UFPE.
- Becken, S. (2002). Analysing international tourist flows to estimate energy use associate with air travel. 114-131.
- Beni, M. (2002). *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Editora Senac.
- Bogdan, R., & Bilken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrónica dos Pós-Graduados em Sociologia Política da UFSC*, pp. 68-80.
- Brás, J. V., & Gonçalves, M. N. (2009). Os saberes e Poderes da Reforma de 1905. *Revista Lusófona de Educação*, pp. 101-121.
- CEDEFOP. (1999). *O Sistema de Formação Profissional em Portugal (2º Edição ed.)*. Luxemburgo: Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.

- Cerqueira, M. d., & Martins, A. M. (2011). A consolidação da Educação e Formação Profissional na Escola Secundária nos últimos 50 anos em Portugal. *Revista Lusófona da Educação*, pp. 123-145.
- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (1996). *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas.
- Coriolano, L. N. (s.d.). *Turismo e Geografia: abordagens críticas*. Fortaleza: UECE.
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.
- Cruz, R. d. (2002). *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Contexto.
- Cruz, R. d. (2003). *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Editora Roca.
- Cunha, L. (2001). *Introdução ao Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Educação, C. N. (2012). *Estado da Educação - 2012: Autonomia e Descentralização*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência.
- Educação, M. d. (2007). *Programa da disciplina de História da Cultura e das Artes - Ensino Profissional*. Lisboa: Direção Geral de Formação Vocacional.
- Educação, M. d. (2007). *Programa da disciplina de Geografia - Ensino Profissional*. Lisboa: Direção Geral de Formação Vocacional.
- Fortin, M. F. (2003). *O Processo de Investigação-Da Concepção à Realização*. Loures: Lusociência.
- Fraser, M. T., & Gondim, S. M. (2004). *Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa*. Paidea, 14.
- GETAP. (1993). *Estrutura Modular nas Escolas Profissionais*. Porto: Ministério da Educação.

GETAP- Gabinete de Educação Tecnológica, A. e. (1992). *Estrutura Modular nas Escolas Profissionais - Quadro de Inteligibilidade*. Porto: Ministério da Educação.

Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Goeldner, C., & McIntosh, R. (1990). *Turismo: princípios, práticas e filosofias*, 23-191. Porto Alegre: Bookman.

Gomes, J. F., Fernandes, R., & Grácio, R. (1988). *História da Educação Em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.

Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln, *Handbook of qualitative research* (pp. 105-116). London: Sage.

Guerra, I. C. (2008). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia Editora.

Henriques, C. (2003). *Turismo Cidade e Cultura: Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa: Eduções Sílabo.

Hoyer, K. G. (2000). Sustainable Tourism or sustainable mobility? The Norwegian case. *Journal of Sustainable Tourism*, pp. 147-160.

ICOMOS. (1976). *Charter of cultural tourism*. Obtido em 1 de setembro de 2014, de http://www.icomos.org/tourism/tourism_charter.html

Leite, N. (2008). *Turismo e Território: Um estudo sobre a Turistificação de Portimão a partir da Geografia - Tese de Mestrado em Geografia*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Lisboa.

Manzini, E. J. (2004). *Entrevista Semiestruturada: Análise de objetivos e roteiros*. Obtido em 16 de setembro de 2014, de <http://www.sepq.org.br/IIsiquep/anais/pdf/gt3/04.pdf>

Marujo, M. N., & Cravidão, F. (2012). Turismo e Lugares: uma visão geográfica. *Revista de Turismo y Património Cultural*, pp. 281-288.

- Maximiliano, A. C. (2006). *Teoria Geral da Administração: da revolução urbana à revolução digital*. São Paulo: Atlas.
- Mckercher, B., & Cros, H. d. (2002). *Cultural Tourism - The Partnerships Between Tourism and Cultural Heritage Management*. New York: The Haworth Press.
- Nicolás, D. H. (1996). Elementos para um análisis sociogeográfico del turismo. In A. Rodrigues, *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais* (pp. 39-53). São Paulo: HUCITEC.
- Oliveira, A. A. (2010). Revista FAVEVV,4. *Observação e Entrevista em Pesquisa Qualitativa*.
- Palma, J. B. (2008). As Políticas Relativas ao Ensino Técnico Durante o estado Novo. In N. F. Cunha, *Pedagogia da Educação em Portugal : Séculos XX e XXI* (pp. 81-99). Vila Nova de Famalicão: 7 Dias e 6 Noites-Editores Unipessoal, Lda.
- Palma, J. B. (2008). As Políticas relativas ao Ensino Técnico rurante o Estado Novo. In N. F. da Cunha, *Pedagogia e Educação em Portugal Séculos XX e XXI* (pp. 83-89). Vila Nova de Famalicão: 7 dias 6 Noites - Editores Unipessoal, Lda.
- Pereira, V. A., & Lima, M. d. (2010). *A Pesquisa Etnográfica: Construções Metodológicas de uma investigação*. Obtido em 15 de setembro de 2014, de <http://.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT 02 15 2010.pdf>
- Pinto, A. L., Meireles, F., & Cambotas, M. C. (2008). *História da Cultura e das Artes: Ensino Profissional -Nível 3*. Porto: Porto Editora.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Santos, L., & Ponte, J. P. (2002). *A Prática Letiva como atividade de resolução de problemas: Um estudo com três professores do Ensino Secundário*. Quadrante.
- Silva, E. L., & Cunha, M. V. (2002). Brasília V. *A Formação Profissional no Século XXI: desafios e dilemas*.

Sousa, A. B. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor- Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.

Stoer, S. (1982). *Educação, Estado e Desenvolvimento em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.

Swarbrooke, J. (2000). *Turismo sustentável : turismo cultural, ecoturismo e ética*. São Paulo: Aleph.

Tomita, L. M. (1999). *Trabalho de Campo como Instrumento de Ensino em Geografia*. Geografia.

Vergara, S. C. (1997). *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas.

Vieira, J. M. (2007). *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo: uma perspectiva estratégica*. Lisboa: Editorial Verbo.

Yin, R. K. (1994). *Case Study Research: Design and Methods*. London: Sage.

LEGISLAÇÃO DE REFERÊNCIA

Lei nº 5/73, de 5 de julho

Despacho Normativo nº 194-A/83, de 21 de outubro

Lei nº 46/86, de 14 de outubro

Decreto-Lei nº 26/89, de 21 de janeiro

Decreto-Lei nº 4/98, de 8 de janeiro

Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de março

Portaria 550-C/2004, de 21 de maio

Portaria nº 256/2005, de 16 de março

Portaria nº 1288/2006, de 21 de novembro

Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de fevereiro

Decreto-Lei nº 139/2012, de 5 de julho

Decreto-Lei nº 176/2012, de 2 de agosto

Decreto-Lei nº 91/2013, de 10 de julho

ANEXOS

ANEXO 1 - GUIÃO DA ENTREVISTA AO PROFESSOR A

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Mestrado de Habilitação para a Docência

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM INFORMANTE QUALIFICADO

(PROF.A)

Durante prevista da entrevista : 30 minutos

Duração real da entrevista: 25m 26s - 4m 05s

Local: EP1

Data: 15/08/2014 e 19/09/201

Estratégia de execução da entrevista: gravação de áudio

Meios utilizados: gravador de áudio, esferográfica e caderno de registo

Objetivo Geral: Recolher a opinião do entrevistado acerca dos Cursos Profissionais na área do Turismo, aferindo se a disciplina **de História e Cultura das Artes** é fundamental e contribui para a formação do futuro técnico profissional de turismo.

Objetivos específicos	Elementos para a orientação das informações e das questões
1. Legitimar e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">- comunicar que os dados de opinião recolhidos no decurso da entrevista serão apresentados de forma anónima.- informar o informante sobre os assuntos da entrevista e os objetivos da mesma.- solicitar a colaboração na reflexão sobre os assuntos em questão, visto ser um conhecedor do problema em estudo.
2. Recolher dados sobre o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none">- idade?- formação académica?- formação profissional?- nº de anos de serviço?- nº de anos de experiência no ensino profissional?- nº de anos a lecionar a disciplina de História da Cultura e das Artes?

	(HCA) - cargos desempenhados no ensino?
3. Recolher dados sobre os cursos de Turismo no contexto das Escolas Profissionais.	- o que pensa do ensino profissional em Portugal? - o que gostaria de ver alterado no ensino profissional em Portugal? - que perspectivas tem para este tipo de ensino? - os cursos de turismo (Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural) são importantes para o desenvolvimento local/regional? De que maneira?
4. Recolher dados sobre a importância da disciplina para o futuro técnico de turismo	- como vê o ensino da HCA nesta área profissional? - qual a importância da disciplina HCA, para estes profissionais? - refira os aspetos fundamentais na disciplina (HCA) para o exercício da atividade turística (tendo em conta o perfil de competências dos alunos)? - o programa da disciplina está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros técnicos de turismo? - se tivesse que fazer alterações no programa, para corrigir eventuais falhas, quais as que faria? - pensa que os seus alunos, enquanto futuros técnicos de turismo, no final curso saem com formação suficiente (conhecimentos necessários) na área de história? (- se não, que formação deveria ser feita futuramente)
5. Recolher dados sobre (problemas de) a aprendizagem	- acha que as metodologias utilizadas nas aulas vão de encontro às necessidades dos alunos? - em que medida o conhecimento da realidade local é importante? - que atividades práticas são feitas no âmbito da disciplina, de forma a (melhor) preparar os alunos para uma mais fácil integração na “vida ativa” (pedir exemplos) - quais os principais problemas que identifica na aprendizagem da sua disciplina? - que soluções sugere para esses problemas?
6. Verificar se sobre o assunto tem algo mais a dizer.	- gostaria de dizer mais alguma coisa sobre este assunto?
Agradecer a entrevista	- agradeço a sua colaboração

ANEXO 2 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO PROFESSOR A

ENTREVISTA REALIZADA AO PROFESSOR A

Data de realização da entrevista: 15/08/2014 às 17.15 h

Duração da entrevista: 25m 26s

Local. Benavila (Avis)

E: Bom, boa tarde “A”, aaah...é assim...o objetivo desta, desta, desta entrevista prende-se recolher a tua opinião acerca dos cursos profissionais na área do turismo, aferir se a disciplina de História da Cultura e das Artes é fundamental e contribui para a formação do futuro técnico profissional de turismo. Portanto a informação recolhida desta entrevista, os dados recolhidos vão ser anónimos, vão ser apresentados de forma anónima, e a informação que se pretende recolher fará parte de um trabalho académico, uma tese de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo e Ensino Secundário. Os assuntos que vamos abordar ao longo desta entrevista, estão relacionados com alguns dados biográficos relativamente ao informante ou ao entrevistado, portanto neste caso ao “A”, aaah...abordar também assuntos sobre a importância dos cursos de turismo nas escolas profissionais e as perspetivas para este tipo de ensino, a importância da disciplina de história para o futuro técnico de turismo e à aprendizagem “em si” no decorrer ...enfim...das aulas da disciplina de história...aah, vamos então começar?

E: aaah...a idade?...qual é, qual é a tua idade?

A: 53

E: a formação académica?

A: portanto...é...sou Licenciado em História com formação educacional e tenho uma Pós-Graduação em Museologia e Património

E: aaah..., quantos anos...quantos anos de serviço tens?

A: 16

E: neste tipo de ensino, quantos anos de experiência já possuiis?

A: portanto são quinze neste tipo de ensino e um no ensino...diria...secundário não profissional.

E: aaah...quantos anos a lecionar já a disciplina de História da Cultura e das Artes?

A: ora deixa ver...quantos anos a lecionar a disciplina...de História da Cultura e das Artes...porque o Turismo Ambiental e Rural antes tinha história...eu penso que para aí seis, sete anos, não tenho a certeza absoluta agora, deve ser mais ou menos isso.

E: portanto além da, além da função, digamos assim, de docente, quais foram os outros cargos que,... que desempenhaste?

A: portanto eu desempenhei...

E: no ensino..

A: aah...o de Diretor de Turma

E: ok!, bom, passamos então aqui a um terceiro aspeto, a um terceiro objetivo...o que pensas do ensino profissional em Portugal?

A: é assim, o ensino profissional em Portugal no essencial é bom, é positivo que exista ensino profissional em Portugal...eu sou, tenho, sou crítico de algumas das práticas do ensino profissional em Portugal aah...penso que muitos dos conteúdos do ensino profissional em Portugal em praticamente todos os cursos são...são, não diria uma cópia ou uma redução do ensino superior, aah... e nem sempre têm uma ligação ao mercado de trabalho tão forte quanto aquilo que eu... que eu... que eu achava que devia ter, apesar de terem alguma, é evidente...é evidente que têm alguma, alguma ligação, mas são ...é um ensino que tem futuro e penso que deverá ser melhorado...e que já começou a desempenhar algum papel importante em relação ao mercado de trabalho, basta ver os dados que o Ministério da Educação divulga, em que os alunos que saem do ensino profissional têm muito mais hipóteses de entrar no mercado de trabalho do que aqueles que seguem a via...a via do ensino dito normal, mais científica, mais humanística, etc., etc.

E: ok!, se pudesses o que é que gostarias de ver alterado no ensino profissional em Portugal?

A: no seguimento daquilo que eu disse...seria talvez ...uma ligação mais forte ao mercado de trabalho, no sentido em que devia de haver uma maior ligação institucional entre as escolas e portanto...neste caso, hotéis, empresas...uma ligação mais forte...não é?, não é que ela não exista, não é?...mais formalizada, que responsabilizasse as duas partes...em termos de colaboração e de forma a facilitar a entrada nesse mercado de trabalho. É evidente que o tecido empresarial português não é...não é o alemão, nem é o francês e portanto tem as suas deficiências também e...e talvez existisse a possibilidade de haver uma ligação...ao mundo empresarial exterior mas isso já é uma coisa muito...muito ambiciosa e já é mais difícil de concretizar por enquanto.

**

E: os cursos de turismo, e portanto quando falo aqui em cursos de turismo, nomeadamente o curso de Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural, são importantes para o desenvolvimento local e regional?

A: sem dúvida!, especialmente o Turismo Ambiental e Rural, embora o primeiro também o seja, porque é uma zona que tem uma potencialidade turística muito, muito grande, sobretudo ao nível do património cultural e da paisagem e também da época do vinho...dos vinhos e portanto é muito importante este tipo de curso. Este tipo de curso aliás, mas especialmente o Ambiental e Rural, acho que sim, é de grande importância não só para a ...para a....pelo facto de poder vir a qualificar o mercado de trabalho aqui na região com técnicos que tiram um curso de quatro...de três anos, um curso de nível 4, até porque existe essa deficiência a nível regional de...de ...desse tipo de pessoas...desse tipo de qualificações, de forma a identificar o património, do divulgar, do promover e...portanto é importante que exista esses cursos, especialmente o segundo.

E: passando então à disciplina de História em concreto, como vê o ensino da História da Cultura e das Artes nesta área profissional?

A: é assim...eu acho que é importante a disciplina de História , chame-se ela História ou História da Cultura das Artes, acho que o nome é muito bonito, História da Cultura e das Artes...é muito interessante e ...teoricamente , ou em termos abstratos está perfeitamente ligada ao curso de turismo...porque é um nome que tem a ver com o turismo, até porque o curso de turismo tem uma parte, neste caso o curso de Turismo Ambiental e Rural, sobretudo, acho eu, tem uma parte que muito mais ligada ao turismo ao património cultural e á natureza também , que é o património natural e cultural e portanto o...a disciplina em si é importante....aaah, não sei se te posso já...a forma como os conteúdos estão...estão...estão no programa e está nos livros que servem de suporte ao ensino, já não é...já não são os melhores...

**

E: quais são os aspetos fundamentais na disciplina de História da Cultura e das Artes para o exercício da atividade turística?

A: é assim...como...como é um curso com...com uma disciplina...tem como referências o património cultural e sobretudo o património histórico, quer a história em termos de contextualização e depois as diversas formas de arte, a arquitetura, a pintura, a escultura, etc., é evidente que são, são meios, são recursos excecionais para se fazer turismo cultural, isso é evidente. Nesse sentido é positivo.

E: pronto, já falamos aí há pouco de certa forma nos conteúdos...no teu entender o programa da disciplina está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros técnicos de turismo ou não?

A: se o professor não tiver uma atitude pró-ativa de forma a que os alunos tenham um contacto mais direto com o património em si, quer diretamente no terreno, quer através de recursos como...como o *PowerPoint*, como imagens, filmes, etc, o programa, a forma como ele está estruturado, se nós o seguissemos... e...não está bem, não está bem estruturado, aliás nós pegamos num livro, as referências dos módulos são a Cultura da Ágora, a Cultura do Senado, a Cultura do Mosteiro, etc., etc., que servem de ponto de partida, mas depois pegamos nos suportes de apoio, nomeadamente os livros e eles são bastante confusos...têm... ..antes de se falar de arte tem que se falar do contexto histórico e os livros, nos livros as formas como estão escritos...

E: o próprio programa?

A: o próprio programa e os livros que o suportam é...muito confuso ...nalguns deles...eu preferia o método mais...o método mais do tipo...fazia-se uma boa contextualização histórica do período ...quer do grego, quer...quer medieval...quer etc., etc....e depois passava-se para a arte, para a arquitetura, para a escultura e aqui...está...tem uma ligeira referência no princípio à contextualização histórica no princípio muito pequena, muito curta, e depois começa-se a falar de arte...é evidente...de arte e de cultura...é evidente que para mim há...eu não consigo distinguir arte da cultura mas eles no livro separam aliás, o próprio nome separa...o que eu acho uma aberração...tem que se muitas fazer, ...ser criativo e procurar criar ideias próprias, em conjunto com os alunos para conseguirem que os conteúdos sejam...os objetivos sejam atingidos, os conteúdos sejam...sejam dados como deve ser e depois ainda por cima tem um problema...tem um problema...há muito pouca referência ao património cultural português, à arte portuguesa...

E: hum!hum!...

A: inclusive à própria história de Portugal... praticamente não fala na história de Portugal...no meio disto tudo e há referências muito reduzidas ao património cultural português.

E: então isso é assim...falando de alunos de turismo, que em princípio...que em princípio se pretende que os técnicos de turismo, digamos assim, que em princípio se pretende que comecem a exercer a sua atividade profissional de preferência na...na região onde são formados, existem graves lacunas? a)

A: existem, nos livros sobretudo, depois o que é que se pode fazer? E o que é que eu faço? As aulas...algumas imagens e alguns conteúdos que não estão no livro, ou vou busca-los à história de Portugal, por outro lado as visitas de estudo, aproveito-as ao máximo, que sejam feitas aqui na região...por exemplo, a Torre de Palma, a Estação Arqueológica para a Cultura do Senado...Marvão no caso da Cultura do Mosteiro, porque o Mosteiro é uma referência, mas depois existe toda a arquitetura medieval e arte medieval...tenho um caso que eu acho muito interessante que é o Museu de Arte Contemporânea de Elvas, que permite realmente no módulo da Cultura do Cinema e da Cultura da Arte Virtual, visto que é um museu de arte contemporânea e uma arte muito especial, é uma grande ajuda que eu tenho neste momento para esses dois ...esses dois módulos, portanto, é por aí que eu conto...que eu tento que ir e depois através de textos, de imagens, discussões, de análises dentro da própria sala de aula, e portanto é por essa via e alguns trabalhos, como por exemplo visitar um castelo, visitar um mosteiro, visitar um museu e a partir daí criar o próprio panfleto promocional, primeiro de identificação e depois de promoção desse património...que estava...que foi dado, que serviu de referência, por exemplo ao módulo de Cultura do Mosteiro, da Cultura do Senado, etc.

E: hum-hum!...então pronto já estou a ver que...que é entendimento que o programa tem algumas lacunas...se tivesses que fazer algumas alterações no programa para corrigir essas falhas que acabaste, de certa forma, de enumerar, o que é que farias, quais eram as alterações que farias?

A: para já vinha mais atrás no tempo histórico, não começava com a Cultura da Ágora e com a Grécia, começava no mínimo no Neolítico, ou seja, até porque existe na região monumentos megalíticos e outras...outro espólio muito interessante que se devia ...evidentemente...ser ...ser falar-se dessa fase, desse período histórico e depois então passar para a Grécia, que para mim tem muito pouca importância para o turismo em Portugal, a não ser que estejamos a formar, e também estamos, porque é um curso de nível europeu, não é?, e aí é importante falar da Grécia,...começava logo por aí, começava por contextualizar muito mais os períodos históricos, há muito pouca referência à “história em si”, à história económica, à história social, à história política...há muito pouca referência e só,...muitas vezes só a partir daí se percebe o resto, não é?, eu não posso explicar o gótico sem falar da história política e da história social...quer dizer...e praticamente não existe nada sobre isso, portanto...contextualizava mais, falava mais de “história-história” e depois continuava com a parte artística, a parte cultural, embora a “história-história” também tenha muito a parte cultural, sem dúvida.

E: aaah...pensas que os futuros...que os alunos enquanto futuros técnicos de turismo no final do curso saem com formação suficiente, isto é, com os conhecimentos necessários na área de história?

A: eu penso que apesar de...

E: ou seja...as competências adquiridas são suficientes ou não?

A: é assim, eu penso que apesar da crítica...das criticas que estou a fazer, se eu como professor fugir um bocadinho do programa ou então adaptar o programa ou as técnicas que ele usa ao programa de forma diferente e não esquecendo que eles têm que fazer uma Prova de Aptidão Profissional e que muitas destas Provas de Aptidão Profissional passam por...o ter conhecimento de alguns conteúdos relacionados com a História da Cultura e das Artes eu penso que acabam por conseguir...no essencial acho que sim...mas podiam estar melhor preparados, sem dúvida.

E: portanto essa...essa...esse...esse *deficit* digamos assim, de formação pode ser em parte imputado, digamos assim, ao programa em si? (a)

A: em parte sim, em parte sim!... porque, por muito que agente tente fugir dele, portanto...por muito que nós tentemos ser criativos e alterar um bocadinho as coisas, o programa é aquele

E: pois...e tem que ser cumprido..

A: tem que ser cumprido!

E: relativamente aos problemas, enfim, à aprendizagem em si digamos assim, dos alunos, achas que as metodologias utilizadas nas aulas vão de encontro às necessidades dos alunos?

A: é assim...eu tento que isso aconteça, até porque os alunos não são todos iguais, não é?, não têm os mesmos gostos, não têm...ou não vêm com a mesma formação, quer na área de História quer noutras áreas como o Português, que é importante para a História também, portanto tento adaptar circunstancialmente os ...métodos...portanto a eles, a grupos de alunos e aos próprios alunos no seu conjunto, a motivá-los de forma a que eles gostem, não é?...

E: estimulando as pesquisas, a análise de...

A: trabalhos em grupo de forma a que alguns até puxem por outros e que.....pesquisa, algumas técnicas em que utilizo recursos como excertos de filmes, documentários que até se tiram da Net, imagens que se tiram do youtube, quer dizer tudo o que é possível...e é evidente identificar os problemas, alguns deles até pessoais que afetam a forma, a aprendizagem, e tentar utilizar algumas técnicas motivadoras de forma a que eles ganhem interesse pela disciplina e pelo curso.

E: portanto é uma metodologia, digamos assim, centrada no próprio aluno? a)

A: exatamente, exatamente, tem que ser centrada no próprio aluno, aliás o ensino profissional e o ensino de hoje é muito mais...é isso...tem que ser isso...no futuro de forma a que eles criem autonomia, de forma a que eles sejam pró-ativos e isso passa também por este tipo de disciplina

E: em que medida o conhecimento da realidade local pode ser importante ou é importante para estes alunos enquanto futuros...futuros técnicos de turismo?

A: é importante no sentido em que...em que eles sendo residentes aqui, o mercado de trabalho em parte está aqui, aliás o distrito de Portalegre tem potencialidades enormes na área do turismo e é evidente que eles têm que conhecer a realidade local, e eu faço tudo para que isso aconteça, a maioria das visitas são aqui feitas, são feitas aqui, como em Marvão, são feitas em Avis, são em Elvas...são....

E: eu seguiria já por aí...que atividades práticas são feitas no âmbito da disciplina a melhor preparar, digamos assim, os alunos para uma mais fácil integração na vida ativa?

A: por exemplo, as visitas...as visitas de estudo que são feitas, quer ao Museu de Arte Contemporânea de Elvas, quer ao Castelo de Marvão, quer à zona histórica de Avis, são feitas no sentido de...- vamos lá a ver se eu consigo explicar muito bem...no sentido de eles visitarem e ao mesmo tempo desempenharem o papel de futuros guias turísticos, ou seja, eles depois têm que fazer não propriamente um relatório, mas algo que identifique e promova aquilo que eles tiveram a visitar...portanto esse é um exemplo...

E: essas atividades práticas são... são suficientes, são as possíveis...?

A: são suficientes...quer dizer...há uma outra que é feita esporadicamente mas que possivelmente terá que ser mais vezes feita e que é tipo um *pady-paper* cultural...eu dou-te um exemplo...eles por exemplo, são obrigados antecipadamente a estudar o meio, depois com a ajuda de um mapa vão fazer eles o percurso e vão identificando os principais aspetos culturais, neste caso de património histórico, que servirão futuramente para os turistas seguirem aquele percurso. Portanto, eles visitam tudo, mas depois selecionam, identificam aquilo que visitaram de mais importante e têm que fazer um guião da visita, outros embora não o façam diretamente, na sala vão ter que fazer uma espécie de projeto que identifique o mais importante, será com placas, será com...com mapas só, etc., etc...é coisas deste género...não sei se estou a ser muito claro, mas...

E: sim, sim, sim.....quais os principais problemas que identificas na aprendizagem da disciplina de História?

A: um, um dos principais problemas é a falta de gosto de alguns deles e...há pessoas, há alunos que gostam imenso de História e há outros que detestam a História e é aí que funciona o ensino diferenciado é aí que tem que funcionar o ensino diferenciado, porque é preciso motivá-los, visto que eles têm...eles têm...eles têm que “marrar”, por assim dizer, têm que estudar sempre, é impossível aprender história e saber história sem estudar, sem ler, levá-los a isso é que às vezes é difícil e por isso...por isso, se procuram textos interessantes e que façam com que eles gostem de os ler...

E: exatamente...

A: que os gostem de interpretar....

E: eu perguntaria, na sequência do que estás a dizer, que soluções sugeres para esse...para colmatar, para tentar minimizar, digamos assim, esse tipo de problemas?

A: olha...uma dessas soluções é fazer uma exposição teórica, que é uma coisa que no ensino nem sempre é muito bem aceite, mas clara, simples, concisa e até com alguma alegria...com gestos, etc., etc., de forma a que eles gostem daquilo que eu estou a dizer, depois a seguir associar os excertos de um documentário, ou de um filme que tenha a ver com aquela matéria que eu tive a expor, depois um texto também e metê-los a discutir aquilo, inclusive fazer um relatório do filme...discutirmos todos o mais importante daquele filme, se é que ele era importante...

E: a análise....?

A: e depois fazer uma análise de textos também de forma pró-ativa em que não falem todos ao mesmo tempo é evidente, mas que um tire uma conclusão, outro tire outra conclusão e depois chegarmos ao fim e chegarmos a um acordo e chegarmos à interpretação final...e pronto é um pouco por aí...

E: bom estamos a chegar ao fim desta...desta pequena conversa, gostarias de dizer mais alguma coisa sobre...sobre esta temática, sobre este assunto, ou sobre algum dos assuntos...enfim, que tiveram aqui a.....

A: eu...gostaria de falar sucintamente do programa em si, acho que era altura de se repensar, visto que este programa foi retirado dos cursos...do curso de Artes Visuais e Ensino Artístico e outro que é o Ensino Artístico Especializado, que se deveria fazer uma adaptação ao Curso de Turismo e portanto...voltando à ideia anterior, que se tem de falar um bocadinho mais de “história-história” ou seja mais do tempo histórico, mais dos factos políticos, económicos e sociais e depois partir para a arte, para a cultura, embora aqui os factos sociais e políticos, a cultura propriamente dita...sei lá, o que é a cultura aqui para eles, algum pensamento

filosófico, por exemplo, de época, também história...e intercalar tudo isto de uma forma mais concisa, quer dizer, isto está desligado, não tem muitas vezes nexos, temos que estar à procura, às vezes olha-se para o livro e no meio de um módulo há matéria que devia ter sido começada a dar no princípio, e recuam no tempo histórico. É evidente que tem que se ir à pré-história nem que seja de forma sucinta, devia haver um módulo sobre pré-história. O distrito de Portalegre é tão rico, e Portugal, em pré-história e não há sequer uma referência...e porquê? Porque o curso de Artes Visuais e Ensino Especializado não tem nenhum interesse em falar de pré-história por exemplo, nem do neolítico e eles não fizeram nenhuma alteração nesse sentido.

E: bem, portanto podemos dizer que o programa não está, aliás está muito pouco adaptado, digamos assim, a um curso

A: não diria muito pouco, mas tem muitas deficiências em relação à adaptação que deveria ter para o curso de turismo, quer de Turismo, quer de Turismo Ambiental e Rural...na minha opinião.

E: ok...pronto resta-me agradecer a colaboração, enfim, prestada... e obrigado.

A: nada, foi um prazer, obrigado eu também por aprender alguma coisa.

a) questões não previstas no guião

ENTREVISTA REALIZADA AO PROFESSOR A

Data de realização da entrevista: 19/09/2014 às 17.30 h

Duração da entrevista: 04m 05s

Local. Benavila (Avis)

E: boa tarde “A” novamente, peço desculpa por estar a pedir novamente a tua colaboração para...para, enfim, para o trabalho que estou a realizar, mas no seguimento da primeira entrevista que efetuamos, surgiram aqui...surgiram-me aqui algumas questões que eu gostava de ver ...de ver, enfim, esclarecidas. A primeira é relativamente ao ensino profissional em Portugal, ou seja, que perspetivas tens para este tipo de ensino?

A: aaah..., se os critérios, ou seja, o ponto de partida melhor dizendo, for...forem os atuais, é evidente que elas não são muito boas, visto que o ensino na sua totalidade não está...não está a ter a atenção devida e evidentemente que o ensino profissional também, devia de haver uma melhor atenção da parte do Ministério da Educação e do Ministério da Segurança Social e do Emprego também de forma a que o ensino profissional tivesse mais verbas, tivesse outros apoios e outras orientações pedagógicas e científicas, de forma a que o ensino funcionasse melhor e com mais condições, inclusive melhores condições também financeiras, de qualquer maneira eu penso que sem ensino profissional no futuro, aaaaah...o mercado de trabalho irá sofrer as suas devidas consequências e é evidente que, eu espero que possa haver um recuo da parte das entidades competentes em relação à dedicação que devem dar ao ensino profissional

E: e agora ainda mais...mais complicado se torna, com o aparecimento do ensino vocacional, não é?

A: sem dúvida, porque é um ensino experimental, porque é um ensino que é copiado de um sistema diferente do nosso, que penso é o alemão, aaah,... não me parece que seja um ensino profissional muito aprofundado, apesar de ter uma parte, uma componente aliás, prática aparente forte, mas tenho algumas dúvidas em relação a esse tipo de ensino, por enquanto.

E: uma outra dúvida que me surgiu aqui, portanto tem a ver com a História da Cultura e das Artes em concreto, é qual a importância, no teu entendimento claro, qual a importância da disciplina de História da Cultura e das Artes para estes profissionais, portanto, enquanto técnicos de turismo?

A: portanto eu já, penso que já tinha feito uma referência mais ou menos, não sei se direta se indireta em relação aquilo que irei dizer agora...eu penso, eu penso que evidentemente... é evidente que nos cursos de turismo, seja o Ambiental e Rural seja o de Turismo em termos gerais, a disciplina de História é sempre importante porque a componente cultural e a componente da identidade deve fazer parte sempre da formação de qualquer técnico de turismo visto que, para já tem que ser uma pessoa culta, e a história está associada à cultura como disciplina logo só por si, é evidente que outras também terão, mas a história é importantíssima nesse aspeto, e depois porque a vertente cultural do turismo passa muito pelo ensino da história, pelo conhecimento da história e pelo...pelo que a história pode dar em termos de realidade, em termos de prática, de terreno, eles por assim dizer como guias turísticos, pode, pode utilizar para ajudar melhor os turistas a compreender melhor o património cultural e a história local... é isto...

E: um técnico de turismo sem conhecimentos em História, enfim, será um técnico de turismo limitado, digamos assim... não é?

A: sem dúvida, sem dúvida.

E: ok!, pronto, mais uma vez muito obrigado pela colaboração, aaah...pronto e os meus agradecimentos.

ANEXO 3 - GUIÃO DA ENTREVISTA AO PROFESSOR B

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS Mestrado de Habilitação para a Docência

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM INFORMANTE QUALIFICADO

(PROF.B)

Durante prevista da entrevista: 45 minutos

Duração real da entrevista: 31m 46s – 2m 46s

Local: EP2

Data: 11/09/2014

Estratégia de execução da entrevista: gravação de áudio

Meios utilizados: gravador de áudio, esferográfica e caderno de registo

Objetivo Geral: Recolher a opinião do entrevistado acerca dos Cursos Profissionais na área do Turismo, aferindo se as disciplinas **História da Cultura e das Artes e de Geografia** são fundamentais e contribuem para a formação do futuro técnico profissional de turismo.

Objetivos específicos	Elementos para a orientação das informações e das questões
1. Legitimar e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">- comunicar que os dados de opinião recolhidos no decurso da entrevista serão apresentados de forma anónima.- informar o informante sobre os assuntos da entrevista e os objetivos da mesma.- solicitar a colaboração na reflexão sobre os assuntos em questão, visto ser um conhecedor do problema em estudo.
2. Recolher dados sobre o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none">- idade?- formação académica?- formação profissional?- nº de anos de serviço?- nº de anos de experiência no ensino profissional?- nº de anos a lecionar a disciplina de História da Cultura e das Artes(HCA)?- nº de anos a lecionar a disciplina de Geografia?- cargos desempenhados no ensino?
3. Recolher dados sobre os cursos de Turismo no contexto	<ul style="list-style-type: none">- o que pensa do ensino profissional em Portugal?- o que gostaria de ver alterado no ensino profissional em Portugal?- que perspetivas tem para este tipo de ensino?

<p>das Escolas Profissionais.</p>	<p>- os cursos de turismo (Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural) são importantes para o desenvolvimento local/regional? De que maneira?</p>
<p>4. Recolher dados sobre a importância da disciplina para o futuro técnico de turismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - como vê o ensino da HCA nesta área profissional? - como vê o ensino da Geografia nesta área profissional? - qual a importância da disciplina de HCA para estes profissionais? - qual a importância da disciplina de Geografia para estes profissionais? - refira os aspetos fundamentais na disciplina de HCA para o exercício da atividade turística (tendo em conta o perfil de competências dos alunos)? - refira os aspetos fundamentais na disciplina de Geografia para o exercício da atividade turística (tendo em conta o perfil de competências dos alunos)? - o programa da disciplina de HCA está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros técnicos de turismo? - o programa da disciplina de Geografia está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros técnicos de turismo? - se tivesse que fazer alterações no programa de HCA, para corrigir eventuais falhas, quais as que faria? - se tivesse que fazer alterações no programa de Geografia, para corrigir eventuais falhas, quais as que faria? - pensa que os seus alunos, enquanto futuros técnicos de turismo, no final curso saem com formação suficiente (conhecimentos necessários) na área de História? (- se não, que formação deveria ser feita futuramente) - pensa que os seus alunos, enquanto futuros técnicos de turismo, no final curso saem com formação suficiente (conhecimentos necessários) na área de Geografia? (- se não, que formação deveria ser feita futuramente)
<p>5. Recolher dados sobre (problemas de) a aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> - acha que as metodologias utilizadas nas aulas de HCA vão de encontro às necessidades dos alunos? - acha que as metodologias utilizadas nas aulas de Geografia vão de encontro às necessidades dos alunos? - em HCA, em que medida o conhecimento da realidade local é importante? - em Geografia, em que medida o conhecimento da realidade local é importante? - que atividades práticas são feitas no âmbito da disciplina de HCA, de forma a (melhor) preparar os alunos para uma mais fácil integração na “vida ativa” (pedir exemplos) - que atividades práticas são feitas no âmbito da disciplina de Geografia, de forma a (melhor) preparar os alunos para uma mais fácil integração na “vida ativa” (pedir exemplos) - quais os principais problemas que identifica na aprendizagem da sua disciplina (HCA)? - que soluções sugere para esses problemas? - quais os principais problemas que identifica na aprendizagem da sua disciplina (Geografia)? - que soluções sugere para esses problemas?
<p>6. Verificar se sobre o</p>	<p>- gostaria de dizer mais alguma coisa sobre este assunto?</p>

<p>assunto tem algo mais a dizer.</p> <p>Agradecer a entrevista</p>	<p>- agradeço a sua colaboração</p>
---	-------------------------------------

ANEXO 4 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO PROFESSOR B

ENTREVISTA REALIZADA AO PROFESSOR “B”

Data de realização da entrevista: 11/09/2014 às 15.30 h

Duração da Entrevista: 31m 46 s

Local. Crato

E: Ora boa tarde professor “**B**”, em primeiro lugar queria agradecer a sua disponibilidade para...para comigo colaborar neste...neste trabalho, portanto o objetivo deste trabalho é recolher a sua opinião acerca dos cursos profissionais na área do turismo, concretamente o curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural e Técnico de Turismo, aferindo se a disciplina de História da Cultura e das Artes e a disciplina de Geografia são fundamentais e contribuem para a formação do futuro técnico profissional de turismo...aaah... aaah...desde já quero informar, portanto, que a informação recolhida faz parte integrante de um trabalho académico, concretamente uma tese de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo e Ensino Secundário, de uma maneira geral, portanto, posso-lhe dizer que os assuntos que vamos abordar nesta entrevista estão relacionados, estão divididos, digamos assim, em quatro grandes temas, o primeiro recolher alguns dados biográficos, portanto, do entrevistado, do informante, neste caso concreto do professor “**B**”, depois uma parte...uma segunda parte que tem a ver com os cursos de turismo nas escolas profissionais e as perspetivas para este tipo de ensino, depois ainda um outro, uma outra temática que aborda a importância das disciplinas de história e geografia para o futuro técnico de turismo, não é?, e depois uma última parte que tem a ver com a aprendizagem em si, portanto, com a aprendizagem dos próprios alunos no decorrer das aulas de História da Cultura e das Artes e de Geografia, aaah..., portanto, podemos então começar?

B: sim podemos, boa tarde desde já.....

E: pronto.. a idade do professor “**B**”?

B: tenho 36 anos

E: formação académica?

B: sou licenciado em história em ensino pela universidade de Évora, aaah...professor do 3º ciclo e ensino secundário, tenho um Mestrado também feito em História, em História Política

pela Universidade de Cáceres e estou a concluir o Doutoramento também em História Política pela universidade de Cáceres... História Contemporânea.

E: formação profissional, já me disse que é profissionalizado não é?

B: sim tenho... na altura quando fiz a licenciatura pela universidade de Évora foi logo com a profissionalização também, portanto fiz o estágio, o estágio académico foi feito na altura, estágio de um ano, que me deu habilitações profissionais para o grupo que leciono..

E: o número de anos de experiência no ensino profissional?

B: aaah...desde 2003 que... que eu sou... que eu sou docente e desde 2003 que lecionei no ensino profissional, portanto cerca de onze anos..

E: e o número de anos a lecionar a disciplina de História da Cultura e das Artes?

B: sensivelmente os mesmos anos, portanto foi logo em 2003 no Centro de Formação Profissional de Portalegre, onde nos cursos Profissionais também tínhamos esta... esta disciplina de História da Cultura e das Artes

E: hum, hum... e o número de anos a lecionar a disciplina de Geografia?

B: no ensino profissional é recente, falamos de dois, três anos, no ensino público já lecionei já alguns anos, mas de facto em termos, em termos de ensino profissional dois, três anos

E: ok!, os cargos... além da função docente, portanto, que outros cargos tem desempenhado no ensino?

B: aaah...no ensino fui... fui e sou atualmente diretor de turma, do ensino... no ensino secundário desempenhei cargos também ao nível das Novas Oportunidades quando... quando lecionei também, desde o profissional de RVCC a Técnico de Diagnóstico, aaah...portanto foram os cargos que, foram... e aqui na escola também faço assessoria à Direção da Escola, são basicamente... são esses os cargos

E: aaah...passamos então à recolha, digamos assim, de dados sobre os cursos de turismo no contexto das escolas profissionais, aaah.... o que é que o professor “**B**” pensa do ensino profissional em Portugal?

B: penso que deve ser uma aposta de futuro, tendo em conta a realidade e o contexto em que o país se encontra e enquadrando aqui também um espaço, um espaço europeu visto que outros países têm apostado muito no ensino profissional, há uma grande lacuna que nós temos em Portugal a partir do momento em que as escolas industriais e comerciais sofreram uma grande... uma grande transformação, pós 25 de abril, e ficamos com uma grande lacuna aaah...ficamos com falta de técnicos especializados, falta de gente para trabalhar nestas... nestas áreas e então aí, depois mais tarde, aparecem os centros de formação para dar essa

resposta, mas até que aparecessem os centros de formação, nos anos 90, nós ficamos aqui com um grande vazio e neste momento as Escolas Profissionais são importantíssimas para formar técnicos nestas... nestas áreas, visto que nos outros países e em França, na Alemanha tem-se apostado muito no ensino... no ensino profissional e aliás, vendo bem o caso alemão onde nós temos quase 50% dos alunos já no ensino profissional, portanto é uma das metas que aqui em Portugal também... também se pretende, eu acho que deve ser uma aposta de futuro..

E: de futuro....o que gostaria de ver alterado no ensino profissional em Portugal?

B: aaah...se calhar uma questão de mentalidade, porque para o ensino profissional inicialmente muitos alunos que nos chegavam aqui eram alunos que, digamos, que eram alunos rejeitados, que eram afastados do ensino... do ensino regular e o ensino profissional, digamos, era mesmo para aqueles alunos que não tinham um bom comportamento, não tinham aproveitamento, então era um escape, era uma fuga era o ensino profissional. E veja-se até há bem pouco tempo, foi também... saiu uma nova legislação em que as escolas que tivessem os alunos no ensino regular e que eles não conseguissem aproveitamento dois ou três anos seguidos, seriam automaticamente encaminhados para o ensino profissional. Portanto, não é uma questão de vocação mas sim uma questão de aproveitamento ou comportamento, e a questão de mentalidades deve ser... deve ser alterada, também a nível de... a nível de legislação e na Assembleia da República deverá... deverá trabalhar-se nesse... nesse sentido para que o ensino profissional esteja em pé de igualdade com o ensino regular e que não haja aqui esta a discriminação que tem existido.

E: muito bem....que perspetivas tem para este tipo de ensino?

B: a perspetiva que eu tenho é que deverá contribuir e vai contribuir decisivamente para o futuro do nosso do nosso país, a perspetiva é essa, num tempo de crise em que a... a situação económica das...das famílias, do país é sobejamente conhecida, é claro que tem que haver aqui uma grande reflexão e ver qual é que é o papel que o ensino deve ter, essa reflexão deve ser feita pelos... pelos... pelos partidos políticos, pelos políticos mas pela sociedade em geral, de forma a conseguirmos projetar um futuro melhor e um futuro melhor passará inevitavelmente pela aposta no ensino regular mas também muito pelo ensino profissional.

E: aaah...portanto no seu entender os cursos de turismo e eu aqui quando falo em cursos de turismo, portanto, refiro-me concretamente ao Técnico de Turismo e ao Técnico de Turismo Ambiental e Rural são importantes para o desenvolvimento local e para o desenvolvimento regional? De que maneira?

B: sim, sem dúvida, sem dúvida porque a... e como tinha falado há pouco, perante... perante a crise que nós estamos a atravessar, nós temos que aproveitar e explorar aquilo que são as nossas potencialidades e o turismo é sem dúvida uma das grandes potencialidades do nosso país, da nossa região, desde a gastronomia, os monumentos, o clima que nós temos, tudo isso deve ser deve ser aproveitado e é uma... é uma receita importantíssima para o estado português, para as nossas regiões, para as nossas autarquias, apostar-se cada vez mais em turismo é uma vocação que nós temos e temos que aproveitá-las porque se não aproveitarmos esta vocação que nós temos, estamos a prescindir daquilo que é um bem precioso que Portugal tem e muitos, muitos outros países gostariam de ter.

E: passaríamos então aqui a um outro objetivo deste... desta... desta entrevista, aaah... como vê o ensino da História da Cultura e das Artes nesta área... nesta área profissional?

B: aaah...aaah...esta disciplina é crucial porque estamos a falar de técnicos de turismo, aaah... e os técnicos de turismo obviamente que têm que... que têm que conhecer a história, a história local, a história nacional, a história da... da humanidade, daí a sua extrema importância porque quando forem para, para o terreno, seja para pousadas seja para, para museus, eles têm que conhecer não só a história local, a história regional, nacional e história, digamos, da nossa humanidade desde... desde os primórdios até... até aos dias de hoje, por isso aí é que é importantíssimo eles saberem, terem o conhecimento geral, para além de desenvolverem uma série de competências que são fundamentais enquanto jovens, mas há este conhecimento todo abrangente que isso aí então é importantíssimo.

E: relativamente à Geografia a mesma questão, quer dizer, como vê o ensino da Geografia nesta área profissional?

B: aaah...extremamente... extremamente importante, faço muito aqui a ligação, uma vez que leciono as duas... as duas disciplinas, entre a História e a Geografia, a Geografia... é importante conhecer o meio físico, tudo aquilo que nos envolve, desde o relevo, desde o clima, compreender, por exemplo, como é que há o desgaste, como é que há a erosão em muitos monumentos, é preciso conhecer o nosso solo, é preciso conhecer as nossas condições climáticas, é preciso conhecer o meio que nos envolve para nós também percebermos, daí a extrema importância dessa disciplina que é a Geografia para estes cursos profissionais. É importante que haja esta ligação entre estas duas disciplinas e não só, a interdisciplinaridade é fundamental no ensino e para mais ainda no ensino profissional eles conseguirem relacionar estas duas áreas e tirarem o maior proveito delas.

E: refira os aspetos fundamentais na disciplina de História da Cultura e das Artes para o exercício da atividade turística, portanto, isto tendo sempre em conta, como é óbvio, o perfil de competências dos alunos.

B: aaah...em relação aqui aos aspetos fundamentais e tem sido um dos grandes problemas que... que eu tenho detetado no ensino profissional, será eles conseguirem localizar no tempo e no espaço, continuamos ainda com algumas dificuldades e é um aspeto fundamental que os nossos alunos quando saírem aqui da nossa escola têm que saber muito bem localizar no tempo e no espaço, o monumento, a época que se está aqui... que se está aqui a estudar, até porque cortes temporais muito grandes para quem... para um turista que está a conhecer um monumento, que está a conhecer a história, a história local poderá ser... poderá ser bastante... bastante negativo para a imagem daquele... daquele estagiário que está ali, daquele... daquele futuro profissional, portanto é um aspeto crucial, além de localizar no tempo e no espaço, obviamente conhecer em primeiro lugar a história local, a história local porque estamos a falar de jovens que à partida grande parte deles vão estagiar aqui na nossa... na nossa região e temos que conhecer primeiro a nossa região, valorizar aquilo que é nosso para depois então conseguirmos mais facilmente transmitir.

E: aaah...relativamente à Geografia, portanto, a mesma questão se coloca, gostaria que referisse os aspetos fundamentais dessa disciplina para o exercício da atividade turística, portanto, tendo também em conta o perfil de competências dos alunos

B: aaah...como falei em relação à História irei falar também em relação à Geografia, conhecer a nível local... a nível local quais é que são as características da nossa região, quais é que são as nossas potencialidades, quais é que são as nossas fragilidades que tem a nossa região, para depois então eles compreenderem... ser mais fácil então conseguirem-se relacionar neste... neste... âmbito não só com... com as pessoas, com os turistas que se nos apresentam aqui, mas também até nos meios... nos meios mais... mais próximos deles, mais familiares, no dia-a-dia, portanto, tentar valorizar aquilo que é nosso, por isso aí é que é... é extremamente importante, e eu reforço novamente a história local.

E: pronto... isso leva-nos a uma outra questão de seguida que é o programa da disciplina de História da Cultura e das Artes, está adaptado às necessidades destes alunos enquanto futuros técnicos de turismo?

B: aaah...está adaptado, pese embora se pudesse fazer aqui algumas alterações, mas eu penso que está, mas depois iremos falar dessas alterações...

E: se tivesse que fazer alterações no programa de História da Cultura e das Artes para corrigir eventuais falhas que, enfim, no seu entendimento possam existir, quais as que faria?

B: focalizava mais a nível local e a nível regional, visto que os conteúdos são bastante, são bastante abrangentes, são bastante densos, tentar selecionar mais aquilo que, pelo menos aquilo que se toca mais aqui com a história local.

E: diga-me o seguinte, pronto isto vem na sequência... na sequência de, enfim, de outras conversas, de outras entrevistas que já tive com outros colegas... no seu entendimento o programa devia fazer uma abordagem mais em termos de história... de história económica, história política, enfim, fazer com que os alunos conhecessem melhor o contexto, por exemplo, em que determinados módulos são lecionados, sei lá... estou-me a lembrar por exemplo da Cultura da Ágora, Cultura do Senado, aliás qualquer um deles, há aí alguma lacuna no seu entendimento ou não?

B: os módulos, portanto, estão... estão divididos, digamos, em duas partes, a primeira a parte cultural e em relação à Cultura da Ágora, nós quando começamos a falar na Grécia, na Grécia antiga, primeiro fazemos um contexto à época, um contexto económico, social, cultural, só depois daí é que nós conseguimos perceber as manifestações artísticas que surgem, porque elas surgem porque existe alguma coisa que está antes e de facto no programa, no programa faz essa divisão e aliás até os manuais que são adotados da Porto Editora, que nós aqui na escola adotamos, fazem muito bem isso essa... essa... essa separação, os alunos têm maiores dificuldades quando nós entramos mesmo na arte, quando estamos mesmo a analisar a arquitetura, a escultura, a cerâmica, aí eles têm mais... mais dificuldades, a nível de contexto social, a nível cultural, político, económico não têm tanto essa dificuldade não têm muito essa dificuldade, porque a maior parte deles fizeram o 9º ano no ensino regular e no ensino regular dá-se uma enorme... dá-se um enorme destaque mais à história política e económica do que a à história da arte ...

E: já trazem esses conhecimentos digamos assim....

B: já trazem esses conhecimentos, em relação à história da arte o conhecimento é muito... é muito reduzido, por isso aí é que vem a grande dificuldade depois quando se divide aqui o programa em, digamos, em dois... falar-se sobre a arte porque os conhecimentos aí são muito poucos... muito poucos básicos ou então nalguns casos são mesmos nulos.

E: relativamente à Geografia a mesma questão, quer dizer, o programa da disciplina de Geografia está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros técnicos de... de turismo?

B: eu acho que é muito denso, o programa de Geografia muito denso, faz pouca ligação com a história local também, com a nossa... com a nossa região aaah...mas é extremamente difícil conseguir cumprir o programa como está, sei que, pronto que há sempre algumas alterações que se podem... que se podem fazer, o programa é uma referência como o próprio nome indica, mas eu acho que é extremamente denso, depois temos duas opções, há dois módulos que nós podemos optar ou lecionarmos ou não, talvez aqui o mais desejável fosse aumentar este leque dentre todos os módulos que nós temos para... para lecionar, alargar esse leque e termos uma opção de escolha muito maior, coisa que não acontece em relação à história...

E: mais módulos opcionais é isso?

B: é isso, mais módulos opcionais coisa que existe em Geografia e não existe em História.

E: portanto, já vi que isso seria já uma alteração que faria, mas se tivesse que fazer alterações no programa de Geografia para além dessa, para corrigir eventuais falhas, digamos assim, quais... quais essas alterações, quais as que faria?

B: reduzir os conteúdos e tornar o programa muito mais dinâmico, muito mais prático, que fosse muito mais exequível no terreno, como é por exemplo em relação à História, com mais questões práticas, coisa que em Geografia falta aqui um pouco.

E: hum, hum, pensa que os seus alunos enquanto futuros técnicos de turismo no final do curso saem com formação suficiente, ou seja, com conhecimentos... com os conhecimentos necessários na área da História?

B: aaah...nós, nós pensamos que sim, eu trabalho... trabalho para isso, para que eles saiam daqui com... com os conhecimentos, mas se calhar mais do que os conhecimentos as ferramentas... as ferramentas, é importante que eles... que eles saiam daqui com um grande leque de conhecimentos mas eu sei que isso seria utópico, que eles dominassem perfeitamente todas... todas as épocas históricas, todos os movimentos artísticos e que os soubessem de uma ponta à outra, não é isso que se pede porque eles não são atores de teatro, agora têm que ter a capacidade, de ter a ferramenta e saber onde é que vão buscar a informação, isso para mim é que é fundamental, para além de ter esses conhecimentos é ter as ferramentas e conseguir ir buscar informação quando não a têm, quando não a sabem.

E: aaah...relativamente à Geografia é, portanto, a mesma situação, pensa que os seus alunos enquanto futuros técnicos de turismo, no final do curso saem com formação suficiente na área da Geografia?

B: penso que sim, portanto, é para isso que trabalhamos não é?

E: exato, exato..

B: volto novamente a referir a mesma coisa, mas que, paralelamente com os conhecimentos acrescentaríamos aqui sempre importante a busca deste conhecimento, que é, que são as ferramentas, que isso aí é que é crucial.

E: passaríamos então para um outro objetivo, digamos assim, desta entrevista, que se prende com a recolha de dados sobre a aprendizagem ou problemas relativos à aprendizagem. O professor “**B**” acha que as metodologias nas aulas de História da Cultura e das Artes vão de encontro às necessidades dos alunos?

B: bem, as metodologias, elas têm vindo... têm vindo a mudar, nós... nós vamos adaptando e eu faço isto consoante o público que eu tenho... que eu tenho ali à frente, é feito o diagnóstico inicial, saber as potencialidades, as qualidades que os alunos também têm e a partir daí então as metodologias irão... irão guiar-se para aquele... para aquele público, as metodologias que eu utilizo numa turma de 10º ano não são as mesmas que eu vou utilizar numa turma de 11º, e até mesmo num ano seguinte, numa futura turma de 10º ano os métodos podem... podem ser sempre um pouco... um pouco diferentes, mas à partida aquilo que procuro aqui é conjugar não só um ensino expositivo, mas tentar que as aulas não sejam só com um ensino expositivo mas um ensino mais à descoberta, um ensino mais prático, o saber fazer, o descobrir, dar-lhes essa autonomia que basicamente é isso que eles irão fazer depois quando... quando entrarem no mercado de trabalho, são técnicos, para além da componente teórica ser extremamente importante, são jovens que têm que ir à descoberta e têm que criar os seus próprios métodos e a conjugação dos vários métodos penso que isso aí é que é importante.

E: relativamente à Geografia a mesma questão, portanto, acha que as metodologias utilizadas nas aulas de Geografia vão de encontro às necessidades dos alunos?

B: sim, procura-se... procura-se adaptar, é feito esse diagnóstico inicial e depois de feito esse diagnóstico vamos tentando conjugar os vários métodos, se é uma turma... se é uma turma que nos vimos que tem alguns alunos com mais potencialidades para ir... seguir para o ensino superior, em que há essa vontade, nós também poderemos aqui adaptar e avança-se se calhar nestas aulas um pouco com um modelo mais teórico, se virmos que são alunos que... que eles próprios manifestam um grande interesse em começar a trabalhar rapidamente, acabar o curso e ser mesmo... seguir esta área, portanto, alterar aqui os métodos... portanto isto varia muito em relação ao público alvo que nós temos à nossa frente, temos que ter a sensibilidade de separar, para fazer isso também, porque estamos a falar de pessoas não estamos a falar de

máquinas não é?, e obviamente temos que nos tentar adaptar ir ao encontro daquilo que são as expectativas deles.

E: em História da Cultura e das Artes em que medida o conhecimento da realidade local é importante?

B: é importante para valorizar o meio em que nós estamos... nós estamos inseridos, é importante porque eles quando começarem a estagiar muitos deles estagiam aqui na nossa... na nossa região, têm... que têm que conhecer e eu parto sempre do... do princípio que temos que conhecer primeiro aquilo que nos é mais próximo para depois irmos começar a alargar para sermos muito mais abrangentes, não conhecendo aquilo que nos é mais próximo vamos ter uma grande dificuldade em depois conseguir alargar

E: a mesma questão para Geografia, portanto, em Geografia, em que medida o conhecimento da realidade local é importante, não é?

B: também, encaixa-se perfeitamente na resposta... na resposta que eu dei, primeiro aquilo que nos é mais próximo, depois então vamos então alargar, vamos para outros horizontes, mas a escola também fica situada num meio que nós conhecemos, o interior, e à que valorizar aquilo que o Alentejo tem, o Alto Alentejo tem, o concelho do Crato tem e temos muita história e vamos tentar valorizar a história, vamos tentar valorizar o meio ambiente, aquilo que nos rodeia porque essa também é uma função que tem a nossa escola

E: que atividades práticas são feitas no âmbito da disciplina de História da Cultura e das Artes de forma a melhor, diria eu, preparar os alunos para uma mais fácil integração no mercado de trabalho, portanto na vida ativa?

B: nós temos... temos algumas atividades, visitas de estudo por exemplo, temos realizado algumas visitas de estudo aqui na nossa região, vamos para fora também, tentamos... tentamos que haja aqui um intercâmbio com os outros Polos, coisa que é feita, a escola tem essa vantagem, ter vários Polos no nosso país, fazemos esses intercâmbios, são momentos de partilha e depois visitamos... visitamos locais, fazem-se visitas... visitas guiadas, também há jogos didáticos que são feitos, também temos por hábito organizar colóquios, conferências aqui na escola, abertos à comunidade, à comunidade escolar, de forma a que essa comunidade também sinta que que pode... que pode vir à escola, que pode participar, que a escola é de todos, não é só dos alunos que estão aqui mas de todo o meio envolvente e são basicamente são essas as atividades que nós...

E: portanto acha que as atividades que são feitas são suficientes ou são as possíveis?

B: temos que... temos que analisar isso por vários... por vários prismas...há a questão também de nós conseguirmos cumprir um programa e se realizarmos muitas visitas, muitas atividades destas, depois temos alguma dificuldade em conseguir lecionar alguns... alguns conteúdos, se bem que alguns conteúdos também podem ser lecionados só nestas... nestas atividades portanto, é preciso conjugar aqui muito bem, mas nem sempre... nem sempre isso... isso é possível e depois é também uma questão também... também financeira porque acarreta alguns custos, acarreta a logística toda que está que... está envolvida e é preciso haver aqui um certo, um certo equilíbrio que nós vamos tentando fazer de ano para ano, consoante os alunos que temos, a possibilidade também financeira dos alunos, da escola, e é preciso saber gerir isto tudo muito bem.

E: relativamente à Geografia a mesma questão, quer dizer, que atividades práticas são feitas no âmbito da disciplina de Geografia de forma a melhor preparar os alunos para uma mais fácil integração na vida ativa, no mercado de trabalho?

B: tentamos, portanto, como eu tinha referido, tentamos sempre... sempre que possível fazer, por exemplo, este ano estamos... estamos a pensar ir visitar o Boletim Meteorológico ali em Portalegre, conhecer... conhecer outras... outras regiões, como estava a dizer o próprio intercâmbio que nós... que nós fazemos com os outros... com os outros Polos, também serve para nós conhecermos o clima que se faz a Norte, que faz a Sul, no litoral e interior e esses intercâmbios também servem... também servem muito... muito para isso, depois alguns colóquios, algumas palestras que estamos a organizar, que temos organizado também nos últimos... nos últimos anos e alguns jogos, *pady paper* por exemplo, que eles fazem muito em Geografia articulando aqui com outras, com outras disciplinas e é um conhecimento mais prático que eles gostam, de ir... de ir prá rua, de andar... de andar no campo e de fazer essas... essas descobertas, também consegue-se... consegue-se aprender, há momentos de lazer mas há momentos de aprendizagem, conjugando essas duas coisas... é aquilo que deve ser feito.

E: quais são os principais problemas que identifica na aprendizagem da... da disciplina de História da Cultura e das Artes?

B: as maiores dificuldades têm a ver com uma nomenclatura muito própria em relação à parte da arte, alguns termos muito técnicos que eles têm... que eles têm alguma dificuldade em dominá-los, referi também logo ao início a questão da localização no tempo e no espaço, eles conseguem fazer essa localização exata mas a questão de... de alguns nomes muito... muito específicos e de alguns monumentos, por exemplo, que nós temos no manual de História,

alguns monumentos que não se... que não se localizam em Portugal e eles têm alguma dificuldade em sair também daquilo que nos é mais próximo e ir para outras realidades e conhecer o Barroco na Alemanha, na Áustria, na Holanda e fazer aí esse salto nem sempre é muito fácil.

E: que soluções sugeria para esses... esses problemas?

B: eu tenho... tenho utilizado muito as tecnologias, alguns trabalhos... alguns trabalhos de pesquisa eles têm ido à internet, têm visto alguns museus virtuais que felizmente temos... temos ao nosso ao nosso dispor, trabalhos, pesquisar alguns monumentos, apresentar os monumentos, enquanto futuros técnicos de turismo vão pesquisar a história daquele... daquele monumento, vão descrever a funcionalidade daquele monumento nos dias de hoje e depois então apresentam à turma, têm feito isso com algum sucesso, portanto, penso que é para... que é para repetir este ano, voltarem a trabalhar monumento a monumento e não só a nível local ir para fora também, para que eles consigam valorizar aquilo que é a história não só local mas a história da humanidade.

E: relativamente à Geografia a mesma questão se levanta, quais os problemas que identifica na aprendizagem da disciplina de Geografia?

B: alguns termos muito técnicos, o próprio programa é muito denso, também é exigente, para conseguirmos cumprir o programa... o programa todo, é uma ginástica uma ginástica muito grande, depois em relação à Geografia, por exemplo no 12º ano, quando nós começamos a falar sobre... sobre a Europa, existe também ainda alguma... alguma dificuldade em conseguir perceber o que é esta Europa, esta união entre estes estados todos, aconteceu isso o ano passado não sei se irá acontecer também este ano, mas a Europa continua a ser uma coisa que nos está muito distante, eu noto isso, principalmente no 12º ano, quando se fala em Europa é uma coisa fora de Portugal, não é uma coisa intrínseca a nós, não é uma coisa que nos pertença é uma coisa que está lá fora, está lá longe e a Europa continua para muitos alunos a ser... a representar os fundos que veem, o dinheiro que vem, basicamente é isso e a intervenção e a cidadania que nós temos a nível europeu tem sido muito escassa.

E: há uma falta de interesse, digamos assim, por tudo o que é Europa, pode-se dizer isto?

B: aliás, isso pode-se ver, por exemplo, quando foram as últimas eleições europeias cuja abstenção foi altíssima, isto porque continuamos a ver a Europa ainda com alguma distância e continua-se a passar um cheque em branco para os eurodeputados portugueses que estão lá, somos pouco exigentes com eles, também não se conhece muito o trabalho que é feito lá e tudo isto, embora existam e eu tenho conhecimento que há uma série de programas onde é

possível os jovens irem... irem a Bruxelas, algumas visitas que podem... podem... podem fazer, continuo a ver que ainda há um grande distanciamento em relação a esta Europa, infelizmente continua a ser assim, não sei se é por sermos, por estarmos no Sul desta Europa, nós sermos mais periféricos e que há um grande desconhecimento do que é esta Europa.

E: que soluções sugeria então para resolver este tipo de problemas?

B: estou a organizar uma palestra este ano para ver se consigo combater isso, e talvez com algumas palestras vou ver se isso é possível, onde nós vamos aqui debater no Crato, vai ser uma palestra aberta à comunidade toda, vamos debater o que é esta Europa, que futuro tem esta Europa e qual é que é o papel que Portugal tem a desempenhar e também aproveito para também dar aqui esta, esta novidade, é que nesta conferência nós vamos problematizar o facto de haver a possibilidade de Portugal abandonar esta Europa, quais é que são as consequências... no fundo pertencemos à Europa ou então abandonamos esta Europa e vamos trazer aqui alguns ilustres políticos que nos vão... que nos vão falar um pouco sobre isso, para ver se os nossos alunos conseguem abrir um pouco mais aqui os horizontes, eles próprios também construirão a sua opinião, a sua ideia, porque é importante que eles vão construindo a sua ideia e vão discordando dos professores que têm aqui e vão criando a sua própria... a sua própria ideia, a sua própria argumentação, a sua própria crítica, e é isso que se pretende.

E: muito bem parece-me uma excelente ideia... professor “**B**” estamos a caminhar para o final deste... desta pequena conversa, portanto, gostaria de dizer mais alguma coisa sobre... sobre, enfim, os assuntos aqui abordados, as temáticas aqui referenciadas, digamos assim?

B: não, penso... penso que está completa, está completa a entrevista e as questões que são fundamentais penso que foram... foram colocadas, eu também acho que... que tentei... tentei responder não sei se correspondi....

E: sim, penso que sim

B: às expectativas

E: pronto, eu da minha parte resta-me uma vez mais agradecer a sua disponibilidade para colaborar neste... neste trabalho portanto e.... muito obrigado

B: obrigado, até sempre.

ENTREVISTA REALIZADA AO PROFESSOR “B”

Data de realização da entrevista: 11/09/2014 às 17.35 h

Duração da Entrevista: 2m 46 s

Local. EP2

E: aaah..., portanto, mais uma vez boa tarde Professor “**B**”, aaah... houve aqui duas situações que...que me levantaram algumas dúvidas, de modo que aah... temos que retomar novamente esta...esta entrevista para...proceder a um melhor esclarecimento sobre as mesmas. Aaah...qual a importância da disciplina de História da Cultura e das Artes para os profissionais de Turismo?

B: a importância, a importância é extrema, é extrema porque eles, jovens que irão entrar no mercado de trabalho, têm que...têm que conhecer a história...a história que nos...que nos envolve, primeiro a nível local e depois então nacional...também internacional...por isso é que é extremamente importante, porque estamos a falar de técnicos de turismo, é importante para os turistas que...que visitam os nossos monumentos e os nossos jovens irão fazer ...visitas...visitas guiadas, obviamente que eles têm...têm que conhecer a história, isso aí é crucial eles...eles dominarem para conseguir...para conseguir perceber, é importante depois na altura quando tiverem...quando tiverem a estagiar conhecer em pormenor o monumento que eles irão ali apresentar, mas têm que levar um conhecimento já antes aqui da escola, o meio envolvente, a história política, a história social, cultural e os movimentos artísticos que foram surgindo ao longo dos vários anos.

E: relativamente à Geografia a mesma questão, quer dizer, qual a importância da disciplina de Geografia para estes profissionais?

B: é extremamente, é extremamente importante, vai-lhes dar um conhecimento, vai-lhes dar as ferramentas fundamentais para eles depois conseguirem trabalhar nesta área...nesta área de turismo, é preciso dar a conhecer aos outros o meio que nos envolve, a questão física, os espaços rurais, os espaços urbanos, a mobilidade de pessoas também, e quem sabe se algum destes jovens não irá fazer um estágio ou irá trabalhar para uma país da Zona Euro, portanto, poderá sair de Portugal e ir para um outro país e nós temos que abrir fronteiras e temos que os preparar também para isso, e a Geografia aqui irá dar um contributo importantíssimo.

E: pronto ok...aaah, mais uma vez obrigado pelo reforço, digamos assim, deste...deste esclarecimento relativamente às minhas...às minhas dúvidas...e obrigado.

B: nada

ANEXO 5 - GUIÃO DA ENTREVISTA AO PROFESSOR C

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS Mestrado de Habilitação para a Docência

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM INFORMANTE QUALIFICADO

(PROF.C)

Durante prevista da entrevista: 45 minutos

Duração real da entrevista: 36m 42s

Local: EP1

Data: 15/09/2014

Estratégia de execução da entrevista: gravação de áudio

Meios utilizados: gravador de áudio, esferográfica e caderno de registo

Objetivo Geral: Recolher a opinião do entrevistado acerca dos Cursos Profissionais na área do Turismo, aferindo se as disciplinas de História e Cultura das Artes (HCA) e de Geografia são fundamentais e contribuem para a formação do futuro técnico profissional de turismo.

Objetivos específicos	Elementos para a orientação das informações e das questões
1. Legitimar e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">- comunicar que os dados de opinião recolhidos no decurso da entrevista serão apresentados de forma anónima.- informar o informante sobre os assuntos da entrevista e os objetivos da mesma.- solicitar a colaboração na reflexão sobre os assuntos em questão, visto ser um conhecedor do problema em estudo.
2. Recolher dados sobre o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none">- idade?- formação académica?- formação profissional?- nº de anos de serviço?- nº de anos de experiência no ensino profissional?- nº de anos a lecionar a disciplina de Turismo (ou outras relacionadas com a área do turismo)- cargos desempenhados no ensino?
3. Recolher dados	<ul style="list-style-type: none">- o que pensa do ensino profissional em Portugal?

<p>sobre a adequação, pertinência e relevância dos Cursos de Turismo no contexto das Escolas Profissionais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - o que gostaria de ver alterado no ensino profissional em Portugal? - que perspectivas tem para este tipo de ensino? - os cursos profissionais de turismo (Técnico de Turismo -TT e Técnico de Turismo Ambiental e Rural-TTAR) são adequados ao nível do ensino profissional (nível IV)? - os cursos de turismo (TT e TTAR) são importantes para o desenvolvimento local/regional? -há procura para este curso?
<p>4. Recolher dados sobre a importância das disciplinas de HCA e Geografia para o futuro técnico de turismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - como vê o ensino da HCA/Geografia nesta área profissional? - quais os aspetos da História da Cultura e das Artes e da Geografia que são mais importantes para as diferentes tipologias de turismo? - o programa da disciplina de História está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros técnicos de turismo? - o programa da disciplina de Geografia está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros técnicos de turismo? - pensa que os seus alunos, enquanto futuros técnicos de turismo, no final curso saem com formação suficiente (conhecimentos necessários) na área de História/Geografia? (- se não, que formação deveria ser feita futuramente)
<p>5. Recolher dados sobre (problemas de) a aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> - nas suas aulas, identifica nos alunos algumas lacunas em termos de aprendizagem, nas disciplinas de história e de geografia? - que soluções sugere para esses problemas? - de que forma é feita a interdisciplinaridade entre as disciplinas de História/Geografia e Turismo? (dê exemplos) - que mais valias podem os alunos retirar dessa interdisciplinaridade, para o seu futuro profissional?
<p>6. Verificar se sobre o assunto tem algo mais a dizer.</p> <p>Agradecer a entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> - gostaria de dizer mais alguma coisa sobre este assunto? - agradeço a sua colaboração

ANEXO 6 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO PROFESSOR C

ENTREVISTA REALIZADA AO PROFESSOR “C”

Data de realização da entrevista: 15/09/2014 às 17.30 h

Duração da Entrevista: 36 m 32 s

Local. Benavila (EP1)

E: aaah... boa tarde professor “C”, em primeiro lugar agradecer...agradecer a sua colaboração neste...neste trabalho, portanto esta pequena conversa que iremos manter está relacionada com um trabalho de Mestrado que estou a efetuar, aaah...Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo e no Ensino Secundário e o objetivo geral deste...desta pequena conversa que vamos ter, portanto, é recolher a opinião do entrevistado acerca dos cursos profissionais na área do turismo aferindo se as disciplinas de História e Cultura das Artes e de Geografia são fundamentais e contribuem para a formação do futuro técnico profissional de turismo. Portanto, queria informá-lo que todos os dados recolhidos no decurso desta entrevista são apresentados *à posteriori* de forma anónima, aaah...aaah os assuntos que iremos abordar ao longo desta pequena conversa estão divididos, digamos assim, em quatro grandes partes, primeiro recolher dados sobre o entrevistado, portanto neste caso concreto sobre o professor “C”, aaah ...depois...saber se os cursos de turismo nas Escolas Profissionais, portanto a sua importância e as perspetivas para este tipo de ensino, depois uma terceira, uma terceira...um terceiro objetivo, digamos assim, que é saber a importância da disciplina de História e de Geografia para o futuro técnico de turismo, aaah... que tem a ver com a adequação ou a importância dos programas das disciplinas para este...este profissional de turismo e por último uma parte, enfim, desta conversa está relacionada com a aprendizagem em si, portanto, com a aprendizagem dos próprios alunos no decorrer das...das aulas, portanto é este, digamos assim, são estes aliás, os grandes objetivos deste nossa...desta nossa conversa, aaah...podemos...podemos começar?

C: sim, podemos com certeza.

E: pronto, em primeiro lugar a idade do professor?

C: aaah...tenho 43 anos

E: aaah...qual a sua formação académica?

C: a minha formação de base é uma Licenciatura de 5 anos em Gestão Turística e Cultural

E: a sua formação profissional?

C: formação profissional, tenho várias formações mas talvez a mais significativa em termos complementares tem a ver com a área segurança e higiene no trabalho, Técnico Superior de Segurança e Higiene no Trabalho.

E: quantos anos tem...tem de serviço?

C: sensivelmente, na área do ensino e da formação, sensivelmente há dez anos

E: há dez anos?... e quantos desses...anos tem já de experiência no ensino profissional?

C: os mesmos...dez anos sensivelmente, mais ou menos

E: o número de anos a lecionar a disciplina de Turismo ou disciplinas relacionadas, digamos assim, com a área do turismo?

C: sim, sempre com a área do turismo, também, além da segurança, mas desde o início exatamente que eu iniciei esta atividade, portanto há dez anos precisamente

E: portanto, além da função de...de professor, de formador, digamos assim, que outros cargos tem desempenhado na...na...no ensino, na formação?

C: além de docente e de formador, aaah..., desempenhei também a função de Diretor de Curso, anteriormente designado de Coordenador de Curso e também de Tutor em contexto de trabalho, acompanhei vários estagiários, sim, nesse sentido.

E: portanto, a experiência nesta área é vasta?

C: sim, já alguma

E: aaah..., portanto, passaríamos a um dos objetivos desta conversa, recolher dados sobre a adequação ou pertinência e relevância, digamos assim, dos cursos de turismo no contexto das Escolas Profissionais... o que é que o professor “C” pensa do ensino profissional em Portugal?

C: é assim, neste momento o ensino profissional em Portugal... neste momento deixa-me algumas dúvidas no que respeita às novas formas de ensino e de formação, posso estar a pensar, por exemplo, no ensino dual e no ensino vocacional...traz-me algumas dúvidas porque não, não está...são, são formas de formação e de ensino que não estão devidamente clarificadas...podemos estar a falar por exemplo no ensino dual, sendo então uma forma de ensinar, de entregar competências para que eles as possam desenvolver aos alunos e aos formandos, em que, de certa forma, parte dessa formação ou grande parte dessa formação acontece em contexto prático, ou seja, junto das empresas, isto quer dizer o quê?, isto traz-me dúvidas porque, e sendo ela também mais valorizada, quer a formação prática é mais valorizada sobre a formação teórica, de certa forma estamos a entregar responsabilidades acrescidas às entidades acolhedoras, penso que se está a fazer uma passagem ou uma

transferência de responsabilidades entre as Escolas, ou os Centros de Formação e as próprias empresas, a minha dúvida é que não sei se essas empresas estão preparadas para receber este tipo de alunos, quando não sabemos se nas mesmas existem profissionais capacitados para acompanhar estes alunos ou formandos, sabemos também e o cenário hoje em dia quando nós visitamos locais de estágio, é que quem acompanha os estágios, quem são os seus tutores nem sempre têm o tempo disponível e o tempo preciso para fazer esse acompanhamento devido, desde logo o momento do acolhimento e depois todo acompanhamento que vai sendo preciso ao longo da estadia do formando nessas empresas, muito mais numa situação ou num cenário destes em que o aluno irá passar grande parte da sua formação ou maioritariamente parte da sua formação aaah..., nesses locais, portanto...é a dúvida que...que ...me suscita neste momento. O ensino vocacional eu penso que seja importante, até porque estamos a pensar num público, ou estamos a dirigir um público-alvo muito específico, estamos a falar de jovens que não se conseguem adaptar ao ensino regular, e de certa forma....

E: ensino profissional?....

C: exatamente, ensino profissional, e estamos de certa forma a...a enviá-los para o mundo do trabalho muito rapidamente, não sei até que ponto é que de tão tenra idade estão preparados para, até porque não desenvolveram competências a outros níveis, quer ao nível humano, relacional e por aí fora, se eles estão preparados também para o fazer, a ideia pode ser boa, contudo ficam, ficam algumas dúvidas pelo meio, pelo menos da forma como possa estar a ser pensado neste momento...

E: portanto, vê com algum pessimismo, digamos assim?

C: não, não vejo com pessimismo vejo com algumas reservas, algumas reservas sim pessimismo não, porque acho que questões culturais, também para nós portugueses sempre que alguma coisa de novo entra na nossa vida resistimos, algumas reservas não pessimismo, penso que há muito trabalho para ser feito e vai ser feito.

E: se, enfim, se pudesse, digamos assim, se tivesse esse poder de decisão, o que é que gostaria de ver alterado no ensino profissional em Portugal?

C: aaah...podemos começar exatamente por aqui, aaah...eu acho que o ensino ele deve ser ainda da competência das próprias escolas e não estar já a fazer uma transferência de responsabilidades de uma forma tão rápida, porque eu acho que é nas escolas, junto com os professores, com os formadores, que os alunos e os formandos adquirem competências e que as possam desenvolver. Sim, formação em contexto de trabalho acho que sim, é muito importante, o que eu alteraria seria exatamente isso, não tão brusco e ...e não sei se não

valorizaria mais à componente prática à formação teórica, porque eu acho que elas são importantes, quer uma quer a outra, e eu penso que a prática sobrepor-se à teórica, penso que talvez não seja esse o melhor caminho.

E: que perspetivas tem para este tipo de ensino?

C: aaah...para este tipo de ensino em termos de perspetivas aaah...é como eu já lhe disse, neste momento com algumas reservas, penso que seja importante, até porque hoje em dia cada vez as empresas precisam mais de pessoas... que consigam desenvolver e relacionar essas competências, a teórica e a prática, até porque o mundo do trabalho está...e aparece muito rapidamente na vida destes...destes jovens, aaah...as perspetivas futuras para este tipo de ensino eu penso que tem importância, e começa a ter mas tem de se trabalhar, penso eu, com mais, com mais cuidado junto desses públicos, por vezes até muito jovens, e há um trabalho a ser feito junto desses mesmos públicos, de forma a prepará-los para...para esse mundo do trabalho, nalguns casos muito cedo.

E: aaah...portanto, dada a sua experiência, digamos assim, nesta área profissional, acha que os cursos profissionais de turismo, e eu aqui quando falo em cursos profissionais de turismo refiro-me em concreto ao curso de Técnico de Turismo e ao curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, portanto perguntava eu, acha que estes cursos são adequados ao nível de ensino profissional, neste caso concreto ao nível IV?

C: sim, eu penso que sim, e estamos a falar de dois cursos, embora sejam de turismo, são...são diferentes... um do outro, cada um tem a sua importância em termos até de perfil de desempenho e saídas profissionais, mas o Técnico de Turismo é um curso que tem a sua importância, é um curso que está mais relacionado com a parte do atendimento da parte do prestar informações de âmbito turístico aos...aos potenciais clientes ou mesmo clientes e também no que diz respeito à parte organizativa, podemos estar a falar de eventos, por exemplo. O Turismo Ambiental e Rural penso eu, que é um curso bastante complexo, aaah...e completo também, até porque é um curso que consegue desenvolver três áreas de conhecimento distintas e relacioná-las, que é a área do turismo, a área de gestão e a área do ambiente, eu acho que é um curso bastante completo em que os alunos obtêm conhecimento e conseguem desenvolver competências nestas três áreas que no fundo acabam por ser aquilo que lhe dá oportunidades e perspetivas para trabalhar dentro do turismo de uma forma ...muito mais alargada e aí é isso também que se pretende, são três áreas que se relacionam e de extrema importância para...para o turismo.

E: estes cursos de turismo são importantes, na sua ótica evidentemente, para o desenvolvimento local e para o desenvolvimento regional?

C: são, eu penso que sim e cada vez mais, principalmente o curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural em que, através deste curso e não é hábito e não é por acaso que em termos de... de indicações do próprio governo atual, valoriza um curso deste género, Técnico de Turismo Ambiental e Rural como sendo um dos cursos para algumas áreas do país, para algumas regiões do país peço desculpa, como uma área, como uma das áreas prioritárias, não prioridade máxima, mas que tem obviamente a sua prioridade...sendo o espaço rural e também ambiental... há áreas que são de grande potencial para o turismo, de grande interesse, daí o facto de se querer aproveitar cada vez mais, isto contrapõe um pouco ao tipo de turismo mais citadino e mais urbano e percebe-se que tendo em atenção o território que nós temos, as nossas características, o ambiental e rural são aqueles que identificam muito o nosso povo e a nossa cultura, portanto em que acaba por ser resultado dos dias de hoje, das vivências em que as pessoas, nomeadamente as famílias procuram este tipo de turismo para fazer desenvolver imensas atividades onde podem encontrar conhecimento mas também podem descansar e desenvolver outro tipo de atividades que não poderão fazer, aaah... nas cidades, não é?, devido...devido às características dos próprios territórios e à importância que eles têm para este tipo de turismo.

E: aaah...há procura, portanto, por parte dos jovens para...para este curso?... para estes cursos, digamos assim...

C: aaah...eu penso que sim, aaah...penso que sim, há procura quer para um quer para o outro, quer para o Técnico de Turismo quer para o Técnico de Turismo Ambiental e Rural, aquilo que poderá por vezes afastar os jovens ou pelo menos não será afastar mas provocar pouco interesse é quando nós falamos de um curso de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, a ruralidade os possa preocupar um pouco e o associam muito á componente agrícola, digamos assim, aaah,... mas devidamente esclarecidos em que se fala e se apresenta o perfil de desempenho para este profissional, consegue-se perceber que num curso deste género se conseguem desenvolver atividades de extrema importância quer na área da animação quer na área dos desportos mais radicais, quer na área ambiental também, tendo em atenção a riqueza que temos em termos de áreas protegidas que o nosso país tem e que se pode fazer muita coisa nesses territórios.

E: ok!, aaah... o professor “C”, além de professor desempenha as funções de Diretor de Curso, não é? do curso, dos cursos de Turismo, aaah,... portanto, a História, as disciplinas de

História e de Geografia fazem parte dos Planos Curriculares de ambos os cursos, não é? aaah, como é que o professor “C” vê...vê o ensino da História nesta área profissional?

C: aaah...é o seguinte, pelo que eu me vou apercebendo também pelos próprios conteúdos programáticos em termos de História, a História é de extrema importância para o turismo, o facto dela também ser uma das componentes fortes em termos modulares para estes...para estes cursos, porque a história acaba por ser aquilo que representa o nosso passado, não é?, estamos a falar da herança que nós temos hoje em dia, aliás há muitos territórios que vivem à custa disso, em termos turísticos...

E: hum-hum!...

C: à custa daquilo que eles herdaram do passado, à custa da sua história e pouco têm mais para oferecer, indústria não existe, serviços muito poucos e é normalmente essa história que lhes dá importância e que lhes dá alguma dinâmica económico-social destas regiões, portanto há muitas delas que dependem disso, obviamente que conhecer a história quer a nível local, regional, nacional ou até mesmo noutros contextos, podemos estar a falar no contexto europeu, é de extrema importância para um técnico de turismo, sem dúvida nenhuma, é uma das disciplinas base, aaah... e essenciais ao turismo em Portugal e não só, mas principalmente em Portugal e ao nível regional também.

E: relativamente à Geografia a mesma questão se coloca, quer dizer, como vê o ensino da...da Geografia nesta área aaah... do turismo, nesta área profissional?

C: a Geografia também obviamente tem a sua importância porque é assim, a Geografia ajuda-nos a conhecer os territórios e não há turismo se não existir viagem, para existir viagem temos...temos que ter transportes, temos que ter vias de comunicação, temos que ter acessibilidades, mas aquilo que se pretende, é obviamente conhecer esses territórios, as suas características intrínsecas, é saber o que é que existe em termos de relevo, em termos de fauna, em termos de flora, todos os recursos naturais que existem, mas é importante também saber para onde é que eu me vou deslocar e nós conseguimos identificar e conhecer...também as tendências e os fluxos, saber onde eu que eu estou e para onde é que eu quero ir e obviamente que só conhecendo e só tendo conhecimentos sobre geografia é que eu sei que estou num determinado local, vamos estar a falar em origem, e quero-me deslocar para...para um determinado destino, estamos aqui a falar de fluxos turísticos que compreendem...compreendem estes dois momentos distintos, portanto origens e destinos obviamente que o conhecimento geográfico das regiões é de extrema importância para o turismo sendo, obviamente, fundamental.

E: aaah...quais os aspetos, aaah... da História e da Geografia que são mais importantes para as diferentes tipologias de turismo? ...no seu entendimento claro...

C: para as várias tipologias de turismo, sem dúvida nenhuma, nós aqui estamos a falar do que existe em Portugal, um Plano Estratégico Nacional de Turismo, o chamado PENT que desenvolve, ou apresenta aliás dez produtos estratégicos para o nosso país, obviamente que para cada um deles temos motivações diferentes e obviamente que a História e a Geografia estão presentes em muitos deles, podemos estar a falar por exemplo no turismo em espaço rural em que a questão geográfica é de extrema importância, mais uma vez e eu volto a repetir o aspeto da paisagem física e não só, podemos estar a falar também não só geografia física mas também da componente humana, estamos a falar de uma paisagem humanizada, podemos estar a falar, por exemplo, que há construções, podemos estar a falar que as aldeias históricas, as aldeias de xisto, portanto, enriquecem determinadas regiões, também elas têm exatamente o cunho e a participação humana e também não acontece em todo o território, e mais uma vez também a parte da Geografia aqui é de extrema importância para podermos chegar até lá. Se lhe falar por exemplo do turismo de negócios, em termos de História a motivação não será tão fácil de encontrar uma motivação para um turismo de negócios, mas a parte da Geografia sim, portanto, se estivermos a falar de um turismo de negócios estamos a falar daqueles... viajantes, digamos assim, que se deslocam com motivações profissionais em que querem participar em seminários, congressos, reuniões, feiras, obviamente que, e elas não acontecem só no nosso território nacional, acontecem também a nível internacional, grandes feiras que acontecem aqui ao lado em Espanha, em França, na Suíça, em que a componente geográfica também é de extrema importância, portanto, para conhecer esses territórios, para saber para onde é que...que vão e quais as suas características ou as características desses mesmos territórios...se estivermos a falar de um outro produto, saúde...saúde e bem-estar, podemos estar a associar isso mais à parte das termas também, ou seja elas aparecem e localizam determinadas zonas do nosso território em que a questão geográfica está muito presente, a parte da saúde e bem-estar, algumas terapias que se desenvolvem só nalgumas regiões do...do nosso país com essas mesmas características, podemos estar a falar ao nível da saúde, podemos estar a falar nos tipos de água, das características dessas águas, eu sei que tenho que me deslocar para determinado território para poder usufruir dessas mesmas águas, ou seja, a questão também é muito importante, da Geografia, sol e mar, acho que é inevitável quase falar deste produto, não é?, portanto sol e mar tendo em atenção toda a costa marítima que nós temos, temos uma costa de mais de 800 quilómetros, obviamente que... a forma como

essas...como essa costa se apresenta e com as diferenças que acontecem de norte a sul do país também, obviamente, que a geografia está...está aqui presente

E: a questão do clima, não é?.....

C: sim e a questão do clima também, é de extrema importância sim, e podemos estar a falar também de um outro tipo de...temos estado aqui a falar de...de clima...podemos estar a falar também de um outro tipo de...de turismo também associado a desportos de inverno, não só...que se contrapõem aqui ao sol e mar...podemos estar a falar também, por exemplo, numa Serra da Estrela onde também a importância do território está presente. Turismo religioso, aaah...temos associada a questão histórica, obviamente que sim, mas também temos associadas aqui a questão das motivações, ou seja o participar em celebrações religiosas, em que as pessoas se deslocam com essa motivação, podemos estar aqui a olhar para Fátima, podemos estar a olhar para Braga, para Viana do Castelo, portanto grandes centros de peregrinação religiosa, aaah...não só para participar em cerimónias destes género, mas também para visitar locais onde essas cerimónias dão lugar, onde elas acontecem...

E: aí já entra a História, não é?.....

C: aí já entra a História também, obviamente que sim, está bastante presente, e também a parte de...podemos estar também a falar de...da parte dos edifícios, da parte arquitetónica não é?, estilos arquitetónicos que estão presentes em muitos monumentos, mosteiros, conventos e por aí fora...tantos deles...aaah... turismo cinegético...turismo cinegético é uma outra forma de fazer turismo também, portanto estamos aqui presentes com motivações distintas não é?, estamos a falar da caça e da pesca do ponto de vista desportivo que acontecem geralmente em zonas de caça ou reservas turísticas, acontece muito também no Alentejo, principalmente no Alentejo, nas próprias herdades e obviamente que a questão geográfica aqui estará ela muito presente...*o city breaks*...

E: em que sentido aí, por exemplo?....

C: desculpe?

E: aaah...dê-me um exemplo, por exemplo aí dessas....

C: no turismo anterior?.....cinegético?

E: cinegético, sim.....em que a Geografia possa ser realmente importante....

C: a Geografia aqui é de extrema importância porque...porque estamos falar que são...são zonas...zonas de caça que acontecem em herdades, estamos a falar em território, estamos a falar do Alentejo que tem as suas especificidades em termos de território onde só lá elas podem acontecer não é?,...tendo em atenção também o tipo de fauna que possa existir nessas

mesmas regiões, aaah... portanto e que apresentam essas condições mesmo propícias à prática deste tipo de desporto também, porque não deixa de ser um desporto a caça e a pesca desportiva, aaah...passando para, por exemplo os *city breaks*, estamos a falar dos tais fins de semana prolongados ou mais alongados, isto é um tipo de produtos que nós temos no nosso PENT que, acaba por ...dar importância a estas duas áreas à história e à geografia, portanto estamos a falar que este tipo de produto ele acontece nas principais cidades, quer nacionais quer a nível europeu, em que a principal motivação é conhecer e descobrir essas cidades, em termos arquitetónicos, em termos patrimoniais, portanto a história aqui presente, e depois obviamente que estamos a falar por toda a europa, portanto a questão geográfica e a questão da deslocação e dos fluxos turísticos obviamente, obviamente que eles acontecem, aaah...o turismo de natureza...sendo também um produto nosso definido nesse Plano Estratégico, podemos-lhe associar formas de fazer turismo, turismo de natureza, o ecoturismo pode estar associado, se bem que nós em Portugal, e do meu ponto de vista não é um produto ou não pode ser falado num produto o ecoturismo, o ecoturismo pode estar integrado no turismo de natureza, mas ele por si só não tem expressão em termos de território nacional, porque aqui estamos a falar de territórios pouco ou nada explorados pelo homem, portanto e Portugal essa...essa...essa questão não...não acontece tanto assim como acontece noutros países, como é o caso do Brasil que...talvez dos melhores exemplos a nível de ecoturismo...o ecoturismo obviamente que temos aqui presente a questão ambiental também, em termos de fauna e de flora, de preservação da natureza, de sustentabilidade dos recursos naturais, portanto, esses territórios é importante conhecê-los também, conhecê-los nas suas diversas formas, aaah.... o turismo cultural é um tipo de turismo em que também a motivação histórica está presente e também a parte da Geografia aqui está ela presente, o turismo cultural será outro produto estratégico para nós e para o nosso país e dentro do cultural cabem muitos elementos não é?, posso estar a falar de, por exemplo da arte, dos museus, da gastronomia, do património histórico, dos eventos, da música, portanto aqui cabe obviamente muitos...muitos aspetos e também sabemos que esses eventos acontecem em determinadas zonas do nosso país,... podemos estar a falar por exemplo de espetáculos de música de verão, eles acontecem e estão espalhados por todo o território nacional, não é?. aaah...e quem se dirige para esses territórios, para essas localidades, obviamente que tem que ter um conhecimento mínimo sobre como lá chegar e que condições vai encontrar, em termos de paisagem, geomorfologia e por aí fora, é todo o interesse, até por questões de segurança, saber e conhecer todos esses pormenores...

E: muito bem, aaah... diga-me o seguinte professor “C”, aah... portanto, daquilo que conhece acha que o programa da disciplina de História da Cultura e das Artes, portanto que tem esta denominação nos cursos de turismo, está adaptado às necessidades dos alunos... enquanto futuros técnicos de turismo?

C: é assim, essa é uma questão que eu posso responder com algumas reservas tendo em atenção os conhecimentos que eu tenho em termos de conteúdos programáticos... eu penso que como o próprio nome da disciplina assim o diz, está muito vocacionada também para a parte da arte e sabemos que história é muito mais que isso e por vezes é importante perceber “porque é que” e relacionar porque é que determinados acontecimentos aconteceram, porque é que determinada tendência em termos de arte aconteceu, temos que se calhar perceber que ... e enquadrar, fazer o tal enquadramento que é de extrema importância, não é?... a questão social, política, económica, portanto tudo isso aí justifica porque é que nós fomos além fronteiras em termos de descobrimentos, porque é que mais tarde fomos buscar tendências em termos de arte pela Europa fora e trouxemos para cá, obviamente não tem mal nenhum inspirarmo-nos naquilo que os outros fazem, penso que possivelmente aqui na ... naquilo que eu sei em termos de conteúdos, haja necessidade de alargar um pouco mais os horizontes dos alunos, ou seja, clarifica-los um pouco mais, ir um pouco além do programa, o programa por si é um pouco estanque e por vezes não dá liberdade para que se possa fazer enquadramentos e justificar determinadas tendências históricas, é importante também chegar junto aos alunos e não só ficarmos por aí, mas justificar sempre e argumentar porque é que determinado aspeto da história aconteceu e, portanto, a contextualização é de extrema importância.

E: hum, hum.....relativamente à ...

C: à Geografia?

E: à Geografia a mesma questão, quer dizer....

C: exatamente

E: acha que o programa da disciplina está adaptado às necessidades dos alunos enquanto futuros técnicos de turismo, ou não?

C: pelo que eu sei, pelo que eu conheço, eu penso que sim, até porque na área da Geografia trabalha-se várias áreas de extrema importância, posso... podemos estar a falar em termos de capítulos específicos sobre os transportes, um aspeto essencial para a prática do turismo, estamos a falar que as atividades económicas são devidamente exploradas, estamos a falar que o espaço rural é devidamente evidenciado e explorado, também a dinâmica das cidades são faladas, portanto estamos aqui a falar de uma série de aspetos de importância para o

turismo...obviamente que sempre a questão da geografia física e dos territórios, e o conhecer esses territórios, e o conhecer a geomorfologia, a parte do relevo, da vegetação, a parte ambiental também ela aí toda ela muito importante, e...e eu penso que sim, neste momento também penso que a geografia esteja...esteja...esteja direcionada nesse sentido.

E: aaah...portanto, posto isto pensa que os seus alunos enquanto futuros técnicos de turismo, no final do curso saem com formação suficiente, ou seja com os conhecimentos necessários na área da História?

C: sim, eu penso que sim....

E: por aquilo que conhece, enfim...

C: ...sim..

E: ...enquanto Coordenador de Curso, enquanto

C: ...sim

E: ...enquanto professor de turismo também, não é?

C: sim, eu penso que sim, porque é assim são temas que para nós, para o turismo servem como que matéria-prima, quer a História quer a Geografia, esses conhecimentos ao serem...digamos assim, evidenciados nessas disciplinas, obviamente que eles depois, por nós na área do turismo, são devidamente trabalhados, não é?...portanto, a nossa oferta turística também passa pelos conhecimentos que eles já têm bem bem presentes... e que conseguem fazer uma boa aplicação desses...desses...desses conhecimentos até porque eles depois acabam por ser evidenciados não só a nível de dinâmicas de formação que vão acontecendo, bem como também em termos de trabalhos finais de curso, podemos estar a falar de, por exemplo, das Provas de Aptidão Profissional, em que muitos desses alunos vão buscar quer a História quer a Geografia como disciplinas ou ferramentas base no desenvolvimento da sua própria PAP, quer no que diz respeito à criação de itinerários, roteiros históricos, culturais, pelo próprio território não só local mas também regional, mas eles conseguem fazer muito bem essa...essa adaptação em termos de conhecimentos e conseguem aplicar isso em termos de proposta que é uma prova final de curso.

E: portanto, podemos afirmar, sem...sem qualquer reserva que em termos de História e Geografia, digamos assim, eles...a formação que lhe é ministrada é suficiente?...neste nível de formação, digamos assim...

C: sim, do meu ponto de vista eu penso que seja suficiente, até porque nós vamos precisar de outras áreas de conhecimento que não só a História e a Geografia, estas são as duas aqui faladas hoje e de extrema importância, são importantíssimas, mas penso que, e pelas provas

que eles têm dado em termos de aplicação de conhecimentos quer em termos de propostas quer de animação, por exemplo, animação turística, que eles vão buscar esses conhecimentos, penso que até ao momento os resultados são satisfatórios, conseguem fazer uma boa aplicação desses conhecimentos, portanto posso concluir que são, são suficientes.

E: passaríamos então aqui a um outro objetivo desta conversa, que tem a ver com a aprendizagem em si,...portanto nas suas aulas, identifica nos alunos algumas lacunas em termos de aprendizagem, quer na disciplina de História, quer na disciplina de Geografia?

C: lacunas, é assim, podemos estar a falar nalguns casos de imprecisões e isso naturalmente acaba sempre por acontecer ...de uma forma geral aquilo que eu me apercebo e estamos aqui a falar, como eu disse à pouco, nós vamos buscar os conteúdos de história e geografia para aplicar também aquilo que interessa no turismo, eu consigo perceber que eles conseguem fazer essa, essa, essa aplicação, poderão surgir algumas imprecisões, penso eu, em termos de, de território e não saberem muito bem onde é que se situa, onde é que aconteceu determinado evento ou acontecimento histórico portanto, mas isso acaba por ser normal em termos de.....

E: portanto, estamos a falar em problemas de ...do tempo histórico em si, digamos assim....

C: aaah...sim, porque isso obriga-os a alguma memorização, não é?, em termos de datas e questões cronológicas que de alguma forma aí possam escapar, mas penso que são tudo questões pontuais que possam surgir, agora em termos de conhecimentos não vejo lacunas que sejam consideradas relevantes para o bom desempenho destes alunos como profissionais.

E: de que forma...portanto, uma vez que o professor “C” é professor de Turismo, de que forma é feita a interdisciplinaridade entre as disciplinas de História e de Geografia e a disciplina de Turismo?

C: é assim, essa relação...

E: tem alguns exemplos, por exemplo, que nos possa, que nos possa dar sobre essa interdisciplinaridade?

C: é assim, essa, essa, essa relação íntima acaba por acontecer nessas três áreas...complementares, acaba por acontecer porque... obviamente que, e um técnico de turismo, aquilo que se quer de um técnico, quer de um Técnico de Turismo quer de um Técnico de Turismo Ambiental e Rural, quer este profissional como outro qualquer, ele tem de ser cada vez mais criativo, não é, acho que o sucesso passa um pouco por aí, acho que não nos podemos cingir a fazer aquilo que os outros fazem, acho que a componente criativa aqui é muito importante e o turismo precisa disso hoje em dia, precisa dessa tal criatividade,

relacionar, obviamente, estes...estas, estas áreas do conhecimento distintas é de extrema importância porque...

E: distintas, mas ao fim e ao cabo complementares...

C: complementares, sem dúvida nenhuma são complementares, porque que se eu me desloco para determinado território para conhecer determinado monumento eu tenho que saber como é que eu chego lá e obviamente tenho todo o interesse além de ter informação, saber se esse monumento...interessa-me saber tudo o que diz respeito aquela região, portanto eu acho que isso acaba por, por ser importante, ou seja, se para definirmos, e a OMT, a Organização Mundial do Turismo dá-nos logo aí essa...essa sugestão, para haver turismo é preciso haver viagens, portanto se é preciso haver viagens eu tenho que me deslocar, portanto eu tenho que passar por territórios diferentes daqueles que eu conheço...muitas vezes, mas obriga-me também, e o meu interesse é esse também, é conhecer e aprofundar conhecimentos nessa área, portanto é uma passagem em termos espaciais não é?, de uns territórios para os outros e obviamente que eu tenho que os conhecer, tenho que saber a forma como chego até lá e obviamente quando chegar a esses territórios aquilo que nós, pelo menos em Portugal, temos não falo só em termos de turismo nacional, turismo doméstico, podemos estar a falar também de turismo lá para fora interessa-me conhecer esses territórios, não é?, onde a maior deles, e nós estamos no mais velho continente, que é o continente europeu, a História está toda ela presente no continente europeu, como também em Portugal, portanto obviamente que terei sempre que ter conhecimentos nessa área e uma, como disse à pouco e muito bem, complementá-lo, obviamente que depois o turismo o que é que vem aqui fazer, o turismo vem de certa forma trabalhar, vem vender, não é?, vem vender todas estas questões relacionadas, vem criar produtos e vem vender a públicos específicos, tendo em atenção as diferentes motivações, mas obviamente aquilo que o turismo vem é operacionalizar recursos, não é?, e eles existem, mas para que eu os possa chamar de recursos turísticos eles têm que ser devidamente oferecidos mas, obviamente, depois de um longo trabalho ser feito para que possa estar pronto a ser consumido.

E: portanto, ao fim e ao cabo, os alunos retiram, digamos assim, mais valias dessa interdisciplinaridade, não é?, para o seu futuro profissional....

C: eu penso que sim, e podemos até alargar ou seja, um aluno desta área do turismo eles não só vão buscar conhecimentos destas duas.... da História e da Geografia como vão buscar de outras áreas...é assim eu posso estar a falar de um aluno da área do turismo, que tem que ter conhecimentos sobre marketing, tem que ter conhecimentos sobre sociologia, tem que ter

conhecimentos nomeadamente ao nível do ordenamento do território, ou seja tem que ter conhecimentos ao nível da área da construção, da arquitetura, ou seja, eu penso e isto é sempre aquilo que eu digo, que eu acho que é de extrema importância que um aluno dentro destas áreas do turismo, obrigatoriamente ele tem que ter também conhecimentos, não diria dominar, mas tem que ter conhecimentos de outras áreas do conhecimento, ou seja, obriga a ter uma cultura também ela geral bastante grande, abrangente, e em termos de conhecimentos científicos e técnicos também de outras áreas do conhecimento que para nós são importantes, portanto o turismo precisa de muitas áreas de conhecimento, não só da História e da Geografia como temos estado aqui a falar, porque são de extrema importância, possivelmente são a base de todas elas e as mais importantes, mas temos muitas outras de que o turismo também precisa para poder... ser vendido, digamos assim...ser trabalhado e ser vendido

E: ok, professor “C”, gostaria de dizer mais alguma coisa sobre este assunto, enfim que não tivesse sido aqui abordado, que não tivesse sido aqui referido?

C: aaah...,basicamente acho que foi...foram ditas coisas importantes aqui, agora nesta, nesta conversa, aquilo que eu diria não só em termos de crítica para o ensino, não tem a ver com o ensino...mas possivelmente poderíamos estar a falar mais ao nível...a um nível mais superior, podemos estar a falar isto ao nível mais institucional, podemos estar a falar que as escolas promovem o ensino profissional, aaah..., mas é muito importante promover o ensino profissional, criar, ou seja, criar competências nas pessoas e desenvolve-las mas é importante também percebermos que se estamos num país que depende tanto em termos de PIB, o turismo cria tanta riqueza para o nosso país, não se percebe porque é que nalguns casos o turismo não é devidamente tratado, mas estamos a falar ao nível institucional, nós temos uma Secretaria de Estado do Turismo integrada num Ministério...mas podemos olhar para países que dependem tanto por exemplo do mar, e do turismo, criam os seus próprios Ministérios porque o país depende disto. Eu penso que preparar profissionais nesta área é importante, mas também é importante pensar nas saídas profissionais, mas para isso penso que ainda terá que haver algum trabalho ao nível governamental para que se possam criar ainda mais condições e mais saídas profissionais nesta área visto que ela é tão valorizada e do qual o nosso país depende tanto... estamos no bom caminho...estamos a formar pessoas...capazes e competentes para desenvolver o seu perfil, aaah... e desenvolver bem as suas atividades profissionais.

E: o professor “C”, quando fala em criar mais saídas profissionais está-se a referir concretamente a quê?

C: quando nós falamos aqui em mais saídas profissionais estamos...estou de certa forma a falar em abrir um leque um pouco maior em termos de..., porque por vezes confunde-se muito o que é trabalhar em turismo e o que é trabalhar na hotelaria e na restauração...quando eu digo criar mais atividades estamos a pensar, por exemplo em criar maior diversidade em termos de ofertas, em termos de empresas, em termos de instituições que possam desenvolver mais os oportunidades de trabalho, e reforço aquilo que eu digo, de trabalho, nestas áreas, não só a nível de empresas, mas também ao nível de outras organizações não...não necessariamente com fins lucrativos, mas também obviamente onde o turismo está, está sempre presente. Dependemos dele, teremos obviamente de trabalhar bastante mais nesse sentido.

E: ok!, bom, aaah..., obrigadíssimo por este... por esta sua colaboração, aaah..., penso...penso que o objetivo que se pretendia foi alcançado, resta-me agradecer a sua disponibilidade, e muito obrigado.

C: muito obrigado também...muito obrigado.

ANEXO 7 - ALGUNS DOS CONTRIBUTOS DAS DISCIPLINAS DE HISTÓRIA E DE GEOGRAFIA PARA AS TIPOLOGIAS DE TURISMO

TIPOLOGIAS DE PRODUTOS TURÍSTICOS (PENT)		DISCIPLINA DE HISTÓRIA	DISCIPLINA GEOGRAFIA
1	Sol e Mar	Cultura; Arquitetura; Arte; Etnografia; Tradições (das localidades de praia)	Paisagem, geomorfologia; hidrografia; clima; qualidade das águas balneares
2	Golfe (associado muitas vezes à saúde e bem estar)	Descoberta e fruição dos recursos das regiões – o património cultural.	Vários campos de golfe em diferentes locais do país, descobrir as atrações turísticas locais, rápida e facilmente.
3	Turismo de Negócios	A língua, as tradições, a religião, museus, a arquitetura das cidades onde as reuniões acontecem.	Rede de estradas; acessibilidades; transportes; morfologia das cidades; Centros históricos
4	<i>City Break</i>	Arquitetura, arte, <i>design</i> e eventos (viagens de curta duração em meio urbano)	Rede de estradas; acessibilidades; transportes; morfologia das cidades; Centros históricos
5	<i>Touring</i> Cultural e Religioso	A História, a etnografia, a arquitetura, a arte, a prática e a história da religião.	Rede de estradas; acessibilidades; transportes.
6	Turismo Residencial	Cultura; arquitetura; arte; etnografia; Tradições (das localidades onde adquirem a residência)	Viagem - cidadãos estrangeiros com interesse em adquirir casa em Portugal-matérias relacionadas com requisitos de entrada e de residência.
7	Turismo de Natureza	Património histórico; (aldeias históricas); património cultural (usos, costumes, gastronomia, tradições, artes e	Paisagem; relevo; geologia; litologia; flora; fauna; turismo submarino; preservação ambiental; valorização de recursos endógenos;

		ofícios)	
8	Saúde e Bem-estar	Utilização de terapias ancestrais. (Termas Romanas)	Águas termais com fins terapêuticos, a <u>extensa costa</u> litoral que permite perspetivar o incremento dos centros de talassoterapia, por exemplo. Qualidade das águas
9	Náutico e de Cruzeiros	Evolução da cartografia e técnicas de navegação.	Cartografia; hidrografia; orientação; condições meteorológicas favoráveis (clima); vasta costa marítima; diversidade de recursos naturais, <u>rios navegáveis</u> ; <u>barragens com potencial náutico</u> ; localização geográfica favorável (Portugal), na rota de correntes de tráfego internacionais; importância dos portos marítimos para a acostagem de cruzeiros (Lisboa e Funchal);
10	Gastronomia e Vinhos	Aprofundamento do conhecimento do património associado ao vinho e à vinha.	Unidades de enoturismo em Portugal (distribuição territorial); alternativa à tradicional agricultura; rota dos vinhos;